



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

BENILSON MARIO IECKER SANCHO

**MARÉ DE CIDADANIA:
uma experiência pedagógica com alunos
da escola pública no Museu da Maré**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Julho / 2016

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
Mestrado Profissional-Profhistória**

BENILSON MARIO IECKER SANCHO

**MARÉ DE CIDADANIA:
uma experiência pedagógica com alunos da escola pública no
Museu da Maré**

**Niterói
2016**

**Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História**

BENILSON MARIO IECKER SANCHO

**MARÉ DE CIDADANIA:
uma experiência pedagógica com alunos da escola pública no
Museu da Maré**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Nível: Mestrado

Área de concentração: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Orientador: **Prof. Dr. Everardo Paiva de Andrade**

**Niterói
2016**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S211 Sancho, Benilson Mario Iecker.

Maré de cidadania : uma experiência pedagógica com alunos da escola pública no Museu da Maré / Benilson Mario Iecker Sancho. – 2016.

147 f. : il.

Orientador: Everardo Paiva de Andrade.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016.

Bibliografia: f. 142-146.

1. Ensino de história. 2. Memória. 3. Museu da Maré (Rio de Janeiro, RJ). 4. Patrimônio. 5. Cidadania. I. Andrade, Everardo Paiva de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL-PROFHISTÓRIA**

BENILSON MARIO IECKER SANCHO

MARÉ DE CIDADANIA:

**uma experiência pedagógica com alunos da escola pública no
Museu da Maré**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Everardo Paiva de Andrade (Orientador)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Marise Basso
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Carina Martins
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Mario de Souza Chagas
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Niterói
2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao poder do Divino, que em sua diversidade ampliou os sentidos desta pesquisa.

Aos estudantes da turma 1902 do ano de 2015 da Escola Municipal Nerval de Gouveia, bem como à equipe de profissionais da escola, pela confiança, parceria e apoio no trabalho desenvolvido.

Ao professor, orientador e parceiro Everardo Paiva de Andrade, por me acolher, incentivar e apoiar em todos os momentos da pesquisa. A liberdade, autonomia e respeito marcaram profundamente este encontro.

Aos professores Carina Martins, Marise Basso e Mario Chagas pelo estímulo fraternal e solidário no momento da qualificação.

Ao Prof-História, pelas reflexões e novas perspectivas sobre o Ensino de História, que provocaram significativas mudanças na minha prática de ensinar.

À toda a equipe do Museu da Maré, que nos acolheu em nossas visitas e recebeu nossa exposição, fazendo toda a diferença no resultado da pesquisa.

À família e amigos, pelo amor incondicional e por acreditarem no meu potencial e me estimularem nos momentos mais difíceis.

Aos anônimos que deixaram suas marcas na exposição, ampliando o diálogo e os sentidos da Maré de Cidadania.

A cidadania está dentro da gente.

Mary Stephanie, estudante de 15 anos

RESUMO

A presente pesquisa é resultado de uma experiência pedagógica em ensino de História, realizada com estudantes da turma 1902, concluintes do Ensino Fundamental do ano de 2015, da Escola Municipal Nerval de Gouveia, em Ramos, na cidade do Rio de Janeiro. Busca oportunizar experiências de valorização de memórias pessoais e familiares, bem como de objetos pessoais e de espaços comunitários e musealizados na tessitura do conceito de cidadania. A partir do contato com exposições permanentes do Museu Histórico Nacional e do Museu da Maré, pretendeu que os estudantes se apropriassem de diferentes patrimônios, ampliando o olhar acerca da cidadania. Em Chagas (2003) procurou reconhecer a dimensão poética dos museus, bem como valorizar patrimônios e referências comunitárias, enquanto ações pedagógicas inclusivas de pertencimento. A compreensão da materialidade da história travestida em objeto, dentro e fora do museu, é sugerida por Ramos (2004). Em Larrosa (2015) o saber da experiência é concebido na relação entre o conhecimento e a vida humana. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa resultante da experiência pedagógica, expressa uma compreensão de autoria como uma rede de conhecimentos compartilhados com os estudantes da escola, no sentido apontado por Certeau (2012). A partir de tais pressupostos teórico-metodológicos, e em consonância com a proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História, os resultados incluem a promoção de experiências marcadas pela relação *apropriação/pertencimento* que culminaram com a produção de uma exposição coletiva, solidária e autoral no espaço institucional do Museu da Maré, a Maré de Cidadania, bem como a escrita deste texto. A exposição ocorreu no período de 24 de outubro a 4 de dezembro de 2015, no Museu da Maré.

Palavras-chave: Ensino de História. Memória. Museu da Maré. Patrimônio e Cidadania.

ABSTRACT

This research is the result of an educational experience in teaching History, held with students of the class 1902, graduating from elementary school in 2015, from the Municipal School Nerval de Gouveia, in Ramos, in the city of Rio de Janeiro. It aims to recover experiences of personal and family memories and personal objects and community and musealized in the collective construction of the concept of citizenship. From the contact with the permanent expositions of the Museu Histórico Nacional and Museu da Maré, we intended the students to appropriate of different assets, expanding their way to understand citizenship. In Chagas (2003) sought to recognize the poetic dimension of museums and enhance community assets and references, as inclusive pedagogical actions of belonging. The knowledge of the materiality shown through history object, inside and outside the museum, is suggested by Ramos (2004). In Larrosa (2015) the knowledge of experience is conceived in the relationship between knowledge and human life. From a methodological point of view, the resulting research of teaching experience, expresses a knowledge authored as a network of knowledge shared with school students in the direction pointed out by Certeau (2012). From these theoretical and methodological assumptions, and in line with the proposal of the Professional Master in Teaching of History, the results include the promotion of experiences marked by respect ownership / membership that led to the production of a collective solidarity and architectural exhibition at Museu da Maré, The Maré de Cidadania, as well as the writing of this text. The exhibition took place between October 24 to December 4, 2015, at the Museu da Maré.

Keywords: Teaching of History, Memory, Museu da Maré, Heritage and Citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PASSARELA 1 – TRAVESSIA INSPIRADORA	15
1.1 Minha caminhada até a Maré de Cidadania.....	15
1.2 Ensino de História e Cidadania: uma proposta de apropriação de referências socialmente inclusivas.....	17
1.3 Procurando conhecer os sujeitos da caminhada.....	24
1.4 Superando obstáculos.....	29
PASSARELA 2 - TECENDO A TEORIA, NO DIÁLOGO COM A LITERATURA	32
2.1 Razões que nos conduziram à Maré de Cidadania.....	32
2.2 Referências e diálogos na construção do caminho.....	38
PASSARELA 3 – TRAVESSIA EM BUSCA DE SENTIDOS	51
3.1 Primeiros passos.....	51
3.2 A hora e a vez dos objetos pessoais e dos espaços comunitários.....	52
3.3 Apropriando-se de patrimônios musealizados: Museu Histórico Nacional e Museu Maré.....	57
3.3.1 Visita ao Museu Histórico Nacional.....	58
3.3.2 Visita ao Museu da Maré.....	61
3.4 Aprofundando vínculos com o Museu da Maré.....	65
3.5 Oficinas de criação.....	69
3.6 A exposição Maré de Cidadania.....	74
3.6.1 A montagem da exposição.....	74
3.6.2 A abertura da exposição.....	75
3.6.3 A composição da exposição Maré de Cidadania.....	76
3.7 Concluindo a travessia.....	84

PASSARELA 4 – PERCORRENDO O MEMORIAL <i>MARÉ DE CIDADANIA</i> – VOZ E VISIBILIDADE AOS SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA.....	87
4.1 Os Bastidores da Ação Pedagógica.....	87
4.1.1 Espaços de comunicação.....	87
4.1.2 Garimpo de objetos pessoais.....	92
4.1.3 Revelando novos olhares sobre a escola.....	93
4.1.4 Elegendo espaços coletivos da comunidade.....	95
4.1.5 Visita ao Museu Histórico Nacional.....	96
4.1.6 Visita ao Museu da Maré.....	98
4.1.7 Reunião com a equipe do Museu da Maré.....	102
4.1.8 Contadores de Histórias da Maré.....	103
4.1.9 Retorno ao Museu da Maré.....	104
4.1.10 Oficinas de criação.....	105
4.1.11 Montagem da Exposição.....	113
4.2 A exposição Maré de Cidadania.....	115
4.2.1 Convite da exposição.....	115
4.2.2 Primeira sala: apresentação.....	115
4.2.3 Segunda sala: exposição fotográfica.....	119
4.2.4 Terceira sala: os sete tempos da Maré de Cidadania	123
4.2.5 Abertura da Exposição	132
4.2.6 A experiência na voz dos estudantes	135
4.3 O Museu da Maré recebe a Banca de Qualificação de Mestrado.....	135
CONCLUSÃO.....	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142
APÊNDICE.....	147

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema do patrimônio, bem como pelo ensino vinculado aos museus sempre esteve presente em minha prática de professor de história da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. Como artista plástico autodidata, desenvolvi empatia e afinidade pela arte e poder narrativo dos museus. Por mais de 20 anos lecionando em escola pública, muitas foram as experiências de ensino vinculadas aos museus e centros culturais.

No Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC)¹, com a parceria do PIBID², realizamos experiências de olhar a cidade em seu patrimônio histórico, desde o entorno do bairro de São Domingos, em Niterói, onde a escola está localizada, atravessando de barca para a Praça XV, no centro do Rio de Janeiro e concluindo com visitas aos museus, centros culturais e Igrejas da região da Praça XV. Foram frequentes as visitas ao Museu Histórico Nacional e à Igreja Nossa Sra. do Carmo, sempre com uma parada no chafariz do Mestre Valentim.

Ao ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de História, o Prof-História, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), logo me interessei pelas disciplinas relacionadas ao patrimônio e à memória. Paulo Knauss³, Carina Martins⁴ e Martha Abreu⁵ contribuíram generosamente na construção de pilares de sustentação da *passarela* que pretendemos atravessar neste trabalho de pesquisa. Referências teóricas, em diálogo com relatos de experiências de nossas práticas em ensino de história, permitiram que nos apropriássemos de novos sentidos (patrimoniais) e novos direitos (à memória e à história), contribuindo para que novos sujeitos ganhassem visibilidade.

¹ Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), fundado em 1847, é considerada a primeira Escola Normal da América Latina. Atualmente encontra-se vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). A escola localiza-se na Travessa Manoel Continentino, 32, São Domingos, Niterói.

² PIBID-Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

³ É professor do departamento de História e membro do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e exerce o cargo de Diretor do Museu Histórico Nacional (MHN)..

⁴ É professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). É uma das coordenadoras do Projeto PIBID História Maracanã.

⁵ É professora titular do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena projetos ligados à História pública da escravidão e à escrita da História em vídeo. Atualmente é consultora do Pontão de Cultura do Jongo e do Museu do Pontal.

A presente pesquisa foi motivada no momento em que cursei a disciplina Educação Patrimonial e Ensino de História, ministrada pela professora Carina Martins, como requisito parcial do Mestrado Profissional em Ensino de História–Prof-História. A visita ao Museu da Maré⁶, atividade promovida por ela, marcou profundamente a configuração do tema da pesquisa, assim como as reflexões teóricas relativas ao *poder da memória* (CHAGAS, 2003) articuladas para que a visita ao Museu da Maré ganhasse sentidos mais amplos.

A exposição Maré de Cidadania, resultado de uma experiência pedagógica, constitui-se da interface entre a escola e o museu, onde buscou-se trabalhar com conceitos que estão (ou que deveriam estar) presentes no cotidiano das práticas de ensinar história, sobretudo em ambientes da escola pública: patrimônio, memória, cidadania, identidades plurais, diferença, cultura e pertencimento.

Apesar do forte vínculo afetivo, social e profissional com o IEPIC, foi por decisão ética e política que optei por realizar a experiência pedagógica com estudantes da Escola Municipal Nerval de Gouveia⁷, onde atuo desde 2007, acreditando que o *poder da memória* encontraria terreno fértil e boa liga para construir a passarela sobre os pilares oferecidos no curso de mestrado.

A proximidade física da E.M. Nerval de Gouveia com o Museu da Maré e, por outro lado, a distância das práticas de ensinar história vinculada a referências socialmente inclusivas, marcada pelo desconhecimento do patrimônio musealizado do Museu da Maré, determinou a escolha pelos sujeitos da pesquisa. Ao tomarmos conhecimento do Museu, percebemos o potencial pedagógico que poderia ser articulado com a escola e os estudantes daquela região.

Os sujeitos acolhidos nesta experiência foram os estudantes da turma 1902 do ano de 2015, concluintes do Ensino Fundamental da Escola Municipal Nerval de Gouveia. A experiência procurou inicialmente detectar em que medida os estudantes, moradores da região da Maré, incluíam memórias pessoais e patrimônios comunitários quando acionavam o conceito de cidadania e em que medida se viam representados em museus.

Buscamos promover experiências de valorização de memórias pessoais, bem como de patrimônios comunitários e musealizados. Pela via da apropriação,

⁶ Localiza-se na Av. Guilherme Maxwel, 26 - Maré, Rio de Janeiro. O museu da Maré será apresentado no capítulo 3.

⁷ Localiza na Estrada Engenho da Pedra, 528, Ramos, Rio de Janeiro. A escola será apresentada no capítulo 3.

simbólica ou física, procuramos fortalecer sentimentos e ampliar sentidos de pertencimento. A criação de espaços de liberdade e de criatividade permitiu emergir novos olhares, poéticos e políticos, sobre o tema cidadania.

Dentro dessa perspectiva, buscamos promover experiências marcadas pela relação *apropriação/pertencimento*. Para tanto, realizamos atividades que procuraram dar visibilidade aos espaços comunitários compartilhados pelos estudantes e aos patrimônios dos museus Histórico Nacional e da Maré, cujo objetivo foi ampliar o olhar dos estudantes para o tema do patrimônio e por consequência da cidadania.

A construção de passarelas, físicas e simbólicas, entre a comunidade, a escola e o museu, entre valores individuais e coletivos, entre o plural e o singular, o lembrar e o esquecer, a memória e a história e entre tantos outros ires e vires, permitiu também a construção de uma exposição coletiva, solidária e autoral: a Maré de Cidadania.

Inspirados nas passarelas que cruzam a Avenida Brasil e permitem aos estudantes o acesso, não só à escola, mas também ao Museu da Maré, optamos por nomear os capítulos desta dissertação a partir de ideias que a passarela sugere: construção que permite cruzar obstáculos, pequena ponte (que possui sentido público e coletivo), espaço de travessia (que nos possibilita percorrer sentidos e significados variados) e lugar onde é possível encontrar pontos de partida, de conexões e de chegada.

Nesse sentido, partimos da *Passarela 1*, onde procuramos compartilhar nossa trajetória de vida pessoal e profissional, o que nos inspirou nesta caminhada rumo à Maré de Cidadania. Partimos da contextualização dos sujeitos da experiência, visando compreender as motivações e razões que nos conduziram à experiência pedagógica. Ainda neste capítulo apontamos os marcos metodológicos que nos orientaram no caminho percorrido.

Na *Passarela 2*, a partir das reflexões propostas por Abreu e Chagas (2003 e 2007) e Chagas (2010, 2011 e 2015) procuramos reconhecer valores patrimoniais nas memórias pessoais e comunitárias dos estudantes, compreendendo as relações de poder que se situam nas disputas por espaços de visibilidade, principalmente quando tratamos de patrimônios musealizados. A dimensão poética dos museus é sugerida também como potencializadora de construção de novos sentidos e significados. Somos convidados a antropofagizar os museus, nos apropriando de

patrimônios, ressignificando-os e construindo novas narrativas inclusivas de pertencimento.

Em Ramos (2004) somos convidados a olhar e pensar objetos, dentro e fora do museu, geradores de novas interpretações e sentidos. Ramos sugere que os objetos potencializam referências à história e à memória e, portanto, podem ser pensados, não apenas como um lastro fragmentário da realidade social-histórica, mas como corpo sobrevivente, passível de questionamentos, à luz da realidade social à qual os estudantes pertencem, contribuindo para que o ensino de história se torne significativo.

Tendo em vista nossa proposta de construir uma exposição coletiva e autoral sobre cidadania, encontramos em Larrosa (2002 e 2015) inspiração para pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*. Ao criticar o modo de pensar a educação como relação entre ciência e técnica ou entre teoria e prática, nos alerta para a valorização do excesso de informação e a obrigatoriedade de termos opinião, entendidas como posturas que estão na base da "aprendizagem significativa".

Buscando refletir sobre o ensino de história, o patrimônio e os museus, trouxemos, ainda, para nossa conversa autores como Huysem (2000), Lowenthal (1998), Meneses (1994), Guimarães (2009), Canclini (1994, 2012 e 2013), Bittencourt (2011) e Carvalho (2002), cujo texto foi socializado com os estudantes para tratar a trajetória da cidadania no Brasil.

Na *Passarela 3* procuramos descrever, em detalhes, o caminho percorrido em direção à exposição Maré de Cidadania. Dialogamos com teóricos que nos inspiraram a atravessar a passarela nos dois sentidos: em direção ao Museu da Maré e em direção à Escola Municipal Nerval de Gouveia e neste ir e vir, buscamos outros sentidos para a nossa experiência em ensino de história.

A inclusão de referências próprias do mundo de experiências dos estudantes, bem como de patrimônios musealizados, foi valorizada como ato político e ético na construção de um conceito de cidadania marcado pela via da inclusão, do pertencimento e do respeito à diversidade. Foi nessa perspectiva que procuramos deixar em nossa escrita a marca da relação *apropriação/pertencimento*.

Na *Passarela 4*, por fim, mesmo cientes de que tecnicamente este capítulo apareceria como anexo da dissertação, reconhecemos que, ao posicioná-lo enquanto capítulo do trabalho, estamos empoderando os sujeitos da pesquisa, uma vez que buscamos compartilhar, de forma solidária, também a nossa escrita,

dividindo com os estudantes a autoria, não só da experiência, mas do seu próprio registro e documentação. O caminho encontrado para trazê-los como co-autores da pesquisa foi compilar imagens e depoimentos no facebook e em arquivos pessoais. Fizemos pequenas intervenções, visando apenas ciceronear o leitor para que não perdesse o *fio da meada*.

PASSARELA 1 – TRAVESSIA INSPIRADORA

1.1 Minha caminhada até a Maré de Cidadania

Algumas lembranças insistem em permanecer, criando pontos de conexão com imagens (algumas desbotadas, outras nítidas, bem coloridas), despertando sentimentos. Afeto. Como cheguei à Maré de Cidadania? No começo eram 16 casas iguais. Uma vila operária na cidade de Nova Friburgo, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. O tempo era medido pelo apito da fábrica. Fábrica Ypu, onde meu pai, mecânico, trabalhou por uns 35 anos, até se aposentar. Humberto Sancho. Sete filhos e eu no meio deles.

No inverno, muito frio. Dentre tantos esquecimentos, a lembrança do velho banco de madeira permanece. Eu deitado no colo da mãe. O sol aquecia o corpo e o coração. Um cafuné corria enquanto palavras circulavam. Palavras hoje esquecidas. Onze horas e o apito da fábrica interrompia o cafuné. Tempo marcado, passado, significado. Tempo recordado. Movimentos para a chegada do pai. Meio dia. Almoço quente. O pai em sua cadeira predileta. No tempo da tarde saída para a Escola Estadual Dr. João Bazet. Fila. Hino. Bandeira. Disciplina. Eram os anos 70.

Numa manhã fria de sol e céu azul, Tia Carmem, a professora da terceira série, nos retirou da sala. A aula seria num parque em busca de folhas, flores, caules, raízes. Lá fora havia luz, cores, novos odores. No caminho até o parque, uma floresta de altos eucaliptos impressionava. Perfume. Mais do que uma aula de Ciências, um “fato histórico”. Um marco. O apito da fábrica em disputa com a sineta da escola mudava a relação com o tempo. Tempo fragmentado, diminuído. Tempo passado. Tempo recordado.

Quando chovia e faltava luz (isso era frequente) a mãe contava histórias do Vovô Felício e João Bolinha. Imaginação e carinho. Noite dormida, depois manhã fria. O tempo foi passando e nos anos 80, o Curso Normal. O Instituto de Educação de Nova Friburgo era para moças! Ainda não se falava em *bullying*. Tinha dor, mas tinha teatro, psicologia, pedagogia e história. Histórias infantis, criança. Ensino e aprendizado. Já sabia que passaria toda a vida na escola. Um eterno estudante...

Educação básica na escola pública concluída. Faculdade particular. Dupla jornada. Emprego durante o dia e *Santa Dorotéia*⁸ à noite. No tempo livre, teatro. Chegam os anos 90 e com eles a aprovação no concurso do Estado (*Professor Primário*) e a conclusão da Licenciatura em História. Formatura e emprego no colégio particular. Ensino e arte. Chega a pintura que nunca me deixou. Criação. Autoria. Amor e a mudança para Niterói.

Anos 2000 na UNIRIO⁹. Especialização em Educação Estética. Arte e Educação. Educação pela Arte. Exposições de pintura. Sensibilidade. Aprovação no concurso da Prefeitura do Rio de Janeiro. Escola em Ramos, alunos da Maré. Mudanças. No Rio de Janeiro, novos olhares sobre a cidade. Avenida Brasil e a passarela 12 na rotina do ensino de História.

Vem o PIBID¹⁰ com a UFF¹¹. Tardif¹². O saber e o fazer docente. Primeiros contatos com o professor Everardo Paiva¹³. Afinidade e inspiração. Troca de experiências. Prática e Reflexão. Ideias arejadas. Retorno à universidade e o encontro com o Mestrado Profissional em Ensino de História: O ProfHistória. Primeiros passos pela Educação Patrimonial. Carina Martins¹⁴ instiga, provoca e conduz ao patrimônio musealizado da Maré.

No Museu da Maré, humanidade latente. Painéis brilham com dignidade. No guarda vestido: memórias. Embaixo da palafita, lágrimas. O lugar toca o coração, transborda emoção e gera reflexão. Questões instigam e incomodam. Nove anos ensinando história aos jovens da Maré e o desconhecimento do Museu. Em busca de respostas e de novos desafios, um caminho de pesquisa: Saberes Históricos em

⁸Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia. Faculdade particular onde cursei Licenciatura em História.

⁹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁰O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica.

¹¹ Universidade Federal Fluminense.

¹²Maurice Tardif é um professor canadense, da Universidade Laval, em Quebec, e da Universidade de Montreal. Suas pesquisas são voltadas para evolução e a situação da profissão docente, além da formação de professores e os conhecimentos de base da docência.

¹³ Graduado em História e doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Faculdade de Educação da UFF e pesquisador do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência & Cultura – CDC/FEUFF.

¹⁴ Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino de História, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de história, educação em museus e materiais pedagógicos.

diferentes Espaços de Memória. A professora Carina Martins nos apresenta Mario Chagas¹⁵ e com ele o museu e o poder da memória.

Patrimônio, pertencimento e cidadania motivaram a pesquisa. Estudantes concluintes do Ensino Fundamental deram sentido à experiência pedagógica. Turma 1902 da Escola Municipal Nerval de Gouveia e a experiência de uma exposição coletiva, solidária e autoral sobre cidadania. Reencontro com Professor Everardo Andrade: orientação, confiança, generosidade, acolhimento e liberdade. Do mergulho em águas diversas emergimos na Maré de Cidadania.

1.2 Ensino de História e Cidadania: Uma proposta de apropriação de referências socialmente inclusivas

Ao longo de 24 anos como educador na escola pública foi possível experimentar diferentes caminhos no ensino de história. Muitas foram as experiências realizadas. O uso exclusivo de aulas expositivas e do livro didático, bem como do espaço da sala de aula, muitas vezes, mostraram-se ineficazes e desinteressantes, gerando desmotivação e baixo rendimento dos estudantes.

A experiência nos mostrou que, ao apostarmos no potencial crítico, criativo e poético dos adolescentes, abrimos portas e janelas para o conhecimento, uma vez que criamos laços de cumplicidade entre o professor, com sua experiência, formação acadêmica e, portanto, autoridade, embora compartilhada, e os estudantes, com suas memórias, histórias e vontade de pensar e agir sobre o mundo em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, buscamos inspiração nas reflexões propostas por Monteiro (2007) ao nos instigar a valorizar e compreender que as histórias que contamos aos estudantes não são simples reproduções das contidas nos textos acadêmicos, e sim a expressão de uma permanente e sempre renovada tradução, feita a partir de saberes constituídos por meio da experiência docente e escolar, mas também alimentada por outras sabedorias forjadas nas múltiplas vivências como professores e cidadãos.

¹⁵Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Museologia, com ênfase em Memória Social Instituições de Memória e Patrimônio Cultural.

Ainda de acordo com Monteiro, o professor deve considerar as variadas articulações possíveis quando compartilha a ideia de que ensinar história é produzir significados

e estes significados são atribuídos pelos professores desde o momento em que se apropriam de um conceito e definem a proposta de atividade a ser realizada para a sua aprendizagem, por aqueles alunos que têm em sua turma. São situações muito particulares à educação escolar e que atendem a objetivos amplos que têm, na dimensão educativa, um parâmetro diferenciador marcante, responsável pela criação de saberes com epistemologia própria – o saber escolar que articula os saberes disciplinares, os saberes dos alunos e professores e a cultura de forma ampla. São, também, significados atribuídos pelos alunos aos saberes ensinados e que expressam as diferentes apropriações decorrentes de saberes prévios, vivências e experiências. (MONTEIRO, s/d, p.5-6)

Levando-se em conta tais assertivas, nossa proposta considerou como essencial articular alguns posicionamentos para que a experiência pedagógica lograsse êxito: o respeito pelo saber do educando; o encontro entre saberes escolares e não-escolares, entre cultura erudita e popular e a construção do conhecimento de forma dialógica e participativa, entre estudantes e o professor.

Acreditamos que o ensino de história, quando comprometido com ações educativas vinculadas ao protagonismo e participação ativa e solidária dos jovens educandos, no ato de construir experiências coletivas de saberes históricos, viabilizará a construção de novos sentidos para o conceito de cidadania, principalmente quando optamos por enxergar as coisas do mundo não somente como “são”, mas, sobretudo, como podem ser compreendidas e alteradas pelos que habitam o tempo presente.

A opção pela centralidade do tema cidadania exigiu que construíssemos passarelas entre as intenções e demandas apresentadas pelos estudantes e reflexões acadêmicas que pudessem ancorar nossas experiências. Dentro desta perspectiva nos apoiamos em Carvalho (2002) quando afirma que a cidadania constituiu uma das marcas dos esforços de construção da democracia no Brasil, com o término da ditadura militar, em 1985, servindo inclusive de inspiração para chamarmos a Constituição de 1988 de *Constituição Cidadã*.

Carvalho (2002) nos aponta questões necessárias a serem articuladas quando nos propomos a tratar o tema na escola pública: a cidadania poderia ser

dividida por um eixo tripartite de direitos¹⁶. Os direitos civis, relativos à vida em sociedade (liberdade de ir e vir, liberdade de expressão, liberdade religiosa, direito à justiça, direito à propriedade). Os direitos políticos, aqueles ligados à participação da sociedade no governo (direito de votar e ser votado; direito de associação política) e por fim, os direitos sociais vinculados à participação na riqueza coletiva produzida (direito à saúde, à educação etc.).

Cabe ressaltar, entretanto, que no caso brasileiro, segundo Carvalho (2002), a cidadania teria seguido uma trajetória própria, uma vez que os direitos sociais tiveram mais ênfase que os civis e políticos. A presença de um Estado paternalista, herança de períodos ditatoriais, prejudicou a concepção de cidadania, uma vez que, não raro, a população se viu dependente do executivo, como garantidor de direitos.

Atualmente percebemos que as demandas por direitos são múltiplas e diversas e nossa proposta de pesquisa em ensino de história, ao viabilizar experiências baseadas na articulação *apropriação/pertencimento*, procurou criar condições para que os estudantes ampliassem suas perspectivas sobre cidadania, acrescentando ao conceito sentidos amplos e subjetivos, além de incluir demandas relativas ao tempo e ao lugar onde vivem.

Dentre tantas apostas em atividades formais e não formais no ensino de história, a parceria com instituições museais mostrou-se de grande aceitação e interesse por parte dos estudantes. Os museus nos afetam, nos impactam e deixam suas marcas. Sendo assim, é no contato com patrimônios musealizados que podemos despertar sentimentos de pertencimento capazes de articular sentidos diversos que se configurem em saberes relacionados ao mundo de experiência dos jovens estudantes.

O contato com exposições de museus, ao promover experiências vinculadas ao campo da afetividade e do prazer estético, potencializa reflexões e discussões relativas ao ensino de história, já que mobiliza memórias dos jovens estudantes, bem como possibilita associá-las à análise de fontes. As saídas em campo permitem despertarmos olhares sobre a cidade, incorporando novos sentidos ao termo cidadania. Compreendemos, assim, a importância de criarmos espaços de liberdade

¹⁶ De acordo com Marshall, ao analisar o caso dos direitos na Inglaterra, a cidadania teria se constituído em etapas: no século XVIII, os direitos civis, seguidos pelos direitos políticos, no século XIX, e, por fim, os direitos sociais no século XX.

que se configurem em ações educativas vinculadas a referências socialmente inclusivas, principalmente quando tratamos de patrimônios comunitários.

O patrimônio cultural representa momentos históricos, e a maneira pela qual o interpretamos é o sentido que atribuímos a ele. A apropriação do patrimônio, percebido como atributo coletivo, é fundamental na construção de sentimentos de pertencimento e, ao expressar a solidariedade que une os que o compartilham, pode configurar-se também como espaço de sociabilidade. Gonçalves (2005) sugere que os patrimônios culturais sejam entendidos como elementos mediadores entre diversos domínios social e simbolicamente construídos, criando-se pontes entre categorias cruciais, tais como passado e presente.

O patrimônio cultural em seu aspecto histórico sempre esteve ligado ao processo de formação de identidades. Nesse contexto, surge como instrumento de representação da memória, sujeito a interpretações no tempo e no espaço. A relação entre patrimônio cultural e desenvolvimento social torna cada vez mais relevante considerar o papel dinâmico desempenhado pela educação e em especial pelo ensino da história em museus.

O trabalho pedagógico com acervos e exposições de museus, compreendidos como instrumentos que possibilitam experiências e narrativas múltiplas, apresenta-se como estratégia de grande potencialidade para o ensino de história. Os museus, ao possibilitarem uma pluralidade de olhares, sensações e reflexões, configuram-se como lugares privilegiados para debater o tema cidadania, uma vez que sugerem conexões entre os diferentes grupos sociais, potencializando reflexões a respeito de direitos, em especial, o direito à memória.

A pesquisa e a experiência procuraram viabilizar o contato dos estudantes com exposições permanentes do Museu Histórico Nacional, de perfil mais ortodoxo e do Museu da Maré, de caráter comunitário, procurando contribuir para o alargamento do conceito de patrimônio e permitir a inclusão, não só de referências comumente compartilhadas nas aulas de história, vinculadas à *memória do poder* (CHAGAS 2003), mas sobretudo, daquelas pertencentes ao mundo de experiências dos estudantes, eventualmente negligenciadas pelas tradicionais instituições educativas e culturais.

A experiência pedagógica intitulada *Maré de Cidadania* foi realizada com 40 estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, da turma de número 1902 da Escola Municipal Nerval de Gouveia, localizada no bairro de Ramos, cidade do Rio

de Janeiro. Ocorreu durante o ano letivo de 2015, culminando com uma exposição coletiva, autoral e solidária, no Museu da Maré.

Mais do que despertar sentimentos de pertencimento e compreender o patrimônio como faces opostas de uma mesma moeda, compreendidas enquanto *memória do poder e poder da memória* (CHAGAS, 2003), ambas em disputa, a experiência pedagógica procurou problematizar a questão da cidadania, destacando a necessidade de participação e atuação dos estudantes numa sociedade em que, não raro, presenciamos a ausência de direitos fundamentais, ficando estes, constantemente, restrito às áreas geográficas privilegiadas da cidade, bem como à capacidade de consumo das classes com maior poder econômico.

Tendo em vista tal perspectiva, a pesquisa inspirou-se inicialmente em um conjunto de questões: Que patrimônios nós, professores de história da escola pública do Rio de Janeiro, temos apresentado aos estudantes quando tratamos do tema da cidadania? Seriam aqueles herdados de uma tradição coletiva, construídos de forma comunitária, impregnados de valores solidários e que remetem às memórias das comunidades onde os estudantes estão inseridos ou seriam objetos de grande impacto visual, assinados por renomados artistas e expostos em salões imponentes de grandes instituições culturais? Oferecemos aos estudantes experiências de valorização de memórias pessoais, familiares e comunitárias, bem como de objetos pessoais e de espaços comunitários na tessitura do conceito de cidadania, ou nos limitamos a tratar o tema por uma perspectiva abstrata, teórica e conceitual, restrita ao ambiente da sala de aula, ao livro didático e à exposição oral do professor?

A partir de tais indagações cabem as seguintes questões específicas para a pesquisa: a visita dos estudantes aos Museus Histórico Nacional e da Maré, com diferentes concepções museais, pode contribuir para tornar significativo o ensino de história, ampliando a visão e a compreensão dos estudantes para os temas do patrimônio e por consequência da cidadania? A articulação dos patrimônios musealizados dos Museus da Maré e Histórico Nacional pode contribuir para o fortalecimento de sentimentos de pertencimento dos jovens concluintes do Ensino Fundamental? O contato com o patrimônio do Museu da Maré permitirá sensibilizar os estudantes para a diversidade do direito de ser, viver, estar e conviver em sociedade? Em que medida a valorização de memórias pessoais dos estudantes,

mediadas por uma exposição coletiva e autoral, constitui-se em ação pedagógica com forte vínculo solidário?

Ao se criar espaços de liberdade que permitam aos estudantes apropriarem-se do patrimônio em construção no Museu da Maré, que por sua gênese possui a marca da inclusão de referências comunitárias, estamos, não criando uma oposição aos grandes museus da cidade do Rio de Janeiro, mas sugerindo compreendê-los como espaços híbridos que possuem a marca da diferença e, portanto, permitem instrumentalizar os estudantes a apropriarem-se de diferentes patrimônios musealizados, ampliando reflexões acerca dos seus direitos como cidadãos.

Sendo assim, o ensino de história em museus, pela perspectiva de apropriação de diferentes patrimônios musealizados, entendidos não apenas como referência para a compreensão de nossa trajetória como cultura e projeção de futuro, mas também como liberdade de expressão, de valorização e fortalecimento de sentimentos de pertencimento, ao contribuir para o alargamento do conceito de cidadania, permitirá a inclusão de referências e interesses próprios do mundo de experiências dos jovens adolescentes de origens variadas, concluintes do Ensino Fundamental.

Alguns marcos metodológicos foram apontados como referências que pudessem sugerir uma trajetória a ser seguida. A gestão compartilhada das aulas e da experiência pedagógica com os estudantes, exigia certa abertura na definição do caminho a ser trilhado, garantindo que sugestões dos estudantes pudessem também indicar e alterar caminhos a serem percorridos. Há que se ressaltar, no entanto, que alguns pilares foram erigidos, visando não perder o *fio da meada* a que estávamos nos propondo.

Optamos por utilizar um dos três tempos semanais destinados às aulas de história para desenvolver a experiência, que ocorreu durante todo o ano letivo de 2015. É preciso destacar que construímos pontes e *passarelas*, onde foi possível realizar idas e vindas, entre as aulas relacionadas ao cumprimento do currículo formal para o ensino de história e a experiência de se construir uma exposição autoral, coletiva e solidária sobre a cidadania.

Para viabilizar que diferentes memórias e patrimônios fossem apropriados pelos jovens estudantes, propusemos iniciar nossa caminhada partindo da discussão teórica do conceito de cidadania, incluindo suas diferentes dimensões: civil, política, social, cultural, entre outras. No segundo momento, procuramos refletir

sobre o pertencimento por uma dimensão individual. Para tanto, procuramos valorizar objetos pessoais e construir novas leituras sobre eles, incluindo narrativas próprias dos estudantes e de suas famílias¹⁷.

O passo seguinte foi o de se pensar o pertencimento por uma dimensão coletiva e, para tanto, procuramos reconhecer, na comunidade, espaços de sociabilidade que agregassem valores positivos. Nessa etapa, elegemos a passarela 12 (que cruza a Av. Brasil e permite o acesso dos estudantes à escola) e o piscinão de Ramos. A escola também foi incluída nas reflexões sobre a valorização de espaços coletivos de sociabilidade e pertencimento.

Buscando ampliar o olhar dos estudantes sobre a cidade e o patrimônio, realizamos visitas aos Museus Histórico Nacional e da Maré. Dessa forma, foi possível pensar a cidadania, seja pela apropriação simbólica de patrimônios musealizados, seja pela valorização de sentimentos de pertencimento, experimentados nas visitas aos museus.

O passo seguinte foi o de se criar espaços de liberdade onde os estudantes pudessem construir um discurso poético sobre a cidadania. Criamos *oficinas de criação* onde procurou-se incluir referências relativas ao mundo de experiências dos jovens concluintes do Ensino Fundamental. As oficinas representaram o momento prático e criativo da experiência, onde foram construídos materiais diversos que procuraram revelar o conceito de cidadania, tendo o compromisso de dar voz e visibilidade às perspectivas dos próprios estudantes. Tal experiência culminou com a exposição *Maré de Cidadania*, no Museu da Maré, no Rio de Janeiro.

Minha experiência como artista plástico autodidata e professor da educação pública há mais de 20 anos, não só me inspirou na tarefa de construir uma proposta de ensino de história vinculada às referências comunitárias, mas, sobretudo, permitiu correr riscos e buscar despertar a confiança dos estudantes na construção de uma experiência singular, coletiva e estética, onde a História fosse pensada também enquanto questões relativas ao tempo presente, sem negligenciar referências ao passado, bem como projeções de futuro.

Ao incentivarmos a construção de um discurso poético sobre a cidadania, permitimos que novas interações com o tema fossem mobilizadas. Discursos divergentes daqueles tradicionalmente compartilhados nas aulas de história

¹⁷ No capítulo 3 iremos aprofundar as reflexões de cada etapa da experiência, buscando dialogar com a teoria pertinente aos temas propostos na pesquisa.

ganharam espaço e puderam ser contemplados e inseridos nas reflexões sobre o tema. Acreditamos que o professor, neste ambiente de respeito e liberdade, ao usar sua autoridade para legitimar outras perspectivas sobre a cidadania, estará não apenas democratizando o espaço da sala de aula, mas, sobretudo, promovendo pelo diálogo, olhares mais amplos sobre cidadania.

A construção de espaços de comunicação e de visibilidade de cada etapa da experiência se deu com a criação de uma comunidade no facebook e de um caderno de memórias, além da comunicação direta na rotina das aulas de história. Tais espaços contribuíram para que a gestão das aulas fosse compartilhada, imprimindo maior participação dos estudantes nas ações que estavam em curso, bem como maior comprometimento com a proposta, uma vez que se viram incluídos nas definições dos caminhos a serem percorridos, fato que caracterizou a democratização daquilo que se considerava pertinente ser lembrado ou esquecido quando tratamos do tema cidadania, pela via do ensino de história.

A cidadania, tema fundamental para se refletir sobre a História, constituiu-se em força motriz que conduziu nossas reflexões sobre direitos, principalmente aqueles vinculados ao pertencimento, contribuindo para que os jovens estudantes, concluintes do Ensino Fundamental, pudessem sair da escola reconhecendo valores socialmente inclusivos e apropriando-se não só de patrimônios musealizados da cidade do Rio de Janeiro mas, sobretudo, dos espaços comunitários e referências pessoais e familiares experimentados na construção da exposição *Maré de Cidadania*.

1.3 Procurando conhecer os sujeitos da caminhada

Os museus, em sua função de espaços culturais e educativos, potencializam ações importantes no ensino de história, pois possibilitam aos estudantes experiências mediadas pela sensibilidade, estética e afetividade, permitindo a produção de múltiplas narrativas e significados.

No ensino de história comprometido com uma educação ética, solidária e inclusiva, o patrimônio ganha importância na medida em que permite aos estudantes agregarem e compartilharem valores para além daqueles apresentados por instituições oficiais, correspondendo às suas próprias demandas e possibilitando a

inclusão de memórias na tessitura de um conceito de cidadania vinculado aos direitos de ser, estar, viver e conviver em sociedade.

Marcados pelo descaso do poder público ou ainda pela experiência estética da presença do Estado, na comunidade onde vivem, como força de repressão militar, seja pelos carros da polícia, armas de fogo de última geração ou mesmo carros blindados do exército, símbolos materiais do poder que impõe silêncios e nega diálogos, realizamos uma sondagem, ainda no ano de 2014, com 36 estudantes da turma 1803, oitavo ano, da escola Municipal Nerval de Gouveia, cujo objetivo foi detectar como os estudantes pensam os museus e de que maneira se veem representados por eles.

A Escola Municipal Nerval de Gouveia localiza-se na Estrada Engenho da Pedra, 528, no Bairro de Ramos, na cidade do Rio de Janeiro. A primeira edificação data de 1914 e homenageou o médico da família do então Coronel Joaquim Vieira Ferreira, que mandou construí-la para instalar ali a oitava Escola Elementar Mista, visando atender às crianças daquela localidade. A escola foi adquirida pelo Governo Municipal, na gestão do então prefeito Paulo de Frontin.¹⁸ O prédio atual foi inaugurado no ano de 1942, sob o governo do prefeito do distrito federal, Dr. Henrique Doosworth, sendo o Secretário Geral de Educação e Cultura o Sr. Dr. Pio Borges¹⁹.

Atualmente a escola encontra-se sob a jurisdição da 4ª Coordenadoria Regional de Educação – E/4ªCRE, com a qual funciona articulada em ação conjunta com o Nível Central da Secretaria Municipal de Educação – SME. Por ser uma escola antiga, muitas gerações passaram por ela, o que a torna uma referência em educação para as famílias de seus atuais estudantes. Muitos deles afirmam que seus pais e avós também passaram pela escola, fato que desperta um sentimento de pertencimento com relação a esta instituição de ensino.

No ano de 2015, quando desenvolvemos a experiência que culminou com a exposição *Maré de Cidadania*, a escola funcionava em regime de horário parcial de dois turnos e atendia cerca de 1000 estudantes, distribuídos em turmas de 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental, além de duas turmas de projetos especiais, intituladas

¹⁸ Dados consultados no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP-2005).

¹⁹ Informações consultadas em uma placa comemorativa, de fundação da escola, situada no hall da direção da Escola Municipal Nerval de Gouveia.

*Acelera*²⁰, que atendiam estudantes com distorção idade-série. Também possuía o Projeto *Mais Educação*²¹, com oficinas de recreação, horta, aula de dança, reforço de matemática e português.

Além de 16 salas de aula climatizadas, com aparelhos de som, data show e TV, a escola possuía uma sala de leitura, um pequeno laboratório de informática (15 computadores), auditório, cozinha, refeitório, um grande pátio coberto, uma quadra de esportes coberta, além de sala de professores, sala da direção, sala da coordenação, depósito, secretaria, estacionamento e pequena área verde. A gestão da escola estava a cargo das professoras Regina Maria Eira Pinho (Diretora Geral), Cristina Ferracioli da Cruz (Diretora Adjunta) e Maria Alice Alves (Coordenadora Pedagógica). Ao todo a escola possuía 55 funcionários²².

A escola localiza-se próximo à passarela 12 que cruza a Avenida Brasil, ligando-a às comunidades do complexo da Maré, principalmente aquelas da região da Praia de Ramos. A passarela possui grande importância para os estudantes da localidade, pois favorece o deslocamento entre a comunidade e a escola. Dessa forma, mesmo estando fora do Complexo da Maré, a escola possui forte vínculo com os moradores daquela região. Muitos estudantes afirmam que seus responsáveis preferem que estudem fora da favela.

Os estudantes que participaram da experiência pertenciam à turma 1902 e estudavam no primeiro turno, no horário de 7:30 às 12:00. A sondagem, que procurou detectar como os mesmos compreendiam o patrimônio, os museus e em que medida se viam representados por eles, foi realizada no dia 25 de novembro de 2014, no final do ano anterior à experiência Maré de Cidadania.

Entregamos um questionário de múltipla escolha (vide Apêndice A) aos estudantes, que responderam voluntariamente às questões propostas. A ideia era utilizar os dados fornecidos para que pudéssemos compreender em que medida eles

²⁰ Desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, atende alunos com defasagem idade/ano escolar, com o objetivo de que possam avançar até 4 séries em um único ano letivo.

²¹ Estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

²² Segundo dados do Censo Escolar/2014. Disponível em <http://www.educacenso.inep.gov.br/censobasico/#/>. Acesso em: 15 mar. 2016.

reconheciam os museus como espaços de pertencimento de múltiplas narrativas. Os resultados da sondagem, mesmo que superficiais, contribuíram para nos indicar caminhos a percorrer, bem como inspirar nossas ações.

A opção por consultar os estudantes do 8º ano, se deu pelo fato de que a experiência pedagógica foi pensada no final de 2014 com vistas a ser desenvolvida junto com eles, quando estariam cursando o nono ano em 2015, ano em que concluiriam o Ensino Fundamental. Dentro dessa perspectiva, surgiram as seguintes questões: como os estudantes da escola compreendem o tema cidadania ao chegarem no último ano do Ensino Fundamental? Em que medida, incluem memórias e demandas pessoais, bem como patrimônios comunitários, quando tratam do tema cidadania?

Dos 36 estudantes consultados, 38% eram do gênero masculino e 62% do feminino. A idade variava entre 13 e 15 anos. A grande maioria (81%) afirmou ter visitado pelo menos uma vez um museu e 79% disseram ter gostado muito da visita. Quando perguntados se concordam com a afirmativa de que “em museus históricos só existem objetos antigos, utilizados há muito tempo”, a grande maioria (88%) demonstrou concordar. Por esses dados preliminares, percebemos, ainda que superficialmente, que os estudantes reconhecem valor nos espaços museais, mesmo que os vejam como lugares de guarda de objetos antigos.

Quanto à afirmação de que em museus históricos são preservados objetos de todas as camadas sociais, a maioria (68%) afirmou concordar total ou parcialmente, porém, quando deparados com a afirmação de que seus objetos poderiam fazer parte do conjunto de um museu, discordaram total ou parcialmente (61%). Quando levantada a questão do protagonismo dos estudantes em visitas a museus, metade entendeu que só deveriam falar quando solicitados e a grande maioria (89%) concordou total ou parcialmente que deveriam seguir um roteiro indicado para compreender a exposição.

Os dados, mesmo que não permitam afirmar categoricamente de que maneira os jovens estudantes da escola pública compreendem os patrimônios musealizados e o papel do museu, enquanto espaço educativo, nos auxiliam a levantar questões relevantes para nortear nossas ações: Os estudantes se sentem livres e à vontade nos museus para construir narrativas próprias sobre a exposição visitada? Eles compreendem o museu como espaço polifônico, com possibilidade de múltiplos sentidos e interpretações?

Quando solicitados a marcarem imagens que representam museus, nenhum estudante identificou o prédio do Museu da Maré e apenas um indicou o Museu Histórico e Artístico de Planaltina (DF). Por outro lado, todos reconheceram o edifício do Museu da República e mais da metade, a edificação do Museu Histórico Nacional (55%).

Sabemos que as dimensões materiais, espaciais e simbólicas dos grandes museus impactam os estudantes, seja pela grandiosidade de suas edificações, ou mesmo pela popularidade e recorrente divulgação das tradicionais instituições pelos meios de comunicação de massa.

Na questão apontando objetos de museus, 91% dos estudantes reconheceram aqueles pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional (coche do século XIX e um trono que pertenceu a D. Pedro II) e um número muito pequeno de estudantes (7%), algum objeto do Museu da Maré.

Tais informações nos instigaram a pensar no sentido de uma experiência pedagógica comprometida com a inclusão de referências comunitárias no ensino de história, principalmente aquelas pertencentes ao Museu da Maré, haja vista que a grande maioria dos estudantes pertenciam àquela comunidade e desconheciam aquele patrimônio.

Ao articularmos o ensino de história pela via da apropriação de referências pessoais e comunitárias, acreditamos estar criando oportunidades para que o estudante amplie o olhar sobre do patrimônio, incluindo referências para além daquelas caracterizadas por padrões estéticos hegemônicos, mas sobretudo, pela via do pertencimento, ou seja, da inclusão de signos e elementos de sensibilização para o cultivo de uma estética própria, local, singular e social, que se configure em oportunidade de aprendizado e de simbolização da realidade.

Com essa sondagem, foi possível levantar algumas questões com o intuito de nortear nossas ações: Ao chegarem no último ano do Ensino Fundamental, os estudantes não estariam reproduzindo uma visão de que o museu é um espaço desconectado de seus lugares de pertencimento e que representaria uma “história oficial”? O ensino de história, na escola pública, não estaria desperdiçando o potencial de diálogo da cultura local com os currículos escolares oficiais? Os prédios desprovidos de impacto visual não estariam sendo negligenciados como possibilidade de guardarem objetos patrimonializados, bem como representarem memórias e histórias de diferentes grupos sociais?

Tais questões nos inspiraram a atuar no sentido de democratizar o uso de espaços museais no ensino de história, permitindo ao estudante (re) conhecer outras possibilidades de construção do patrimônio, assim como perceberem-se atores no processo de construção de memórias e histórias e compreenderem seus objetos individuais e de suas comunidades como resíduos de processos históricos.

A pesquisa qualitativa partiu de sondagem realizada para perceber de que forma os estudantes reconhecem suas memórias, histórias e o patrimônio comunitário, enquanto constituintes da tessitura do conceito de cidadania. O trabalho com objetos pessoais, objetos impregnados de histórias, possuidores de camadas de significados e de valores afetivos, permitiu incorporar reflexões sobre temas como pertencimento e patrimônio.

Assim, a ação pedagógica aqui proposta foi pensada com o intuito de promover um espaço de interseção em que os conhecimentos formais tenham condições de trocas com os conhecimentos locais, colaborando para a efetivação de uma educação que reconheça saberes e experiências diversas. A escola, ao abrir-se para a comunidade, estará de fato cumprindo sua função social, bem como participando na construção da ideia de cidadania para além daquela comumente tratada pela perspectiva conceitual, teórica e abstrata, restrita ao espaço da sala de aula.

1.4 Superando obstáculos

A violência da comunidade da Maré apresentou-se como uma preocupação da experiência a que estávamos nos propondo, uma vez que alguns pais e responsáveis dos estudantes temiam que seus filhos circulassem pela favela, proibindo a saída deles em campo. Alguns estudantes demonstraram insegurança no deslocamento pela comunidade. O fato de o Museu da Maré localizar-se no extremo oposto ao das moradias dos estudantes, criou certa tensão no primeiro momento. O Museu da Maré encontra-se próximo à passarela 7, que cruza a Av. Brasil, já a escola fica próxima à passarela 12.

Percebemos que a circulação dos estudantes pela favela era restrita ao trecho do piscinão de Ramos e ao caminho em direção à passarela 12, de onde tinham acesso à escola e às linhas de ônibus para outras partes da cidade. Pouco

circulavam por dentro da favela e talvez por isso desconhecessem o Museu da Maré.

Havia estudantes (uma minoria) que não possuíam celular ou internet para realizar a tarefa de fotografar e postar na comunidade do facebook os registros das visitas aos museus, dos espaços escolhidos como coletivos, bem como de objetos pessoais. Mas este fato não representou problema da pesquisa, uma vez que tal situação permitiu que os colegas compartilhassem de forma solidária seus aparelhos, bem como o acesso à internet para que todos tivessem suas fotografias representadas.

Quanto à logística de acesso ao Museu, a solução encontrada foi marcar encontros na Avenida Brasil, próximo à passarela 7, em frente à Escola Municipal Bahia, lugar de grande movimentação e relativa segurança, de onde seguimos, em grupo e a pé, até o Museu da Maré. Uma caminhada de aproximadamente 15 minutos. Notamos que alguns pais, devido à insegurança, acompanharam seus filhos até o ponto de encontro. Outros, os monitoraram pelo celular. Cabe ressaltar que não ocorreu nenhum fato que pudesse prejudicar as ações no Museu da Maré.

Para a visita ao Museu Histórico Nacional, não tivemos problemas, porque o Museu cedeu o ônibus que transportou os estudantes na visita realizada. Para a produção dos materiais usados na exposição *Maré de Cidadania*, foram usados objetos reaproveitados de materiais encontrados na rua, doação de objetos usados (pertencentes aos estudantes) e material de papelaria comprado pela escola. A revelação e ampliação das fotografias expostas, bem como materiais não fornecidos pela escola, foram adquiridos com recursos da bolsa de mestrado recebida pelo professor pesquisador, responsável pelo projeto.

Percebemos que nos momentos finais da montagem da exposição, os próprios estudantes custearam, com recursos próprios, a aquisição de materiais que necessitavam para concluir a produção dos materiais. A famosa “vaquinha” foi acionada entre diferentes grupos de estudantes da turma e desta forma foi possível concluir com sucesso todas as ações que estavam em curso.

A produção de parte do material foi feita na residência dos próprios estudantes, fora do horário escolar, contornando a estrutura engessada da escola que não permitia a alteração da rotina das aulas. A falta de tempo para concluir as atividades foi solucionada quando, voluntariamente, os estudantes assumiram o

compromisso e o protagonismo de usarem o tempo do lazer para finalizar os trabalhos a tempo da abertura da exposição.

PASSARELA 2 - TECENDO A TEORIA, NO DIÁLOGO COM A LITERATURA

2.1 Razões que nos conduziram à Maré de Cidadania

Diante da velocidade das mudanças do mundo atual, da globalização, da mercantilização da vida em sociedade e do consumismo e descarte desenfreados, bem como da carência de pressupostos éticos e solidários, atrelados à fragilidade de sentidos e significados coletivos que marcam a contemporaneidade, torna-se cada vez mais urgente tratar o tema cidadania pela via do ensino de história, criando-se espaços de liberdade que configurem-se em experiências significativas, permitindo aos estudantes posicionarem-se frente às questões do seu tempo e da realidade social em que estão inseridos.

Ao se criar espaços de experiências nos quais os sujeitos da aprendizagem participem de todo o processo, não apenas como expectadores mas, sobretudo, como protagonistas, autores e criadores, o ensino de história estará possibilitando aos estudantes uma outra forma de ler, estar e intervir no mundo, superando a barreira da individualidade e impessoalidade, geradoras da intolerância, valorizando a diversidade, ponte para compreender a diferença e, sobretudo, fortalecer sentimentos de pertencimento.

Dentro dessa perspectiva, a pesquisa propõe que a cidadania, na aula de história, seja pensada, sentida, refletida, conceituada e vivida a partir dos “lugares de memória”²³, de (com) vivência, privilegiando a escola e a comunidade, ou seja, os lugares de pertencimento dos estudantes. O professor, nesse sentido, ganha importância na medida em que se posiciona a favor do empoderamento dos estudantes nos atos de valorizar e reconhecer em suas memórias, objetos e histórias, ingredientes básicos da tessitura do conceito de cidadania, incentivando-os e orientando-os a ver e rever seus próprios objetos, muitos deles esquecidos, escondidos e desvalorizados, porém agora revisitados, enquanto *objetos geradores* (RAMOS, 2004) de lembranças, histórias e sentimentos de pertencimento.

Em tempos de consumismo exagerado, descarte e substituição gratuita de objetos pessoais, torna-se compromisso social e político do professor, incentivar o “garimpo” desses pequenos tesouros particulares pertencentes ao mundo de

²³ Expressão cunhada pelo historiador francês Pierre Nora. Para Nora os lugares de memória são lugares materiais, funcionais e simbólicos.

experiência dos estudantes, simples pontes para a valorização de si e do outro. Socializar o “meu”, valorizar o do “outro” e neste encontro construir o “nosso”, alargando o conceito de patrimônio, fortalecendo vínculos, valorizando a cultura local e provocando reflexões referentes ao exercício da cidadania, superando, desta forma, representações monoculturais fundadas na redução da diferença como característica da homogeneidade.

O ensino de história, comprometido com a valorização de memórias e experiências locais e comunitárias, compreendidas como bens culturais, possibilitará a ampliação do conceito de patrimônio (e, por conseguinte de cidadania) para além das fronteiras estabelecidas pela legitimação institucional das políticas de preservação sem, no entanto, deixar de reconhecer seu valor como um lado da moeda patrimonial. Assim, a tarefa está, não apenas em reconhecer a diversidade do patrimônio, mas, sobretudo, em tratá-lo pela via da apropriação, vinculando-o às experiências culturais locais.

Tratar a questão da cidadania, por essa perspectiva, responde a uma demanda do presente, de conscientização e formação dos jovens enquanto atores sociais, reflexivos e críticos diante da realidade em que estão inseridos, contribuindo para o estabelecimento de uma sociedade menos desigual. Diante disso, o ensino de história passa a ter responsabilidade não somente nas questões que fazem referência ao passado, mas, sobretudo, assume papel primordial nas problematizações do presente e, mais ainda, afirma-se como ciência comprometida com o futuro.

A própria Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus princípios fundamentais a questão da Cidadania. Destaca no Artigo nº 205, referendando também questões relacionadas à educação, o seguinte:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Não propomos nenhum ato revolucionário no ensino de história, mas o cumprimento da legislação brasileira. Para tanto, há que se reconhecer como condição de exercício da cidadania, não só a valorização, mas, sobretudo, a incorporação de patrimônios de natureza comunitária, historicamente invisibilizados

e desqualificados frente àqueles definidos como hierarquicamente superiores por elites políticas e sociais, na construção e valorização de identidades, bem como na tessitura do conceito de cidadania. Tal perspectiva encontra respaldo na Constituição de 1988, como podemos perceber no artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à **memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...)** (grifo nosso). (BRASIL, 1988)

Tendo como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados em 1996, como diretrizes voltadas para o estabelecimento de pilares fundamentais para guiar a educação formal e a própria relação escola-sociedade no cotidiano, norteando as atividades realizadas na sala de aula e, especificamente, no que se refere aos objetivos do ensino de história, as *identidades* ganham destaque pois associam-se

[...] à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular. A contribuição da História tem-se dado na formação da cidadania, associada explicitamente à do *cidadão político*. (BITTENCOURT, 2011, p.121)

Bittencourt vai mais além e nos convida a repensar o ensino de história e compreendê-lo por uma perspectiva inclusiva de saberes diversos. Sugere que atualmente a história sociocultural vem sendo apontada pela recente produção historiográfica como importante abordagem a ser contemplada pelo ensino de história na educação básica.

A opção pela história sociocultural é justificada pela série de conceitos selecionados como fundamentais, destacando-se os de cultura, trabalho, organização social, relações de poder e representações. O conceito de cultura procura substituir o de civilização, que fundamentou, segundo uma ótica eurocêntrica, a História escolar. (2011, p. 115)

Sendo assim, a inclusão de diferentes saberes no ensino de história, segundo Bittencourt, deverá estar associada ao uso de fontes e referências diversas. É nesta perspectiva que a autora nos instiga a pensar os métodos de ensino como

elementos decorrentes de uma concepção de história associada a uma concepção de aprendizagem, e disso advém a apresentação dos limites do uso dos livros didáticos como instrumentos pedagógicos exclusivos e a necessidade de recorrer a documentos portadores de outras linguagens, sendo comuns as sugestões de utilização da literatura, de textos de jornais, das imagens, música, etc. nas aulas de história. (2011, p. 117)

A experiência Maré de Cidadania procurou dialogar com tais assertivas, na medida em que, ao eleger o tema cidadania como norteador das discussões e reflexões sobre o estudo da História, procurou atender às expectativas das novas gerações. Para tanto, recorreremos a outras fontes, tais como músicas, revistas e jornais, objetos pessoais e familiares, visitas a museus, entre outras.

Os PCNs, ao sugerirem a cidadania diretamente ligada à democracia, apontam para a necessidade de ampliação de direitos. Pensada como forma de sociabilidade, é nos temas transversais que a cidadania ganha novas perspectivas, como aquelas relativas ao direito à diferença. Percebe-se, pois, que é nos temas transversais que há um esforço maior em ampliar o olhar sobre a cidadania, incluindo por exemplo, elementos relacionados ao pertencimento, fato que podemos constatar quando se elege o tema da pluralidade cultural.

Partilhar um cotidiano em que o simples “olhar-se” permite a constatação de que todos — alunos, professores e demais auxiliares do trabalho escolar — são provenientes de diferentes famílias, diferentes origens e possuem, cada qual, diferentes histórias, permite desenvolver uma experiência de interação “entre diferentes”, na qual cada um aprende e cada um ensina. Traz a consciência de que cada pessoa é única e, por essa singularidade, insubstituível. (BRASIL, 1998 p.138)

É na escola, portanto, que devemos convidar os estudantes a refletirem sobre as regras do espaço público democrático, que garante a igualdade, além do respeito à diversidade, direito a ser reconhecido e preservado, ambos compreendidos do ponto de vista da cidadania.

A Lei 10.639/2003, ao instituir a obrigatoriedade do ensino de história e de culturas africanas e afro-brasileira, assim como de uma educação das relações étnico-raciais na escola, acaba por interferir numa prática de ensino balizada por concepções eurocêntricas e excludentes de referências a culturas comunitárias, permitindo a incorporação de ações pedagógicas marcadas pela diversidade e inclusão cultural.

Ao criar espaços de experiências inclusivas de referências comunitárias na tessitura do conceito de cidadania e de apresentar aos estudantes o patrimônio em construção no Museu da Maré, bem como de propor ações que viabilizem que eles, moradores da comunidade do entorno do museu, se apropriem daquele patrimônio, a ação pedagógica possui o intuito de inspirá-los na produção de uma exposição coletiva e autoral que trate o tema da cidadania pela via da apropriação e do pertencimento.

Há que se considerar que museus de referência para o ensino de história, como o Museu Histórico Nacional, que com a imponência de sua edificação, bem como as grandes obras de arte ali expostas, acaba por provocar uma experiência estética de grande impacto sobre os jovens estudantes, que está longe de evocar plenamente o passado, seja pela monumentalidade visual do patrimônio material ou pela maneira como são realizadas as visitas escolares, frequentemente conduzidas de maneira formal e burocrática, fato que desperdiça a potencialidade pedagógica do contato direto do estudante com as fontes e negligencia a dimensão complexa e multifacetada de nossa sociedade.

Não se está negando a importância de tais instituições culturais, mas defendendo a necessidade de uma mudança de procedimentos com o propósito de abrir espaços para a participação dos diversos segmentos da sociedade no processo de construção e apropriação de seu patrimônio cultural, fato que pode ser feito, também, com a democratização do ensino de história em museus.

Assim, os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder. Estes dois conceitos estão permanentemente articulados em toda e qualquer instituição museológica. [...] os museus podem ser espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar democraticamente com o poder da memória. (CHAGAS, 2015, p. 33)

A apropriação do patrimônio em construção no Museu da Maré, pelos estudantes que habitam a região, mediada por ações pedagógicas no ensino de história, não estaria permitindo romper com invisibilidades, bem como sugerindo concepções de cultura marcadas pelo respeito à diversidade e, portanto, valorizando-o como cenário inclusivo de pertencimento? Acreditamos que, por tal perspectiva, o conceito de cidadania poderá ser alargado, incluindo demandas dos

jovens concluintes do Ensino Fundamental, bem como o reconhecimento do direito de ser, viver, estar e conviver em sociedade.

O ensino de história, ao subverter a tradição que naturaliza o compartilhamento de patrimônios tradicionais, que em sua gênese possuem um caráter civilizador, abrirá espaço para a liberdade, inclusive para questionar a própria historicidade da história, levando-se em consideração que qualquer configuração do presente sobre o passado é parcial.

Dentro desta proposta, de cunho ético e político, caberá interrogar sobre as relações de poder que residem nas produções de sentido para o pretérito, destacando possíveis conexões entre referências locais e comunitárias e aquelas mais gerais (nacionais) já bastante naturalizadas nas aulas de história.

Há que se ressaltar, ainda, que propostas pedagógicas do novo século, para o ensino de história, visam o aguçamento da criticidade dos sujeitos educativos no que se refere às questões políticas, econômicas, sociais e culturais, com vistas à construção de novas concepções das práticas cidadãs, como bem nos coloca Fonseca (2003, p. 94):

A proposta de metodologia do ensino de história que valoriza a problematização, a análise e a crítica da realidade concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos que cotidianamente atuam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivência: em casa, no trabalho, na escola, etc. Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela nem é algo apenas herdado via nacionalidade, nem se liga a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição a de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em condições concretas de existência.

Contudo, a presente proposta está em consonância com a perspectiva de uma ação docente marcada pela autonomia e autenticidade, ou seja, por uma dimensão da ação docente que permita “subverter” em certa medida a regulação cada vez mais intensa no contexto da escola pública, gerando disputas por espaços de liberdade onde o professor possa dar sentido à ação pedagógica e promover o contato com patrimônios variados, imprimindo novos sentidos, novos olhares, ou

seja, ampliando a percepção do estudante sobre a cidadania. Baseados em tais argumentos repudiamos o programa do Escola Sem Partido²⁴.

2.2 Referências e diálogos na construção do caminho

Atualmente nos deparamos com acaloradas discussões sobre como tornar relevante e significativo o ensino de história frente aos desafios e demandas sociais impostas pela sociedade contemporânea. Apesar de o tema ser constante nos meios de comunicação de massa e nas instituições universitárias, percebem-se ainda muitos entraves a uma educação de qualidade socialmente referenciada e inclusiva, que se configure em práticas que tornem potentes as ações pedagógicas e que correspondam às especificidades de uma educação pública baseada em valores como democracia, pertencimento, humanismo, protagonismo e tantos outros capazes de instrumentalizar os estudantes no exercício da cidadania.

Ao refletir sobre minha prática de professor de história na escola pública do Rio de Janeiro, além da de meus pares, percebo que ainda insiste em permanecer uma compreensão do conhecimento histórico visto como exemplar, com a forte valorização de heróis. Estudantes, quando indagados sobre que patrimônio material poderia representar nossa memória, história e identidade, reconhecem preferencialmente objetos e construções comunitárias ou apontam museus históricos monumentais, objetos e representações de personagens famosos de nossa história?

Há que se reconhecer que o ensino de história está inserido num contexto cultural híbrido e, portanto, precisa traduzir as diferentes demandas sociais trazidas pelos jovens estudantes da escola pública quando opta por selecionar aquilo que deve ser lembrado e compartilhado enquanto valores coletivos a serem fixados, reconhecendo neste ato político, uma dimensão do direito à memória.

Autores como Huyssen (2000) apontam que no mundo contemporâneo vive-se um excesso de memória, uma vez que há um medo do esquecimento que nos faz

²⁴ Movimento criado pelo advogado Miguel Nagib, em 2004. Projetos de lei, em nível nacional, como o do deputado Izalci Lucas (PSDB), apresentado na Câmara (PL 867/2015) e o do senador Magno Malta (PR-ES), apresentado no Senado (PL 193/2016), além de institucionalizar a censura na educação propõe que professores sejam processados pelos conteúdos que ministram em sala de aula.

parecer correr e tentar preservar tudo ao nosso redor. O autor afirma que “se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis”. (2000, p. 37)

Assim, no trabalho em sala de aula, no ato de ensinar história aos adolescentes das camadas populares do Rio de Janeiro, tendo como objetivo conhecer e identificar os processos de construção das identidades que se inserem em uma sociedade midiática e consumista, cabe nos indagar e indagá-los: O que fazer com o que entendemos do mundo ao nosso redor? Em que medida lembrar e esquecer podem auxiliar para que conheçamos melhor a nós mesmos e a nossa história?

A História trabalha com premissas diferentes da memória, embora também seja uma reflexão sobre o passado, porém pautada pela análise de fontes e verificação pelos pares. Segundo Lowenthal (1998) “A história difere da memória não apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e corroborado, mas também no modo como é transmitido, preservado e alterado” (1998, p. 107) e na medida em que, por sua natureza, é produzida e compartilhada coletivamente, é mais duradoura e menos propensa à modificação que a memória.

Em se tratando de lembrança e esquecimento, memória e história, recorreremos ao museu que, ao ser pensado como recurso estratégico pelo qual a consciência pode ser alargada e aprofundada, ganha não só uma dimensão pedagógica, mas, sobretudo, social. De acordo com as ideias de Meneses (1994), no museu nos defrontamos com *objetos enquanto objetos*, em suas múltiplas significações, sendo a função documental do museu que garante, não só a democratização da experiência e do conhecimento humano, como também a possibilidade de fazer com que a mudança deixe de ser um salto no escuro para o vazio e passe a ser inteligível.

No museu, a dimensão cognitiva sempre se imbrica, profundamente, com a afetiva e é nessa perspectiva que compreendemos o grande potencial do museu como espaço de construção de conhecimento histórico. Meneses alerta para o fato de que em museus históricos, muitas vezes, as exposições, ao invés de partir de

relações aparentes para romper a unidade superficial daquilo que é apenas empiricamente verificável, sensorialmente apreensível [...], a exposição termina aí, reforçando aquilo que a ação imediata dos sentidos já havia fornecido, mascarando articulações invisíveis, porém determinantes. (1994, p. 32).

Manoel Salgado Guimarães (2009) ao discutir sobre do ensino de história, situa-o entre os usos sociais do passado, considerando também a dimensão política subjacente a esses usos, bem como as suas vinculações ao trabalho com memórias e aos mecanismos de sua reprodução. Desse modo, a reflexão em torno do ensino de história deve levar em conta as fronteiras híbridas compartilhadas com a historiografia, bem como com a cultura histórica. Contudo, a questão a ser enfrentada é precisamente sobre o papel do ensino de história em meio a uma cultura da memória. Nesse sentido, cabe a seguinte afirmação:

[...] atemorizados por uma barbárie cada vez mais presente em nossos cotidianos, repensar a história e seu ensino pode nos ajudar a refazer nossa humanidade esgarçada, tornando o passado não o lugar seguro para as respostas que nos angustiam, mas a fonte [...] para a nossa ação no mundo. (GUIMARÃES 2009, p. 50).

Ainda neste caminho de reflexão sobre os usos da memória, da história e do ensino de história, compartilhamos das ideias do historiador Francisco Régis Ramos (2004), para quem o ato educativo – nos museus e fora deles – deve ser uma equação mais elaborada: sair da memória para a história e fazer certa volta à memória, na medida em que nela podemos encontrar a potência para o futuro.

Dessa forma, esta proposta está ancorada em um viés teórico que acredita na possibilidade do ensino de história como espaço de discussão e construção de um futuro com maior participação popular, apoiados no que o próprio Ramos (2004) chamou de “objeto gerador”, uma pedagogia que visa perceber a vida dos objetos, entender e sentir que eles expressam traços culturais e são criadores e criaturas do ser humano.

[...] o intuito dessa pedagogia do objeto é ampliar nossa percepção sobre a historicidade do real, sobre a multiplicidade cultural entranhada nos objetos – a trama de valores e seres humanos que reside na criação, no uso, na transformação, na destruição ou na reconstrução de objetos. (RAMOS, 2004 p.34)

É na pedagogia do diálogo que será possível fazer novas leituras sobre os objetos, sejam eles do presente ou do passado. Na comparação entre objetos do passado e do presente é que

a noção de historicidade começa a ser trabalhada de modo mais direto: entra em jogo a questão da história como campo de possibilidades, mudança que se expressa das mais variadas maneiras e que torna visível na própria existência polivalente dos objetos – em seu nascimento, sua morte e transformação. (RAMOS, 2004, p. 35)

Tais procedimentos permitirão o desenvolvimento do saber histórico através de objetos, criando condições para problematizações a partir do cotidiano vivido. Partindo da realidade e dos interesses dos estudantes, poderemos avançar nas reflexões, tornando significativo o ensino de história em diálogo com a patrimônio musealizado. Assim, será possível olhar o objeto para além de sua funcionalidade original, em seus múltiplos significados.

O trabalho com objetos geradores não se vincula a relações nas quais o sujeito simplesmente descobre o objeto. Não se trata de revelação à luz de métodos cujos passos estão seguramente definidos. Antes de tudo, o potencial educativo dos objetos geradores reside no exercício de alargamento do nosso ser no mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós e ao mundo, em suas múltiplas ligações. (RAMOS, 2004, p. 60)

Há que se refletir como são realizadas as visitas aos museus e em que medida situações pedagógicas são desperdiçadas no trabalho de análise da cultura material. Bittencourt sugere que o ensino de história em museus deve levar em conta que

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um “olhar de curiosidade” a respeito de “peças de museus”- que na maioria das vezes, são expostas pelo seu valor estético e despertem o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um “passado ultrapassado” ou “mais atrasado” – em um “olhar de indagação”, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e suas histórias. (2011, p. 355)

Numa abordagem de compreensão do passado David Lowenthal (1998) apresenta três fontes de conhecimento do passado: memória, história e fragmentos. Memória e história entendidas como processos de introspecção, uma envolvendo

componentes da outra, sendo tênues suas fronteiras. A memória é percebida como inevitável e indubitável, enquanto a história é contingente e empiricamente verificável. Ao contrário de memória e história, fragmentos não são processos, mas resíduos deles.

Nessa linha de raciocínio, cabe a pergunta: Que “resíduos de processos” temos apresentado aos estudantes da escola pública do Rio de Janeiro, quando tratamos do ensino de história? Seriam aqueles vinculados ao mundo de experiência dos jovens estudantes ou objetos de arte de grande impacto visual, universalmente reconhecidos, apresentados pelo livro didático ou expostos em reconhecidas instituições culturais?

Os patrimônios podem assim exercer uma mediação entre os aspectos da cultura classificados como “herdados” por uma determinada coletividade humana e aqueles considerados como “adquiridos” ou “reconstruídos”, resultantes do permanente esforço no sentido do auto aperfeiçoamento individual e coletivo. (GONÇALVES, 2005, p.28)

Não seria o patrimônio uma categoria de pensamento capaz de fornecer ao Ensino de História instrumentos poderosos no fortalecimento de sentimentos de pertencimento? Gonçalves sugere que

os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma pessoas. (2003 p. 31)

Ao propormos que o estudante se aproprie de patrimônios musealizados, devemos levar em conta as desigualdades de sua formação, apropriação e comunicação. Canclini nos alerta para este fato ao afirmar que

os bens reunidos na história por cada sociedade não pertencem *realmente* a todos, embora *formalmente* pareçam ser de e estar disponíveis para todos. Ao analisar como se transmite o saber de cada sociedade nas escolas e nos museus, vemos que os grupos se apropriam da herança cultural de modos diferentes e desiguais. As pesquisas sobre públicos de museus mostram que, à medida que descemos na escala econômica e educacional, diminui a capacidade de apropriação do capital cultural transmitido por essas instituições. (2012, p.72)

É preciso ressaltar que o patrimônio, seja material ou imaterial, pode configurar-se em um potente campo pedagógico para o ensino de história, na medida em que pode ser entendido como um instrumento de representação da memória de diferentes grupos sociais e, ao expressar a solidariedade que une os que o compartilham, pode configurar-se também como um lugar de cumplicidade social. Nesta perspectiva, Canclini afirma que

se é verdade que o patrimônio serve para unificar uma nação, as desigualdades na sua formação e apropriação exigem que se o estude, também, **como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos.** (Grifo nosso, 1994, p.97)

A compreensão do patrimônio, numa visão pedagógica e como mecanismo de emancipação sociocultural, torna imperativo que nós, professores de história da educação básica e pública, nos apropriemos dele, mediando ações pedagógicas comprometidas com valores como protagonismo juvenil, emancipação e solidariedade.

Memória e poder exigem-se. Onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento. O caráter seletivo da memória implica o reconhecimento de sua vulnerabilidade à ação política de eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável. A ação política, por seu turno, invoca, com frequência, o concurso da memória, seja para afirmar o novo, cuja eclosão dela depende, seja para ancorar no passado, em marcos fundadores especialmente selecionados, a experiência que se desenrola no presente. (ABREU; CHAGAS, 2003, p. 136)

Inspirados a pensar e agir a partir da mobilização de memórias socialmente inclusivas, o ensino de história pode articular potentes referências do mundo de experiências dos estudantes da escola pública para tratar das diferentes dimensões da cidadania, principalmente quando articulados com jovens moradores da região da Maré, uma vez que lá podemos construir passarelas significativas entre a escola e o Museu da Maré.

Cabe ressaltar que, não raro, o ensino de história reproduz ações que sugerem que a cidade do Rio de Janeiro, ao possuir em sua região central ícones do patrimônio histórico, muitas vezes acaba por se impor como padrão estético hegemônico a ser seguido e valorizado. Tal perspectiva está longe de evocar plenamente o passado, uma vez que, pela monumentalidade visual do patrimônio

material, como se pode perceber, por exemplo, no Museu Histórico Nacional, muitas vezes o ensino de história em museus acaba por negligenciar a dimensão complexa e multifacetada de nossa sociedade. Sobre isso, cabe a seguinte contribuição de Mario Chagas:

O uso social do bem cultural preservado pode ser compreendido como a possibilidade do mesmo ser utilizado como referência de memória por determinados segmentos sociais, ou ainda como recurso de educação, de conhecimento e de lazer para uma determinada coletividade. Conseqüentemente, o uso social do bem cultural passa necessariamente através da democratização do acesso ao patrimônio cultural, da democratização da produção cultural e da incorporação ao patrimônio cultural brasileiro de representações de memória de origens sociais diversas. (2015, p. 117)

Mario Chagas nos convida a refletir sobre a dimensão social do patrimônio musealizado. Acena para a importância da inclusão de referências comunitárias na construção de sentimentos de pertencimento e coletividade. Sugere que é preciso construir conceitos coletivos e, a partir deles, selecionar aquilo que se considera pertinente ser lembrado, registrado e comunicado. Ressalta ainda a importância da dimensão poética a ser considerada quando tratamos do patrimônio.

A experiência Maré de Cidadania procurou dialogar com tais assertivas, uma vez que corrobora com a ideia de que o museu, espaço de convivência, de relação e de conexão em suas múltiplas dimensões, constitui-se em mecanismo de mudança social, quando constrói relações entre memória, história e criatividade.

Helena Araújo (2012), em sua tese de doutorado intitulada “Museu da Maré: entre educação, memória e identidades” analisa a dimensão educativa do Museu e suas possibilidades de contribuição para o fortalecimento identitário de grupos populares através da valorização e ressignificação da história e da construção das memórias locais. A pesquisa, densa e bastante consistente, permite compreendê-lo como espaço que possibilita múltiplas narrativas de pertencimento, fato que potencializa ações pedagógicas significativas para o ensino de história, principalmente quando articulado com estudantes moradores da região.

Já no artigo intitulado “Museu da Maré: Memórias e narrativas a favor da dignidade social”, Mario Chagas e Regina Abreu (2007), ao afirmarem que o objetivo do museu é o de comunicar para dentro e fora da favela, estão acenando para a importância do pertencimento, afirmação política de luta pelo direito à história.

Sugerem, no artigo, que o Museu é considerado uma das principais fontes de estudo sobre história e memória da Maré, o que não pode ser negligenciado por professores de história que atuam com estudantes daquela região.

Uma ação pedagógica em consonância com o reconhecimento de referências comunitárias, tantas vezes negligenciadas pelo ensino de história, tendo como referência a ideia de posituação, envolverá tanto a “afirmação do dever de memória, convocado por populações e culturas sub-representadas ou silenciadas, quanto o direito à história por meio de um ensino de História renovado” (PEREIRA e ROZA, 2013 p.105), fato que poderá gerar efeitos significativos para o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento dos estudantes.

A constituição do patrimônio cultural e sua importância para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizada com os educandos, situando-os nos “lugares da memória” construídos pela sociedade e pelos poderes constituídos, que estabelecem o que deve ser preservado e lembrado e o que deve ser silenciado e “esquecido” (BITTENCOURT, 2011, P. 278)

Bittencourt nos instiga a pensar, pela perspectiva da inclusão, nas possibilidades de uso do patrimônio musealizado no ensino de história, já que existe nesse processo uma ação educativa mediada pela estética, pela fruição, pelo sonho, pela poesia, pela curiosidade e até mesmo pelo espanto. É preciso ressaltar que a autonomia do professor é questão relevante neste processo, uma vez que seu compromisso com um ensino de história significativo para com os jovens adolescentes da escola pública deve levar em conta que

a seleção dos conteúdos escolares, por conseguinte, depende essencialmente das finalidades específicas e assim não decorre apenas dos objetivos das ciências de referência, mas de um complexo sistema de valores e de interesses próprios da escola e do papel por ela desempenhado na sociedade letrada e moderna. (BITTENCOURT, 2011, p. 39)

A concepção de ensino e aprendizagem de história, nesse contexto, deverá reconhecer as fronteiras híbridas entre o patrimônio comunitário e aquele encontrado nos museus mais ortodoxos, onde há reconhecidas referências da cultura e história nacionais. Dessa forma, o ensino de história, ao propor aos estudantes a apropriação de diferentes concepções museais, possibilitará uma visão do

patrimônio pela perspectiva da inclusão, da diversidade e do direito à diferença, contribuindo para que a cidadania seja pensada pela via do pertencimento.

É nesse sentido que buscamos refletir sobre a maneira como se naturalizou apresentar o direito à igualdade pela via jurídico-política, reafirmada pela expressão “igualdade de todos perante a lei”. Sabemos que hoje a legislação brasileira já aponta no sentido de dar visibilidade às referências culturais comunitárias historicamente negligenciadas, silenciadas e desvalorizadas. Como enfatizou Santos, “temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos trivializa.” (2003, p. 56).

Boaventura de Souza Santos (2000) nos instiga a pensar que, ao compreendermos a autoria, no campo curricular, como produção autônoma, solidária, original, criativa e autêntica dos sujeitos, abriremos caminho para pensar a criação curricular cotidiana como produto das interlocuções entre sensações e percepções de mundo, incluindo-se aí as emoções de todos os envolvidos na relação ensinar-aprender.

Há que se considerar que os saberes populares, designados de senso comum, costumam contemplar valores culturais e sociais, marcadamente caracterizados por práticas totalizantes, por uma visão integradora, fato que não deve ser desperdiçado no processo educativo. Esta pode ser, portanto, uma das possibilidades de racionalidade que se apresenta como contra hegemônica à racionalidade moderna ocidental, em especial na educação. Nesse contexto, o pensamento de Santos nos oferece contribuições importantes para pensarmos ações educativas pela via da inclusão e do pertencimento.

Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante (SANTOS, 2004b, p. 18).

A experiência da exposição Maré de Cidadania procurou considerar os sujeitos da escola, como sujeitos de experiência estética, capazes de imprimir poesia ao dar voz às próprias experiências, sem perder o sentido coletivo e solidário do processo de construção e de apropriação de conceitos relacionados ao tema da cidadania. No caminho percorrido, onde incertezas e imprevistos foram considerados

e respeitados, na dinâmica do percurso de aprendizagem, o erro foi interpretado como parte integrante do processo de aprendizagem.

Negar ou negligenciar o conhecimento e as experiências trazidas pelos estudantes significaria subalternizá-los numa rígida estrutura hierárquica e excludente. Contra essa corrente, a Maré de Cidadania procurou reconhecer o senso comum e o conhecimento científico como saberes e fazeres legítimos, democratizando as relações de poder que se fazem presentes no cotidiano da escola.

O ensino de história contribui para construir cidadãos enraizados numa comunidade de memória livremente escolhida, e não temerosamente preservada, sem arrogância, aberta a outras solidariedades que não a de nação. Assim, é necessário que se cruzem os caminhos da participação numa comunidade e os da tolerância. Mas o professor de história ensina também o rigor crítico. Quando é necessário ordenar um discurso sobre o mundo, confusamente desenhado pelos furores de uma atualidade lançada, sem hierarquia nem recuo, para as telas de televisão, então a história pode ajudar a tomar essa distância indispensável ao exercício do pensamento livre. (BORNE, 1998, p. 140-141)

Diante de uma realidade pautada pela mercantilização, hierarquização e competitividade empresarial, onde os discursos sobre educação são cada vez mais homogêneos e, por outro lado, na realidade da escola pública percebe-se um crescente desinteresse dos jovens pelo ensino, haja vista o expressivo número de notícias relativas à violência, indisciplina e baixo rendimento escolar veiculadas pela mídia de nosso país, torna-se urgente que a escola viabilize espaços de experiências baseadas em interesses comuns, o que significa resgatar o sentido público da escola, o sentido de igualdade, seja através do diálogo entre os diversos sujeitos, seja através da vivência e construção coletiva do conhecimento, onde o sentimento de pertencimento seja potencializado em ações que reconheçam a coexistência, no mundo atual, de elementos modernos e tradicionais, globais e locais, com perspectivas gerais e particulares.

Desta forma, ao reconhecermos que os sujeitos da escola encontram-se permeados por uma multiplicidade de linguagens, em espaços diversificados, sejam eles físicos ou virtuais, e, portanto, subordinados a diferentes níveis de influência cultural e expostos a variados processos de construção de memória, defendemos que a produção de uma exposição coletiva e autoral, como a Maré de Cidadania, constitui-se de importante experiência pedagógica, uma vez que, ao eleger o tema

cidadania, potencializa uma diversidade de sentidos relativos às relações passado-presente-futuro.

O ensino de história é, pois, uma aprendizagem da liberdade, mas também da tolerância: compreender o mundo é afastar o medo que nasce do desconhecido. Mas, para que a tolerância sozinha não leve ao relativismo, a história deve também dar a cada um o sentimento de pertencer a uma comunidade: aliada a uma geografia capaz de apreender os territórios, a história leva a partilhar de um patrimônio e de uma cultura, isto é, de um sistema de imagens, de referências e de valores. (BORNE, 1998, p. 139)

Nessa perspectiva, a experiência *Maré de Cidadania*, qualificada enquanto ato político, estético, híbrido, autônomo, singular e coletivo, de memória e de direitos, flexível, aberto e até contraditório, não estaria criando condições para que o estudante, enquanto protagonista, experimentasse, pela via do ensino de história, a escola enquanto um modo de habitar, de fazer e de se fazer no mundo?

A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. (LARROSA, 2015, p. 74)

Jorge Larrosa (2002) nos instiga a pensar a experiência como aquilo que nos passa, nos acontece. O que nos toca de forma particular e singularizada. Sugere que parece tudo está organizado para que nada nos aconteça, nada nos passe. E isso inclui a escola, que a cada dia tem que a cumprir metas e atender demandas impostas por uma regulação cada vez mais severa, baseada em uma lógica de transmissão e aquisição de conhecimentos, calcada no princípio de que o conhecimento e, portanto, aquilo que conhecemos pode ser medido e, logo, avaliado.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos

outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24)

Com base nessas ideias, a proposta de produzir uma exposição com jovens estudantes, concluintes do Ensino Fundamental, de uma escola pública da região da Maré, teve o intuito de promover uma experiência estética, onde estivéssemos abertos aos acontecimentos. Para que o tema cidadania falasse ao universo dos estudantes, foi necessário compreender o caminho como algo inusitado, improvável, imprevisível e assim responder aos fatos que se apresentaram no percurso da produção da exposição, garantindo que todos fôssemos afetados pelo processo em curso. Se fosse possível prever quando certos acontecimentos iriam desembocar em experiências, isso seria tranquilamente manipulável, o que possibilitaria incorrer na lógica de transmissão e aquisição, recaindo naqueles modelos informacionais de educação.

É sob esses argumentos, que a Maré de Cidadania foi realizada. Ela não foi elaborada previamente, os passos não foram metodologicamente definidos. Houve intenções, ideias inspiradoras, reflexões e propostas que indicaram o caminho, mas a experiência em si só foi possível abrindo *portas* e *janelas* e deixando que a luz incidisse sobre os caminhos e obstáculos, para que o percurso se desse pela via do pertencimento, do sentido coletivo, do protagonismo e da solidariedade.

A experiência é sempre do singular, não do individual, ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão. A paixão é sempre do singular porque ela mesma não é outra coisa que a afeição pelo singular. Na experiência, então, o real se apresenta para nós em sua singularidade. (...) A experiência não pode ser antecipada, não tem a ver com o tempo linear do planejamento, da previsão, da predição, da prescrição, esse tempo em que nada nos acontece, e sim com o acontecimento do que não se pode “pre-ver”, nem “pre-escrever”. (...) A experiência exige outra linguagem transpassada de paixão, capaz de enunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza. (LARROSA. 2015, p. 68-69)

Chegamos à questão da confiança. Sem ela, seria impossível qualquer experiência significativa acontecer. A confiança permitiu o envolvimento, a entrega, o acontecimento. A confiança permitiu o risco, o novo, o imprevisível. Permitiu a poesia, a arte e a ousadia. Enfim, permitiu sair do conhecido para o desconhecido. O conhecido já era sabido. Repetição. Monotonia. Previsibilidade. O desconhecido abriu possibilidades para o novo e pensar a cidadania pelo desconhecido, pelo novo,

permitiu olhar mais além, olhar melhor. Sentir, buscar sentido e compreender. Dizer e falar por símbolos e linguagens próprias do mundo juvenil. Avançar pelo desconhecido permitiu ser, estar, desejar e projetar. Assim Larossa, nos inspira:

Os poetas são os que se aventuram a dizer (a traduzir em palavras arbitrárias, incontroláveis, atravessadas pela pluralidade) o que veem, o que sentem e o que pensam. E os que dirigem sua palavra a outros, não a partir da desigualdade, não alunos, não porque necessitam que se lhes explique, ou que se lhes informe, ou que se lhes persuada, ou que se lhes instrua, e sim a partir da igualdade, como homens, porque eles também são capazes de ver, de sentir, de pensar e de dizer por si mesmos, isto é, porque são capazes de contratraduzir. (2015, p. 164)

É nesse caminho que esperamos que, para além do ensino de história, a Maré de Cidadania tenha se revelado poesia. E aqueles que visitaram a exposição tenham se feito também poetas.

PASSARELA 3 – TRAVESSIA EM BUSCA DE SENTIDOS

3.1. Primeiros passos

Iniciamos o ano letivo de 2015 refletindo sobre o ensino de história, o direito às lembranças e aos esquecimentos, a valorização das memórias pessoais, da família e da própria comunidade. Discutimos, a partir da antropologia, conceitos de cultura, patrimônio e história. No primeiro momento, os estudantes foram convidados a participar da experiência pedagógica e orientados de como ocorreria a dinâmica, no decorrer do ano letivo.

Definimos que, dos três tempos semanais destinados à disciplina, um seria dedicado ao projeto sobre cidadania (depois batizado pelos estudantes de Maré de Cidadania) e os outros dois, destinados às aulas formais, visando atender aos pressupostos do currículo específico de História para o nono ano do Ensino Fundamental, sem perder o vínculo entre as duas propostas.

Ficou acordado que o projeto teria como objetivo refletir sobre as várias dimensões da cidadania, tendo como referência a valorização do mundo de experiência dos jovens estudantes, bem como a apropriação de diferentes patrimônios musealizados, e que culminaria com a produção de uma exposição coletiva e autoral sobre cidadania.

A exposição seria criada em oficinas de arte, tendo como referências: análise e reflexões sobre as diferentes dimensões da cidadania, pesquisa e registros fotográficos dos objetos pessoais e familiares, dos lugares de convivência comunitária, das visitas aos Museus Histórico Nacional e da Maré e do interesse e liberdade do grupo em criar novas narrativas sobre o tema.

Sugerimos a criação de um caderno de memórias das aulas de história, onde os estudantes pudessem deixar relatos, comentários, sugestões e percepções das aulas e das reflexões suscitadas, em consonância às experiências vivenciadas no ano corrente. Ficou combinado que a participação no caderno de memórias seria voluntária e a estudante Elvira Joana dos Santos Nascimento, de 15 anos, assumiu sua guarda, no período do primeiro bimestre letivo.

O caderno de memórias seria mais um espaço de participação e comunicação entre professor e os estudantes. A cada bimestre outro estudante poderia assumir a guarda do caderno. Ao acessar o conteúdo do caderno de memórias, foi possível

definirmos e alterarmos rumos das ações que estavam em curso, permitindo que os estudantes pudessem participar na condição de co-gestores das aulas.

Em 09 de março de 2015, solicitamos aos responsáveis dos estudantes autorização por escrito para divulgação de imagem, vídeo e voz, permitindo dessa forma dar visibilidade e publicidade aos depoimentos e ações relacionadas a experiência pedagógica. Também solicitamos autorização para todas as saídas em campo que se fizessem necessárias.

A criação de uma comunidade no Facebook, espaço virtual de comunicação, foi sugerida pela turma e o estudante Felipe Lorenzo, de 15 anos, se ofereceu para criá-la, tendo permanecido como administrador do grupo durante todo o ano letivo, fato que caracterizou autonomia na aceitação de novos membros. O grupo do facebook pode ser acessado pelo link <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>.

Iniciamos a discussão do tema cidadania a partir de leituras e debates de trechos do livro *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*, de autoria de José Murilo de Carvalho. Tratamos das diversas dimensões dos direitos civis, políticos e sociais. Procuramos conhecer a trajetória da democracia brasileira, da independência aos dias atuais.

A discussão sobre a cidadania esteve em pauta também quando tratamos dos temas formais do currículo de ensino de história para o nono ano. Dessa forma foi possível compreender as diversas conexões do tema com as diferentes trajetórias históricas da humanidade.

3.2 A hora e a vez dos objetos pessoais e dos espaços comunitários

O objetivo primeiro do trabalho com objeto gerador é exatamente motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto [...]. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras. (RAMOS. 2004, p. 32)

Inspirados em Ramos (2004), os estudantes foram incentivados a garimpar em suas residências objetos antigos que, por algum motivo sobreviveram ao descarte. Em sala, os objetos foram apresentados e com eles muitas histórias e

memórias compartilhadas. Analisamos também a materialidade, a temporalidade, a funcionalidade original, os novos sentidos e significados dos objetos, bem como os prováveis motivos da permanência deles nas famílias dos estudantes.

Os estudantes contaram histórias, mobilizaram memórias das famílias e justificaram a escolha dos objetos. Propusemos um desafio: aquele que trouxesse o mais antigo objeto receberia um ponto extra, fato que naquele momento motivou os estudantes, já acostumados a fazerem as atividades em troca de pontos, a se dedicarem ao “garimpo” de objetos pessoais. Quando da apresentação, observamos que a questão do ponto se tornou secundária, dada a dimensão simbólica e afetiva envolvida nos relatos sobre os mesmos. Histórias contadas pelos pais e avós permitiram mobilizar não só a historicidade dos objetos, mas sentimentos de pertencimento²⁵.

Em depoimento do dia 03 de março de 2015, registrado no livro de memórias da turma, a aluna Elvira Nascimento, de 15 anos, que se tornou “guardiã do livro”, afirmou que “a Gabriella disse que gostou dos objetos, falou que tem muitas coisas antigas, disse que viu coisas antigas que nunca imaginava dentro de casa”. A experiência do garimpo de objetos pessoais potencializou novas leituras e sentidos da trajetória dos estudantes e de suas famílias. Começamos a pensar a História a partir do próprio lugar de pertencimento. Os objetos trazidos apresentaram-se como um exercício, uma possibilidade de experimentar o “direito à diversidade histórica, o direito à multiplicidade das memórias como pressuposto básico para a construção de um potencial crítico diante da (...) própria historicidade.” (Ramos, p. 80. 2008)

Ainda separamos os objetos por materialidade: cerâmica, vidro, metal e plástico. Analisamos como se daria a fabricação de acordo com a materialidade. Discutimos sobre os recursos naturais necessários para sua fabricação. Refletimos sobre a cadeia de produção, exploração do trabalho e trabalho solidário como dimensões da relação produção e consumo. Os estudantes foram convidados a postarem imagens de seus objetos na comunidade do facebook e lá deixarem depoimentos sobre a experiência vivida. Desta forma foi possível dar visibilidade e socializar os conhecimentos mobilizados na aula. É nesta perspectiva que compartilhamos das ideias de Ramos ao afirmar que

²⁵ Alguns depoimentos dos estudantes e imagens dos objetos são apresentados no capítulo denominado Passarela 4 – Percorrendo o Memorial *Maré de Cidadania* – Voz e visibilidade aos sujeitos da experiência.

A capacidade de conhecer não é, portanto, uma revelação e sim uma relação de experiências humanas com o mundo e no mundo. Ao descentralizar o sujeito, a pedagogia do objeto gerador é um exercício de pensar sobre as próprias razões do pensamento, sobre as possibilidades do ser humano no que ele faz ou deixa de fazer. (RAMOS, 2004, p. 59)

A fim de proporcionar experiências que permitissem ampliar o olhar dos estudantes, partindo de uma dimensão individual do pertencimento, representada nos objetos pessoais e familiares, para uma dimensão coletiva, comunitária, solidária e, portanto, social, propusemos o registro, por fotografia de celular, do que chamamos de *espaços coletivos comunitários*, compreendidos como patrimônio coletivo a ser selecionado, reconhecido e valorizado. Bittencourt nos adverte para a potência de introduzirmos estudos do meio social do estudante no ensino de história. Alerta para a dimensão interdisciplinar destes estudos e como eles podem configurar-se em uma aprendizagem mais dinâmica e significativa.

Para disciplinas de História, Geografia e Artes, o “meio social e físico” corresponde a um laboratório de ensino. A sociedade, em suas relações temporais e espaciais, normalmente apresentada por textos escritos ou pela iconografia, situa-se em outra dimensão e profundidade ao ser observada diretamente, pois nesse caso surge a oportunidade de dialogar com pessoas, identificar construções privadas e públicas, atentar para fatos cotidianos que geralmente passam despercebidos e transformá-los em objeto de estudo, de análise, de descoberta. (BITTENCOUT, 2011, p. 274)

Avançando nas reflexões sobre a cidadania, pela via da relação apropriação-pertencimento, convidamos os estudantes a registrarem por fotografia de celular e postarem na comunidade do facebook aqueles espaços identificados por eles como lugares de convivência, que por decisão e julgamento próprio dos estudantes, representassem valores positivos a serem reconhecidos e visibilizados pela coletividade.

Reconhecer a autonomia na decisão de eleger aqueles espaços que consideravam significativos, representou nosso compromisso com o protagonismo dos estudantes na definição daquilo que merecia (ou precisava) ser lembrado, revelado, assim como o que poderia (ou deveria) ser esquecido.

Diante dessa proposta, os estudantes selecionaram os seguintes locais: a *Passarela 12*, que cruza a Av. Brasil e permite o acesso à escola, o *Piscinão de Ramos*, espaço de lazer e diversão, e a *Escola Municipal Nerval de Gouveia*, onde

permaneciam boa parte do dia. Fotografias da Passarela 12 e do piscinão de Ramos foram postadas na comunidade do Facebook, algumas acompanhadas de legendas e relatos²⁶.

As postagens no facebook nos permitiram identificar diferentes olhares e relatos sobre os lugares coletivos comunitários selecionados, como o da estudante Letícia Ferreira, de 15 anos, que afirmou na legenda da foto capturada por ela: "Piscinão que adoro frequentar sempre que estou com amigas e lugar ótimo de conversar..." Percebemos por sua leitura que o Piscinão agrega valores positivos de sociabilidade. Revela também um sentimento de pertencimento que pôde ser incluído em nossas reflexões sobre cidadania.

Ao analisarmos as imagens, discutimos diversas possibilidades de sentidos que um mesmo lugar pode gerar quando estamos atentos e abertos ao novo. Debates sobre os valores positivos que podemos construir sobre nossos lugares de pertencimento e como, às vezes, a mídia cria estereótipos de violência sobre a Maré. Analisamos a valorização do lugar de pertencimento, lugares comunitários, dimensões da cidadania.

A importância dos espaços coletivos referenciados como lugares de felicidade pôde ser percebida pelas falas dos estudantes como, por exemplo, a da Mary Stephanie (15 anos), que postou o seguinte comentário para a foto de uma praça localizada no bairro de Ramos: "Toda criança precisa brincar", dizia minha mãe, e era ali, aonde eu brincava de ser feliz. "

Outro relato que consideramos pertinente à análise em questão foi da estudante Jéssica Frazão (15 anos): "Passarela passei a minha vida inteira andando por ela". A passarela, surgiu como símbolo da ligação da comunidade onde moram e a escola. Percebemos, nas falas dos estudantes, valores positivos e sentimentos de pertencimento que passaram a ser mobilizados pelos estudantes quando provocados a incorporar ao ensino de história suas próprias memórias e de seus familiares.

Para registrar imagens da escola, realizamos um circuito em desacordo com a rotina escolar, invertendo os caminhos percorridos cotidianamente, buscando novas perspectivas e novos sentidos para a escola. A proposta era exercitar novos olhares sobre a escola, buscando registrar, por um viés poético, aquele espaço ao qual eles

²⁶ Apresentaremos as imagens no próximo capítulo.

pertenciam (e pertencia a eles) e frequentavam há quase nove anos de educação formal. Os registros da escola, por fotografia de celular, e os respectivos depoimentos a respeito da experiência e da importância da escola foram postados na comunidade do facebook²⁷.

Selecionamos onze fotografias para compor a exposição Maré de Cidadania²⁸. O trabalho foi coletivo, levando-se em conta as imagens que agradaram à maioria dos estudantes e que representaram os espaços coletivos de sociabilidade definidos pela turma. Foi considerada a possibilidade de ampliação das fotografias, mas, por terem sido capturadas por telefone celular, muitas possuíam baixa resolução e não puderam ser incorporadas à exposição. Após acalorado debate sobre a definição das fotografias, foram ampliadas duas fotos da passarela 12, duas do piscinão de Ramos e 7 da escola.

Gonçalves (2003) alerta para a importância de rompermos com a impessoalidade das grandes cidades, buscando, pela experiência do exercício de um olhar poético e sensível, no museu ou fora dele, a construção de narrativas próprias sobre o universo ao qual pertencemos, sugerindo que tal proposição cria condições para a substituição de informações já prontas e acabadas, tão comuns no mundo contemporâneo. Nesse sentido afirma que

num universo sociocultural como o da grande cidade, onde imperam a impessoalidade, o anonimato e as formas de pensamento e comunicação mais abstratas, como é característico dos grandes empreendimentos “tecnoburocráticos”, não será de pequena relevância a contribuição de quem, alternativamente, mantém com o universo e a sociedade uma relação de conhecimento eminentemente sensível, e que tende a agir e pensar em termos de uma “poética do espaço”. (2003, p. 184-185)

Nesse momento do projeto, o cotidiano deixou de ser o lugar das pessoas comuns e passou a ser considerado um espaço de resistência e mudanças, exercendo papel central nas reflexões sobre o pertencimento e cidadania. Nessa interpretação, o cotidiano, ao possibilitar articulações com as grandes estruturas de poder, permitiu também incluir, nas reflexões, as tensões e lutas do dia a dia, contribuindo para que a voz dos sujeitos tradicionalmente excluídos e marginalizados pudesse emergir, possibilitando a construção de conhecimentos socialmente inclusivos.

²⁷ Apresentaremos imagens e depoimentos dos estudantes no Capítulo 4.

²⁸ Imagens apresentadas no Capítulo 4.

3.3 Apropriando-se de patrimônios musealizados: Museu Histórico Nacional e Museu Maré

Ampliando nossa proposta de refletir sobre a cidadania pela via do pertencimento, do direito à diferença e pela ampliação do olhar para o patrimônio, realizamos visitas aos museus Histórico Nacional e da Maré, onde foi possível experimentar novas interações com as diferentes linguagens expositivas presentes nestas duas importantes instituições da cidade do Rio de Janeiro.

O contato com diferentes propostas museológicas e museográficas, em espaços físicos e simbólicos diversos, possibilitou que os estudantes, a partir da visita e seleção dos objetos, ampliassem as reflexões sobre memória, história e patrimônio.

Nossa escolha por estas duas instituições museais, ancorou-se nas reflexões de Abreu e Chagas (2009), quando argumentam a favor da democratização da memória, bem como de uma nova perspectiva para a compreensão do patrimônio cultural e do compromisso político e poético dos museus, espaços de legitimação e visibilização de diversidades culturais. Nesta perspectiva afirmam que

É no espaço constituído a partir da relação entre memória e patrimônio que vicejam as práticas de colecionismo e as narrativas museais nacionais, regionais e locais. Observa-se, no entanto, que, gradualmente, as grandes narrativas nacionais e épicas deixam de exercer a primazia de outrora, quando alicerçaram as práticas discursivas dos grandes museus, para entrarem em cena novos vetores, expressões de uma sociedade cada vez mais polifônica. São as narrativas urbanas, regionais e locais, nas quais está em jogo a construção de uma identidade específica, capaz de articular tantas outras narrativas, em função de um eixo arbitrariamente construído. Esse eixo ordenador quer também exercer um papel de mediação em relação ao local, nacional e regional. (2009, p. 15)

Ao articularmos, pela via do ensino de história, exposições como aquelas do Museu Histórico Nacional e do Museu da Maré, na tessitura do conceito de cidadania, assumimos um compromisso político e social com a democratização da memória. É com essa intenção que propomos o compartilhamento e a apropriação de patrimônios, cuja origem e formação estão ancoradas em narrativas bastante diversas, sejam elas da *memória do poder* e do *poder da memória* (CHAGAS 2003).

Acreditamos que é pela via da apropriação e do pertencimento que será possível ampliar o olhar dos estudantes para o tema do patrimônio e, portanto, da cidadania, criando espaços de experiências caracterizados pelo exercício do direito à voz, à memória e à inclusão de patrimônios socialmente inclusivos, sempre em diálogo com os jovens estudantes da escola pública, concluintes do Ensino Fundamental.

Propomos que as visitas aos referidos museus fossem realizadas com a mediação de um monitor, pois acreditamos que desta forma as exposições, mediadas por aqueles que imprimem singularidade àquilo que está sendo apresentado, ganhariam novos sentidos e significados. Por esse caminho, compartilhamos das reflexões de Zumthor sobre a ideia de *performance* quando afirma que “a performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca.” (2014, p. 35)

É justamente essa marca, particular, local, relacional e poética, que compreendemos ser capaz de democratizar as experiências em visitas aos museus. Acreditamos que os mediadores, ao falarem de seus lugares de pertencimento, imprimem novos sentidos: pela voz, pelo gesto, pelo corpo, pela expressão, pelas diferentes reações às intervenções daqueles que recebem o que está sendo apresentado, enfim, é na performance do mediador que a exposição ganha dinamismo e singularidade, ultrapassando o curso comum dos acontecimentos.

3.3.1 Visita ao Museu Histórico Nacional

O Museu Histórico Nacional (MHN), localiza-se na Praça Marechal Âncora, s/n, região central da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com seu site oficial, apresenta-se da seguinte maneira:

Seja Bem-vindo! Museu Histórico Nacional, criado em 1922, é um dos mais importantes museus do Brasil, reunindo um acervo de mais de 348.515 itens, entre os quais a maior coleção de numismática da América Latina. O conjunto arquitetônico que abriga o Museu desenvolveu-se a partir do Forte de Santiago, na Ponta do Calabouço, um dos pontos estratégicos para a defesa da cidade do Rio de Janeiro.
(<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>)

Ao visitarmos o site do Museu, podemos acessar o link *Exposições Permanentes*. Lá nos deparamos com a nomenclatura: “Exposições de Longa Duração”, fato que sugere que as exposições não são *permanentes* e, portanto, não estão congeladas no tempo e no espaço. Tal indicação pode ser interpretada como um sinal positivo, uma vez que nos indica que as exposições podem ser alteradas visando responder às demandas de diferentes grupos sociais que desejam se ver representados nesta importante Instituição.

Consideramos pertinente olharmos para a apresentação que o Museu faz de suas Exposições de Longa Duração, contidos também no texto de apresentação do site oficial.

O circuito de exposições de longa duração inicia-se no térreo, no hall das escadas rolante, com painéis contando a história do conjunto arquitetônico. Destaque para a monumental escultura equestre de D. Pedro II, de Francisco Manoel Chaves Pinheiro. No hall do segundo pavimento, tem-se acesso à galeria com teto decorado por Carlos Oswald onde é projetado o multivisão sobre a trajetória do Museu Histórico Nacional. Após a exibição, exposições abrangem da pré-história brasileira ao período republicano: acervo tradicional, peças contemporâneas e recursos multimídia auxiliam o visitante na compreensão de nossa história. (<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>)

O texto sugere uma dimensão monumental do museu, seja pela presença de painéis e pinturas ou de esculturas monumentais. Acreditamos que a experiência da visita ao MHN acaba por provocar grande impacto estético nos estudantes. Consideramos pertinente valorizar a inclusão dessas referências como um lado da moeda patrimonial. Afinal, o patrimônio que se encontra no MHN, constitui-se de importante referência à nossa cultura histórica e, portanto, não podemos negligenciá-lo, principalmente quando tratamos o ensino de história pela via do pertencimento.

Há que se ressaltar que o MHN possui ampla atividade educativa, fato que pode ser constatado pelo grande número de estudantes que o frequentam. Segundo relatório anual de 2014²⁹, registrou-se o atendimento a 21031 estudantes de escolas públicas e privadas, sendo que, nos últimos cinco anos, este número ultrapassou 90 mil estudantes. A dimensão educativa desta instituição não pode ser negligenciada quando nos propomos a incluir diferentes patrimônios ao ensino de história.

²⁹ Informação acessada no site <http://www.museuhistoriconacional.com.br/> em 04 mar. 2016.

A visita ao MHN, realizada em 28 de abril de 2015, agendada com certa antecedência, foi facilitada pela ótima recepção e organização da equipe do Setor Educativo, bem como pelo transporte que permitiu o deslocamento da escola até o Museu e o retorno com conforto e segurança. Lá, conduzidos por uma monitora local, visitamos as exposições “Oreretama” e “A cidadania em construção – 1889”, além de passarmos por outras de longa duração, porém sem nenhuma mediação.

A opção pela visita mediada nas duas exposições se deveu ao fato de que *Oreretama* pode ser compreendida por uma dimensão comunitária da vida em sociedade, relacionada à cultura indígena, enquanto *A cidadania em construção – 1889* se propõe a refletir sobre o processo de construção da cidadania no Brasil, a partir dos direitos individuais, políticos e sociais. Entendíamos, naquele momento, que essas duas exposições poderiam trazer significativas contribuições à nossa proposta de pensar a cidadania pela via da inclusão de patrimônios musealizados.

A performance da monitora no momento da visita ao MHN, apesar de agregar valores aos objetos expostos, uma vez que convidava os estudantes a vê-los a partir de sua mediação, imprimindo singularidade às suas narrativas, não manteve a atenção estudantes, pois o impacto dos objetos ali expostos os dispersou em vários momentos e o excesso de informações da monitora, que se preocupava em apresentar muitos detalhes sobre a exposição, acabou por tornar, em alguns momentos, monótona a apresentação.

Quando planejamos a visita ao museu, ficou combinado que os estudantes selecionariam objetos para registrarem por fotografia de celular. Sendo assim, eles foram convidados a postarem na comunidade do facebook duas imagens relacionadas à visita, uma de livre escolha (atendendo ao gosto pessoal e ao impacto do próprio objeto) e outra relacionada ao tema cidadania. Acordamos que as postagens seriam acompanhadas de uma legenda, justificando a escolha³⁰.

Nossa sugestão de atividade observou interações possíveis de serem articuladas. Ao solicitarmos aos estudantes observarem, por exemplo, os fragmentos do tempo passado, selecionado e exposto pelo museu, não estaríamos mobilizando memórias, bem como referências compartilhadas nas aulas de história sobre o tema cidadania? A proposta de escolherem e, portanto, selecionarem objetos e

³⁰ Algumas imagens e relatos dos estudantes se encontram no próximo capítulo.

registrarem por fotografia de celular, não estaria criando espaços de experiências vinculados à valores como liberdade (ato político na escolha do objeto), apropriação simbólica (no ato de fotografar) e, por fim, de uma leitura poética (ponto de vista do estudante) a respeito do patrimônio?

Ainda refletindo sobre a atividade proposta na visita ao museu, os estudantes, ao selecionarem objetos relativos ao tema cidadania, não estariam incorporando novas referências, ampliando vínculos com o museu e, portanto, aprofundando sentimentos de pertencimento pela via do patrimônio musealizado? A proposta de criarem uma legenda para as imagens selecionadas e publicizadas na comunidade do facebook, não se constituiria em potente ato político de narrar sobre a cidadania, bem como compartilhar em espaço coletivo ideias, interferindo e participando no debate travado pela turma naquele espaço virtual?

Percebemos, contudo, que poucos estudantes escolheram algum objeto da exposição permanente “A cidadania em construção – 1889”, cuja mediação havia sido pré-estabelecida com o Museu. Preferiram objetos indígenas e da Pré-história brasileira, além daqueles do Império, o que não era o objetivo da visita. O impacto estético de objetos, tais como *Trono de D. Pedro II*, *Carruagem do século XIX* e *Caneta* atribuída à assinatura da Lei Áurea pela Princesa Izabel (os objetos mais escolhidos pelos estudantes) reforça a nossa ideia de que há ainda um forte impacto estético daqueles objetos referentes à *memória do poder* (CHAGAS, 2003) sobre os estudantes que visitam o MHN.

Por outro lado, simples urnas cerâmicas e objetos de palha, arcos e flechas, referentes à cultura indígena, também ganharam destaque, caracterizando interesse por aqueles objetos vinculados a uma dimensão coletiva e comunitária da vida em sociedade. Ao selecionarem peças referentes à cultura indígena, não estariam elegendo valores socialmente inclusivos, dimensões da cidadania visibilizados pelo MHN?

3.3.2 Visita ao Museu da Maré

O Museu da Maré se localiza na Av. Guilherme Maxwel, 26, Maré, na Cidade do Rio de Janeiro. Podemos perceber a proposta deste museu pela apresentação

que se encontra no site oficial. Quando acessamos o link *Uma construção coletiva*, nos deparamos com a seguinte afirmação:

O Museu da Maré, fundado no dia oito de maio de 2006, surgiu a partir do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória, um lugar de imersão no passado e de olhar para o futuro, na reflexão sobre as referências dessa comunidade, das suas condições e identidades, de sua diversidade cultural e territorial. (<http://www.museudamare.org.br/joomla/>)

Ainda no site do museu percebemos que sua proposta está fortemente vinculada a uma dimensão coletiva, social e comunitária, cujo o objetivo é o de

romper com a tradição de que as experiências a serem rememoradas e os lugares de memória a serem lembrados são aqueles eleitos pela versão oficial, “vencedora”, da história e por isso, uma versão que limita as representações da história e da memória de grandes parcelas da população. Por isso, o Museu da Maré, como uma iniciativa pioneira no cenário da cidade, se propõe a ampliar o conceito museológico, para que este não fique restrito aos grupos sociais mais intelectualizados e a espaços culturais ainda pouco acessíveis à população em geral. A favela é lugar de memória e por isso nada mais significativo do que se fazer uma leitura museográfica a partir de tal percepção. (<http://www.museudamare.org.br/joomla/>)

Consideramos fundamental promover a experiência de sairmos da escola e, simbolicamente, retornarmos à favela, cruzando novamente a passarela, para conhecer o patrimônio em construção no Museu da Maré e incorporá-lo às discussões sobre a cidadania a que estávamos nos propondo. Sendo assim, no dia 07 de maio de 2015, realizamos nossa primeira visita ao Museu. Ao chegarmos, fomos recepcionados pela coordenadora, professora Cláudia Rose Ribeiro da Silva, que fez uma breve fala apresentando a proposta do Museu, pontuando sua dimensão social, coletiva e comunitária e ressaltando a importância da Instituição para os moradores da Maré.

Após a calorosa recepção, a professora Cláudia nos apresentou o monitor Jefferson Luciano que realizou a mediação da visita. Percebemos que ele, por ser morador da favela e por falar do seu lugar de pertencimento, imprimiu sentidos singulares à exposição, chamando os estudantes ao diálogo e construindo uma narrativa compartilhada, uma vez que permitia a intervenção dos estudantes que, mobilizados pela familiaridade dos objetos expostos, contavam histórias pessoais e acrescentavam novos sentidos à exposição.

A agitação dos estudantes em contato com os objetos expostos, as histórias que tinham para contar, o reconhecimento de objetos que lembravam ter em casa ou na das avós, provocou muitos comentários e risos. Percebemos que, diferente da visita ao Museu Histórico Nacional onde as regras de comportamento eram mais rígidas, no Museu da Maré eles se sentiam livres, pois lá era permitido tocar os objetos. Experimentaram não só uma apropriação simbólica, mas também física dos objetos em exposição.

Seguindo a mesma dinâmica realizada quando da visita ao MHN, ficou acordado previamente com os estudantes o registro, por fotografia de celular, de duas imagens. Uma de livre escolha, que considerassem importante e outra que representasse o tema cidadania. A proposta consistia em publicar as fotografias na comunidade do Facebook, seguidas de uma legenda que justificasse a escolha³¹.

Ao final da visita, a coordenadora do Museu da Maré, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, convidou os estudantes a apresentarem o resultado da experiência numa exposição a ser realizada na galeria do Museu destinada às exposições temporárias, incluindo também o espaço denominado *Tempo do Futuro*. Os estudantes ficaram excitados com a possibilidade de verem seus trabalhos expostos em um Museu. A proposta foi aceita e as ideias de como seria a exposição começaram a ser discutidas.

Surgiu, então, a proposta de inspirarmo-nos no conceito museológico do Museu da Maré para pensar em uma narrativa que abordasse o tema Cidadania, tendo como recorte a própria perspectiva dos estudantes. Diante do convite, entendemos que seria necessário um aprofundamento nosso acerca da concepção da exposição permanente do Museu, para que a nossa exposição, não só pudesse dialogar com a museografia proposta por eles, mas sobretudo, nos inspirar a falar por nós mesmos, a exemplo do Museu da Maré.

Chagas e Abreu (2007), em artigo publicado na Revista Musas, afirmam que o Museu da Maré, ao tratar questões universais, sem perder a dimensão nacional e local, compromete-se com a dignidade humana, uma vez que reconhece nas festas, tradições, esperanças, sonhos, histórias e projetos locais, a diversidade e pluralidade necessárias para se pensar a cidade do Rio de Janeiro pela via do pertencimento. É nessa perspectiva, que consideramos fundamental a inclusão

³¹ Imagens e depoimentos dos estudantes sobre a visita encontra-se no próximo capítulo.

destas referências ao tratarmos o tema cidadania no ensino de história, principalmente quando atuamos em diálogo com jovens da escola pública pertencentes àquela região. Ainda sobre o Museu da Maré, os autores afirmam, no mesmo artigo, que

Ele conta histórias e, de algum modo, veste a pele do narrador, emociona, dá conselhos, acolhe e permite que cada um puxe o fio das narrativas e projete a memória em outros tempos e espaços. Um museu concebido em 12 tempos: tempo da água, tempo da casa, tempo da migração, tempo da resistência, tempo do trabalho, tempo da festa, tempo da feira, tempo da fé, tempo do cotidiano, tempo da criança, tempo do medo e tempo do futuro. Um museu que concebe o tempo, simultaneamente, de modo diacrônico e sincrônico. Um museu que dialoga com relógios, calendários, cronômetros e diferentes ritmos naturais e sociais. (CHAGAS; ABREU. 2007, p. 140)

Dias após a visita ao museu, os estudantes postaram na comunidade do facebook as fotos por eles selecionadas: imagens da praia de Ramos ainda limpa e pouco habitada e balas perdidas contrastavam tempos diferentes do mesmo lugar. Passado e presente são acionados para pensar a cidadania. Objetos de trabalho e o tempo da fé apareceram entre as imagens mais reproduzidas.

As fotografias dos objetos do tempo da fé, postadas pelos estudantes, sugerem que perceberam a forma digna como o museu apresenta diferentes referências religiosas praticadas no interior da favela. No Tempo da fé, do Museu da Maré, é possível experimentar a convivência pacífica e poética dos diferentes. A cor branca predomina e só é levemente quebrada pela luz que se se faz presente, recebendo e abrigando objetos variados, mas sem hierarquia ou supremacia de um sobre o outro. No tempo da fé, é possível perceber o sentido de pertencimento acionado pela comunidade: sentido carregado de respeito e dignidade.

A grande repercussão da palafita não foi surpresa para nós, uma vez que não há como não se impactar com aquela construção no centro do galpão do Museu da Maré. A palafita aparece como um coração, circundado por todos os outros tempos da Maré. Como um coração de mãe, onde *sempre cabe mais um*, a palafita recebeu a todos nós. Sentados na cama ou debruçados na janela, podíamos tocar e ser tocados pelos objetos. Simples objetos, mas potentes pontes para pensar. Lugar bom para pensar e para sentir. Na palafita tudo é poesia. Lá somos provocados a poetizar a vida. Somos convidados, pela dignidade latente de cada objeto, a acionar a leveza, a delicadeza, o ser sensível que está em nós, nos outros e nas coisas ali expostas.

Reconhecer o poder antropofágico do museu, a sua agressividade e o seu gesto de violência em relação ao passado é, ao que me parece, um passo importante; mas, talvez o maior desafio seja reconhecer que essas instituições criam e acolhem o humano, e, por isso mesmo, podem ser devoradas. Devorar e ressignificar os museus, eis um desafio para as novas gerações; eis o desafio que vem sendo enfrentado, por exemplo, pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, quando cria o Museu da Maré, uma favela com mais de 15 comunidades e mais de 132.000 mil habitantes. (CHAGAS, 2008. In: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16512>)

Diferente do que geralmente se fala e se observa na mídia quando se trata da região da Maré, lugar de violência, abandono e problemas, no museu, ao contrário, experimentamos a paz, a harmonia e a poesia. Vivenciamos memórias potencializadas por objetos da vida diária de muitos de seus moradores. No Museu da Maré, conhecemos outras histórias sobre dignidade, pertencimento e cidadania, negligenciadas pelo livro didático e pelo currículo formal de história, mas não menos importantes quando estamos comprometidos a construir um conceito de cidadania, vinculado a referências socialmente inclusivas.

3.4. Aprofundando vínculos com o Museu da Maré

Em 23 de junho de 2015, realizamos uma reunião com a equipe do Museu da Maré para tratar da nossa exposição. Na reunião, representaram a turma os estudantes Brenda Vertulli Dutra, Rafael da Conceição Ribeiro e Jéssica Frazão Delgado, o professor de história da turma Benilson Sancho, responsável pelo projeto, a coordenadora do Museu, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, a coordenadora pedagógica do Museu, Márcia Mansur e os quatro monitores: Elaine Freitas, Jefferson Luciano, Matheus Frazão e Bárbara Assis.

Em nenhum momento da reunião, a equipe do museu impôs qualquer restrição ao uso do espaço ou à forma como se daria a exposição. A liberdade de construirmos uma narrativa própria sobre cidadania foi respeitada e incentivada. Ficou acordado que a turma voltaria ao Museu para nova visita e faria um mergulho mais profundo no patrimônio ali em construção, com vistas à produção da exposição prevista para ocorrer em outubro de 2015. Também agendamos uma visita dos contadores de histórias da Maré à escola, como contrapartida e também pensada para que aprofundássemos o vínculo entre a Escola e o Museu.

Em 02 de julho de 2015, recebemos no auditório da escola os contadores de histórias da Maré. O grupo, formado pelos quatro monitores do museu, veio acompanhado da contadora de histórias, Marilene Nunes e da coordenadora pedagógica do Museu, professora Marcia Mansur. Depois da apresentação, ocorreu um debate bastante acalorado com os estudantes sobre diversos temas: memória, pertencimento, patrimônio e cidadania.

No retorno ao Museu da Maré, foi proposto aos estudantes que se dividissem em grupos e escolhessem um dos *tempos* da Maré, visando um mergulho mais profundo em cada tema para conhecer, nos detalhes, a proposta museográfica feita para aquele *tempo* escolhido. Os estudantes foram orientados a observarem cores, objetos, textos, imagens e outros elementos da composição dos diferentes *tempos* que constituem a exposição permanente do Museu.

A turma elegeu seus próprios temas a serem trabalhados para a exposição. Inspirados no projeto do Museu da Maré, os temas escolhidos também foram pensados em diferentes *tempos*: Tempo da Adolescência, Tempo da Amizade, Tempo da Arte, Tempo do Esporte, Tempo da Modernidade, Tempo da Música, Tempo da Solidariedade e Tempo da Tecnologia. A escolha respeitou o interesse dos estudantes de abordarem assuntos que consideravam estar relacionados ao seu próprio mundo de experiência e ao tema cidadania. No dia da visita, os grupos foram acompanhados pelos monitores do Museu. Como havia quatro monitores e oito grupos de estudantes, dividimos dois grupos para cada monitor.

Assim ficou a divisão:

Grupo 1

Estudantes: Laryssa Ferreira, Brenda Vertulli, Jéssica Frazão, Giovane Lopes, Alerson Queiroz e Diego Nascimento.

Tempo do Museu: Tempo da Fé

Tempo do Grupo: Tempo da Solidariedade

Grupo 2

Estudantes: Michael Douglas, Flávio de Moura, Luan Carlos, Thiago França e João Vitor Tavares.

Tempo do Museu: Tempo da Resistência

Tempo do Grupo: Tempo da Tecnologia

Grupo 3

Estudantes: Aline Freitas, Amanda Oliveira, Danielle Duarte, Laryssa Reis e Mylena Santos.

Tempo do Museu: Tempo da Criança

Tempo do grupo: Tempo da Música

Grupo 4

Componentes: Jerlani Viana, Nicolay Rodrigues, Bruna Nicolau, Milena Dutra, Suanny Guimarães, Jhenyfer Fonseca e Mary Nascimento.

Tempo do Museu: Tempo da Festa

Tempo do Grupo: Tempo da Adolescência

Grupo 5

Estudantes: Natan Filipe e Vinícius Nascimento

Tempo do Museu: Tempo da Casa

Tempo do Grupo: Tempo da Arte

Com a saída da turma do estudante Natan Filipe, este grupo deixou de existir e o estudante Vinícius Nascimento migrou para o grupo 3.

Grupo 6

Estudantes: Letícia Ferreira, Thais Alves, Isadora Abrantes, Gabriella dos Santos, Thamyres Pereira e Isabelle Maria.

Tempo do Museu: Tempo do Medo

Tempo do Grupo: Tempo da Amizade

Grupo 7

Estudantes: Luiza Adriele e Naiara Lopes

Tempo da Maré: Tempo da Migração

Tempo do Grupo: Tempo da Modernidade

Grupo 8

Estudantes: João Rafael, Marcos Vinícios e Felipe Lorenzo

Tempo da Maré: Tempo do Trabalho

Tempo do Grupo: Tempo do Esporte

A segunda visita ao Museu da Maré foi acompanhada também pelo professor de geografia, Oswaldo Rodrigues Rezende. A participação voluntária do professor permitiu ampliar as discussões sobre cidadania, incluindo reflexões sobre o espaço físico e social da comunidade local. Ao avaliarmos a visita, o professor Oswaldo considerou

o Museu surpreendente tendo em vista todas as lutas e dificuldades enfrentadas para manter um espaço dedicado à cultura e educação, principalmente em um ambiente de favela na cidade do Rio de Janeiro.

Quando questionado sobre a vontade de participar do projeto, propondo o registro de imagens dos espaços da comunidade, afirmou que a intenção era

estimular a observação de si mesmo; a valorização dos lugares de moradia e vivência cotidiana dos alunos e incluir, mesmo que de modo singelo, alguma forma de tecnologia em nossa relação de ensino e aprendizagem.

Ainda tratamos da importância do ensino vinculado ao patrimônio. Nesse tema o professor disse acreditar que o patrimônio comunitário “é um elemento ressignificador do papel da escola na mente dos alunos e que, sem essa conexão, a instrução passada nas salas de aula, em sua maior parte, torna-se insignificante. ”

Ao final da visita, vários grupos manifestaram interesse em retornar ao museu por conta própria, para outros encontros com os monitores, visando a troca de ideias e a produção da exposição. Tal atitude demonstrou certa autonomia dos estudantes, não só com relação à exposição proposta, mas, sobretudo, com o próprio Museu da Maré. Neste dia, também surgiram propostas de título para a exposição. As que mais agradaram foram: “Na Maré da cidadania” e “A cidadania por nós mesmos”. Depois de intensa discussão, por sugestão do estudante Luan Carlos, a turma definiu o título: *Maré de Cidadania*.

3.5 Oficinas de criação

As oficinas de criação representaram um momento de grande importância para a experiência pedagógica, pois permitiu que, em espaços de liberdade, os estudantes desenvolvessem ideias e pontos de vista próprios acerca do tema cidadania. Ao estimularmos a criatividade, relativizando a ideia de erro, criamos condições para que a confiança e autoestima dos estudantes pudessem ser potencializadas na produção de uma exposição original e singular, estimulando, dessa forma, o pensamento alternativo, imaginativo e inventivo.

Acreditamos que, dentro dessa perspectiva e de acordo com Larrosa, a experiência (das oficinas) caracterizou-se por uma “abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar e nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (2015, p. 34), legitimando a linguagem e as narrativas próprias do tempo, do espaço e dos valores e sentidos relativos ao mundo de experiência dos estudantes.

As oficinas de criação contribuíram para que os estudantes pudessem experimentar outras relações de cooperação, permitindo novas interações entre o pensamento individual e o coletivo, bem como o aprofundamento de laços afetivos

entre os diversos sujeitos participantes, favorecendo que novas linguagens fossem acionadas para dar visibilidade ao tema cidadania.

Foram realizadas cinco oficinas de criação para a produção dos materiais que pudessem dar visibilidade poética aos temas escolhidos para compor a exposição Maré de Cidadania. Para motivar os estudantes na produção dos materiais e demonstrar o quanto estávamos envolvidos na experiência em curso, apresentamos a obra “O que é nosso a gente cuida”, criada para a exposição.

Enquanto professor de história, responsável pelo projeto, ao pintar um quadro para a exposição, criamos um ambiente de cumplicidade e comprometimento com aquela ação que estava em curso. Sendo assim, os estudantes puderam compreender a dimensão que a Maré de Cidadania possuía para o professor, uma vez que o inspirou na criação de uma obra de arte especialmente para a exposição³².

Motivados, não só pelo exemplo do professor, mas sobretudo pela liberdade de poderem articular diversas referências no percurso da experiência pedagógica, de poderem dizer o que pensavam sobre cidadania e de ocupar uma instituição de grande importância social e cultural da cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, pela maneira amorosa e solidária como o Museu acolheu a todos os envolvidos nessa experiência, os estudantes deram início à produção dos materiais.

Foi nessa etapa que ocorreu o maior envolvimento dos estudantes. Assumiram a gestão das atividades e protagonizaram discussões sobre como deveriam, gostariam e poderiam comunicar as diferentes dimensões do tema cidadania escolhido por eles. Registramos as oficinas por fotografias e vídeos e disponibilizamos na comunidade do facebook.

Na primeira oficina, os estudantes solicitaram à professora de artes, Rosemary Camiza, que colaborasse com o projeto, cedendo as aulas para que a produção dos materiais pudesse ter mais espaço na rotina das atividades escolares. A professora, com sua experiência de mais de 25 anos de sala de aula, na rede municipal do Rio de Janeiro, concordou e durante um mês cedeu as aulas, colaborando e orientando-os nas técnicas de pintura em guache sobre papel e colagem.

³² A obra é apresentada e descrita pelo autor no capítulo 4.

Com a parceria da professora de artes, outros dois tempos de aula semanais foram incorporados à criação dos materiais da exposição. As oficinas de criação passaram a contar com três tempos semanais de aula, fato que contribuiu para que, além do envolvimento da professora e sua disciplina na ação que estava em curso, tivéssemos mais tempo para trabalhar a produção dos materiais necessários à exposição.

Iniciou-se a partir daí um trabalho coletivo de produção de materiais, que procurou revelar cada um dos temas escolhidos, compreendidos como dimensões da cidadania. Nessa etapa, o professor de geografia, Oswaldo Rodrigues Rezende, também participou do projeto. Com a inclusão de mais esse parceiro, o trabalho ganhou importância ainda maior na rotina escolar.

O professor Oswaldo orientou os alunos a refletirem e capturarem novas imagens dos espaços comunitários aos quais pertenciam. Como resultado dessa ação, foram geradas mais de 30 imagens dos espaços da comunidade de Ramos, principalmente da região da praia e arredores. As imagens produzidas foram reveladas em tamanho 10x15 e incorporadas à exposição.

A primeira oficina de arte, ocorrida em 01 de setembro de 2015, foi realizada na sala de leitura da escola. Os estudantes fizeram um trabalho de recorte e colagem. Pesquisaram, em revistas e jornais, imagens que representassem o tempo escolhido por eles. Conversamos sobre como a mídia impressa dava visibilidade a temas como modernidade, amizade, adolescência, esporte, música, solidariedade e tecnologia. A partir da seleção de imagens pelos estudantes, criamos grandes quadros representando os temas da exposição.

Discutimos sobre as ausências de imagens que pareciam ter sido silenciadas ou negligenciadas pela mídia impressa (a desfavorável proporção de imagens de pessoas negras em relação às brancas, foi citada pelos estudantes). Refletimos sobre o poder dos meios de comunicação no mundo atual e sugerimos que nenhuma comunicação é imparcial. Os estudantes afirmaram que seria importante encontrar outra maneira para dar visibilidade aos temas não tratados pela mídia impressa. Surgiu, então, a proposta de fazermos uma oficina de pintura.

A segunda oficina de arte, ocorrida em 22 de setembro, foi marcada pela experiência de pintura com guache sobre papel cartão. Os estudantes que gostavam de desenhar se ofereceram para riscar no papel os projetos dos diferentes grupos.

A pintura ultrapassou os limites do papel e a diversão tomou conta da aula. Muitos estudantes pintaram o rosto, sugerindo um grupo indígena. Seria uma apropriação simbólica numa experiência de visibilização de sentimentos de pertencimento? Ou, quem sabe, um compartilhamento de referências às culturas indígenas marcadas pela vida coletiva e solidária, experimentada quando da visita ao MHN? Não temos dados nem informações para afirmar nada categoricamente, mas nos permitimos ousar refletir e pensar sobre tais questões.

Para além da liberdade de se pintarem, percebemos o predomínio do uso de cores quentes nas imagens produzidas. Algumas, criadas neste dia, a saber: jogador de futebol, atabaque, personagem representando um estudante e palavras como amizade e adolescência ganharam uma forte expressividade.

A terceira oficina, em 29 de setembro, foi marcada por uma mudança de atitude dos estudantes. Se antes aguardavam a orientação do professor, a partir desse dia, percebemos que se apropriaram da condução do processo e começaram a apresentar novas ideias. Sugeriram propostas que, acreditavam, estariam mais próximas e de acordo a Maré de Cidadania. Nessa oficina, foi criado, por exemplo, um quebra-cabeça colorido, medindo aproximadamente 60x60, que, ao ser montado, formava a palavra AMIZADE. No verso do quebra-cabeça, sobre um fundo preto e escrito à mão, com tinta prata, o texto criado coletivamente pelos estudantes que formavam o grupo do *tempo* da amizade, afirmava:

“A amizade é algo muito especial que a gente ganha com o tempo e neste tempo descobrimos o que é amor. A amizade é uma coisa que devemos valorizar sempre. Mesmo brigando ou ficando longe de nossos amigos, nós não podemos esquecer das pessoas que nos ajudam em momentos que precisamos. Que nesse período que percebemos que não podemos ficar sem amigos! Pois como dizia o poeta Mário Quintana: “A amizade é um amor que nunca morre”.³³

O grupo que estava tratando do Tempo da Modernidade fez um molde, sobre papel pardo, do corpo de um de seus componentes. A ideia, segundo eles, era que a colagem representasse uma estudante da turma de braços abertos, convidando as pessoas a pensarem que o mundo atual é responsabilidade de todos. Partindo das mãos da personagem, diversas palavras remetiam a valores positivos e negativos do

³³ Texto retirado do quebra-cabeça exposto no Tempo da Amizade, da exposição Maré de Cidadania. Museu da Maré 2015.

mundo atual. Sobre a cabeça da personagem a frase: “O mundo moderno está em nossas mãos”³⁴.

Violência e intolerância também foram sugeridas como temas, e o grupo do Tempo da Adolescência propôs criar balões com frases questionando tal situação, como podemos conferir no balão onde aparecia a pergunta: “Apanhar em casa é proteção? ” Eles trouxeram objetos pessoais para formar o símbolo do Yin e Yang. Sobre o símbolo pintado em papel cartão branco, medindo aproximadamente um metro de diâmetro, puseram objetos trazidos de casa, que representavam perigos e virtudes da adolescência. A estudante Mary da Silva afirmou que se tratava de provocar uma reflexão sobre os dois lados da vida dos adolescentes.

Nas duas últimas oficinas, realizadas em 13 e 20 de outubro de 2015, os grupos trabalharam com objetos variados (trazidos de casa), para compor a exposição. Muitos deles sofreram intervenções, seja por pintura ou colagem, visando dar novos sentidos capazes de dialogar com os temas sugeridos pelos estudantes. Discos de vinil, por exemplo, receberam referências aos estilos musicais do gosto dos estudantes. Um velho radinho de pilha foi pintado com tintas coloridas, e uma antiga chuteira, em contraste com uma bola de futebol nova, foram incorporados à pintura do jogador, apontando uma permanência, na família, pelo gosto que os meninos tinham pelo futebol e que, segundo eles, herdaram dos pais e avôs. Mais uma vez, passado e presente foram articulados para tratar a questão da cidadania.

No dia 20 de outubro de 2015, tivemos uma sessão de fotos das mãos dos estudantes para fazer a marca d'água do convite da exposição. A sugestão de colocar mãos no fundo do convite foi pensada como simbolismo dos diversos sentidos que representavam a experiência da produção da exposição. Mãos que colaboram, mãos dadas, mãos diferentes, mão que indicam caminhos e sinalizam ideias, mãos jovens e cidadãs. Mãos que sugerem o sentido da coletividade, da solidariedade e do pertencimento. As mãos pertencem aos estudantes da turma 1902, e eles, como autores da exposição, pela marca d'água, assinam o convite. É nesse contexto que concordamos com Larrosa quando afirma que “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos”. (2015, p.25)

O texto em forma de poesia, usado no convite da exposição, foi uma compilação de afirmações e relatos dos estudantes no decorrer do processo. Ao

³⁴ Imagem deste trabalho pode ser conferida no próximo capítulo.

apresentar a versão final da poesia, alguns sugeriram trocas de palavras. O texto foi enviado à coordenadora do Museu da Maré, professora Cláudia Rose, que também fez pequenas modificações e, de forma coletiva, concluímos o convite.³⁵ Foram impressos 100 em tamanho 10x15, papel fotográfico. Cada estudante recebeu 2, enquanto a equipe do museu e a direção da escola, 10 convites cada. Além do convite físico, divulgamos, pelas redes sociais, o virtual.

Sugerimos que os estudantes postassem na comunidade do facebook as músicas marcantes em suas vidas, que gostariam de ouvir na abertura da exposição. Assim procedemos, e o grupo que desenvolveu o *Tempo da Música* ficou responsável por organizar a trilha sonora da abertura.

3.6 A exposição Maré de Cidadania

3.6.1 A montagem da exposição

A exposição foi montada no dia 22 de outubro de 2015. Encontramos as salas cinzas e bem iluminadas, vazias, à nossa espera. A equipe do museu estava presente e procurou atender, com boa vontade, nossas solicitações de última hora. Nos sentíamos em casa, com liberdade para intervir no espaço da maneira que entendêssemos necessária.

Grafitamos as paredes com imagens que dialogavam com os temas. Os estudantes Felipe Lorenzo e Jerlani Viana se ofereceram para grafitar os diferentes espaços, deixando de lado a divisão de grupos, que permeou boa parte da experiência. No momento da montagem, os estudantes assumiram a exposição para além dos grupos que desenvolveram os diferentes temas. A Maré de Cidadania pertencia a todos e, de maneira solidária, houve colaboração para solucionar problemas de última hora. Nos permitimos alterar e criar coisas novas, pois o espaço interferiu e exigiu que mudanças fossem feitas.

Chegamos ao museu às 10 horas da manhã e, por volta das 15 horas, ainda arrumávamos os últimos detalhes para a tão esperada abertura, programada para dois dias depois. Os monitores do museu, Luciano e Matheus colaboraram com aqueles grupos com os quais fizeram a mediação e criaram laços afetivos. O

³⁵ O convite se encontra no próximo capítulo.

professor Oswaldo, de geografia, também colaborou na montagem da exposição. Fotografamos cada etapa da montagem e fizemos pequenos vídeos daquele momento. O estudante de arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Luan Sancho Ouverney, colaborou na montagem e principalmente na realização de fotografias e vídeos, garantido, desta forma, o registro da exposição.

No final, quando muitos já tinham ido embora, tudo estava pronto. Olhamos a grande sala de exposição, não tão cinza, pelo contrário, repleta de cores e objetos, ou seja, de novos sentidos sobre memórias, pertencimento, cidadania, experiência, educação, patrimônio e história.

3.6.2 A abertura da exposição

No dia 24 de outubro, às 14 horas ocorreu a abertura da exposição. Muitos estudantes vieram acompanhados de seus familiares. Contamos com a presença do diretor do museu, Antônio Carlos Pinto Vieira, da coordenadora Cláudia Rose Ribeiro da Silva, da coordenadora pedagógica, professora Marcia Mansur e funcionários do museu. Representando a escola, estavam, além de mim, os estudantes da turma 1902, o professor de geografia Oswaldo Rodrigues Rezende e a professora da sala de leitura Luciana Souza.

Também esteve presente, representando o Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – Núcleo UERJ, a professora Carina Martins, uma das responsáveis pelo que relatamos nesta experiência, pois foi ela quem nos apresentou ao Museu da Maré, às ideias de Mario Chagas e às discussões a respeito da Educação Patrimonial e Ensino de História, despertando o desejo de provocar mudanças, não apenas nos estudantes, mas na própria prática educativa. Contamos, ainda, com a presença da coordenadora do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Núcleo UFF, a professora Larissa Viana, que imprimiu valor institucional ao evento.

No momento da abertura da exposição, várias pessoas tomaram a palavra para expressar o quanto foi importante a realização da Maré de Cidadania. Falas em nome do museu, da escola e dos estudantes traziam agradecimentos e ressaltavam a importância da experiência para cada grupo envolvido. A estudante Mary Stephanie, por exemplo, nos emocionou ao afirmar que: “A cidadania está dentro da

gente (...) a experiência de fazer a exposição foi um passo importante pra gente aprender a se comunicar e se expressar melhor”.

A senhora Marly, funcionária do museu, que estudou na Escola Nerval de Gouveia, fez um relato emocionado, compartilhando memórias do tempo em que era adolescente e estudante. Lembrou da rotina de estudante e das muitas mudanças ocorridas no bairro. Ressaltou o prazer de ser colaboradora do museu e participar de uma exposição de estudantes da escola de sua formação.

Após a abertura, o museu ofereceu um lanche aos visitantes. Pouco depois, a galeria de exposição transformou-se num baile bastante animado, com direito a muitas fotografias junto aos familiares, em frente aos diversos espaços da exposição. Afinal, era hora de comemorar o trabalho realizado. Os familiares também desconheciam o museu e se surpreenderam com os objetos ali encontrados. Contaram muitas histórias do tempo da infância, quando tinham aqueles objetos em casa. A experiência da Maré Cidadania, ao envolver familiares e estudantes, fortaleceu vínculos, não só com a escola, mas, sobretudo, com a comunidade.

Dias depois, a professora Regina Maria Eira Pinho, diretora da escola, se emocionou em visita conduzida por estudantes envolvidos no projeto. Afirmou não esperar um trabalho tão emocionante. Desconhecia o Museu da Maré e não imaginava que pudesse encontrar na favela um museu tão bonito e com tantas referências do tempo de sua infância.

3.6.3 A composição da exposição Maré de Cidadania

Como já demonstrado anteriormente, a exposição Maré de Cidadania ocupou três salas do Museu da Maré. Na primeira, havia fotografias dos estudantes quando das visitas aos MHN e ao Museu da Maré, a obra “O que é nosso a gente cuida”, pintada pelo professor, cartazes com o nome de todos os envolvidos na experiência, cartaz de agradecimento aos parceiros e poesia de apresentação da exposição.

Na segunda, um grafite com os dizeres “Novos olhares, nossos lugares”, apresentava as fotografias feitas sob a orientação do professor Oswaldo. Elas foram penduradas em um varal, fixadas por pregadores de roupa. A existência de outros pregadores disponíveis no varal, sugeria que qualquer visitante poderia deixar uma

foto, imprimindo liberdade e propondo interatividade com os visitantes da exposição, fato que permitia a inclusão de novas narrativas sobre cidadania. Nesse varal percebia-se que as imagens revelaram pequenos recortes dos espaços da comunidade. Foi possível aos estudantes eleger os de pertencimento que consideravam importante serem lembrados e socializados na exposição.

Em outra parede da mesma sala, onze fotografias, em tamanho 15x21, pareciam sustentadas por desenhos em grafite, que sugeriam adolescentes segurando-as. As imagens retratavam a Passarela 12 da Avenida Brasil, a Escola Municipal Nerval de Gouveia e a Praia de Ramos, considerados, pelos estudantes, lugares coletivos de pertencimento. A proposta, como dito anteriormente, procurou despertar o olhar poético dos estudantes para seus lugares de pertencimento³⁶.

Na terceira e maior das salas, havia sete ambientes, cada um representando um dos *tempos* escolhidos pelos estudantes e entendidos como dimensão da cidadania. Os trabalhos variavam entre objetos pessoais, pinturas, colagens, grafite e instalações. Nesta sala também havia bandeirolas penduradas com palavras que representavam desejos dos estudantes com relação ao futuro: amizades, amor, casamento, dinheiro, família, fé, felicidade, força, honra, justiça, paz, poesia, sabedoria e sucesso, algumas das palavras que permearam os sete *tempos*. No fundo da sala, quatro cartazes convidavam o público a deixar suas impressões sobre a exposição.

Os sete *tempos* da Maré de Cidadania

1. Tempo da Amizade: A amizade é um amor que nunca morre.

Assim chegamos ao *tempo da amizade*. Ao lado da frase selecionada pelos estudantes para compor a narrativa deste tempo, foi grafitado o desenho de um coração permeado com o símbolo do infinito. Uma pequena caixinha preta, em formato de coração aberto, convidava o visitante a retirar frases sobre a amizade. Na parede, um cartaz continha o seguinte texto:

Eu sei que tudo isso serão apenas histórias algum dia. E nossas fotos se tornarão velhas fotografias. E todos nós nos tornaremos mãe ou pai de alguém. Mas agora, exatamente agora, esses momentos não são histórias.

³⁶ Todas as fotografias estão reproduzidas no capítulo 4.

Está acontecendo. Eu posso ver. E nesse momento, eu juro, nós somos infinitos. A amizade é tudo.

Sobre uma mesa, um grande *quebra-cabeça* convidava o visitante a interagir com a exposição e, ao montá-lo, podia-se ler a palavra amizade. Na parede, acima da mesa, encontramos outra caixa, esta colorida, com uma foto retratando as mãos das estudantes que criaram esse *tempo*. Na fotografia, percebemos que todas usavam pulseiras iguais, porém com cores diferentes.

Dentro da caixa, ao lado da fotografia, um pequeno texto afirmava: “Algumas vezes temos objetos que simbolizam a amizade. E não pensamos diferente. Todas nós temos essa pulseira, desse modelo. Esta é a nossa foto”. Ainda dentro da caixa encontramos uma pulseira exposta. Na materialidade do objeto, não estariam os estudantes sugerindo um convite à amizade? Não estariam acionando um *objeto gerador* (RAMOS, 2004) para comunicar a amizade?

Ao lado da caixa, encontramos um cartaz convidando o visitante a escrever uma palavra que lembrasse a amizade. Ainda há um grafite de duas meninas de mãos dadas e sobre elas pequenos folhetos formavam a palavra *AMIGAS*, contendo dentro de cada letra a definição de amizade, escrita por cada uma das integrantes do grupo. A diversidade das definições sugere ao visitante que a amizade pode ser compreendida, não como conceito abstrato, mas uma dimensão afetiva, definida a partir da experiência compartilhada nos anos de convivência na escola e na comunidade, socializada graças à experiência da exposição Maré de Cidadania.

As definições de amizade, propostas pelas estudantes, apontam referências ao amor, confiança, cumplicidade, sonhos compartilhados, apoio mútuo e também um patrimônio a se preservar e valorizar. Não estaríamos criando espaços de liberdade capazes de dar visibilidade às concepções de amizade proposta pelos estudantes? Ao valorizarmos tais referências e apresentá-las no Museu da Maré, não estaríamos acionando o *poder da memória*, Chagas (2011), como via de acesso ao compartilhamento de valores próprios dos estudantes?

2. *Tempo da Música: A música é o melhor conselho para se ouvir.*

Entre grafites de notas musicais e uma clave de sol, um molde em papel cartão pintado sugere que uma menina está sendo levada para o céu por balões. Os balões são discos de vinil. No centro deles, colagens apresentam os estilos musicais

de interesse dos estudantes: rock, pop, funk, hip hop, hap e haggae. Logo abaixo, uma colagem em forma de violão traz referências de músicos e grupos musicais selecionados em revistas e jornais.

Depois de refletirmos sobre a ausência de referências à cultura musical de origem afro-brasileira na colagem do violão, o grupo criou uma pintura com tinta guache sobre papel cartão, no formato de um atabaque, simbolizando as referências musicais de origem africana que marcam fortemente nossa cultura e que podem também ser encontradas na comunidade da Maré, seja em rodas de capoeira, nos ritos das religiões de matrizes africanas ou nos blocos de carnaval.

Mídias de CD rodeavam uma moldura vazada preta. Em seu interior, fios de nylon sustentavam imagens referentes à cultura musical. Entre elas, duas frases dão visibilidade a direitos reivindicados pelo grupo: *Eu quero mais música, mais risadas, mais abraços, mais diversão, mais amor*. Outra frase afirmava: *Existe algo que ninguém pode tirar de você*. A experiência revela, pelas frases que os estudantes estão acionando, diferentes dimensões da cidadania. Ao abrirmos espaço para que outras subjetividades fossem visibilizadas, não estaríamos agregando novos sentidos à ideia de cidadania?

No alto da parede, desenhos e frases sugerem aos visitantes compartilharem da Maré de Cidadania. O desenho de uma câmera fotográfica, por exemplo, é acompanhado da seguinte frase: *Crie memórias!!!* O de uma fita K7 traz a frase: *Faça sua própria música!!!* Com um desenho do sol sorrindo: *Traga alegria para pessoas!!!* Por fim o desenho de uma nuvem e com ele a frase: *Dance na chuva!!!*

Ainda no tempo da Música, o visitante é convidado a interagir com a exposição rodando uma roleta de cartolina e esperando-a parar. Na roleta encontravam-se os seguintes estilos musicais selecionados pelos estudantes: eletrônica, sertanejo, reggae, MPB, pop, rock, funk e forró. A seta indicava um estilo que poderia, ou não, ser o seu preferido. Isso não importava, o objetivo era tocar e ser tocado pelos objetos, apropriando-se deles e ressignificando-os.

Sobre uma mesa havia um antigo e pequeno rádio, trazido de casa por um dos estudantes (um objeto de memória), que sofreu intervenção com tintas coloridas, adequando-o à proposta da exposição. Ao lado dele, um caderno aberto apresentava a seguinte questão: *você sabia que a música não muda apenas o seu humor como também muda como você pensa e a sua percepção do mundo? Deixe*

aqui sua música favorita. E com esse convite, passamos a outro tempo, quem sabe, embalados por nossa música favorita.

3. *Tempo da Modernidade: O mundo moderno está em nossas mãos.*

Apenas uma personagem de braços abertos, feita de cartolina colorida, com palavras caindo das mãos formam este *tempo*. Palavras positivas e negativas sugerem o mundo que herdamos e a frase-tema convida-nos a assumir responsabilidades para com nosso lugar de pertencimento. Da mão direita, lado a lado, temos as seguintes palavras: proteção, abandono, saúde, doenças, Iphone, desperdício, celular, comunicação, preconceito e paz. Da mão esquerda, lado a lado, temos as seguintes palavras: racismo, respeito, tolerância, violências, carro, lixo, tecnologia, cinema e moda.

A escolha das palavras, bem como as cores usadas na confecção das placas ficou à cargo das estudantes que formaram o grupo. A disposição das palavras, na exposição, contou com a participação do monitor do Museu, Matheus Frazão, que auxiliou este grupo na montagem deste tempo e que havia feito a mediação quando da visita ao museu. Pela maneira como foram dispostas as palavras, percebemos que o grupo procurou mostrar que, para aspectos negativos, há o lado positivo, que pode e deve ser acionado quando estamos comprometidos com o mundo em que vivemos.

Em uma de nossas visitas à exposição, a coordenadora do museu, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, ao analisar o *Tempo da Modernidade*, fez a seguinte reflexão:

A gente vê que ela tem coisas boas e riscos também. Assim, racismo, violência, o lixo, o problema do lixo, doenças né? Aí a gente tá sempre nessa coisa, buscando avançar, mas sempre com esses desafios pra gente vencer né? (..) há uma ideia falsa, essa ideia é falsa: “ah, o mundo tá perdido!” Porque a gente liga a televisão e só vê violência. Na verdade, os meios de comunicação estão focando cada vez mais nisso, porque dá audiência. Claro que um monte de coisas legais estão acontecendo. (Relato gravado em vídeo no dia 04 de novembro de 2015)

A autonomia na escolha e disposição das palavras permitiu que os estudantes, em diálogo com a proposta do Museu de Maré, assumissem o protagonismo e a autoria da experiência pedagógica e comunicassem, para além dos muros da escola, sobre a cidadania, acionando a questão da participação de todos perante o destino do mundo em que vivemos, sem perder uma dimensão

poética da narrativa, como poderemos perceber nas imagens apresentadas no próximo capítulo.

Surge a pergunta: não estariam os estudantes, ao sugerirem um sentido de responsabilidade de todos para com o tempo presente, acionando um sentido de patrimonialização, ou seja, tratando o mundo como patrimônio coletivo e universal?

4. *Tempo da Adolescência: Embaixo do viaduto é habitação?*

Escola ruim, boa educação? Saúde é só tomar injeção? Apanhar em casa é proteção? Com essas questões, em grandes balões coloridos com tinta guache, o Tempo da Adolescência convida o visitante a pensar sobre direitos e vulnerabilidades importantes a serem lembrados e questionados por aqueles que visitam a exposição.

No centro do espaço, uma linha faz um a espécie de contorno de um corpo, sugerindo uma figura feminina. Ela não tem rosto nem cor. Peças de roupas pretas, compõem a personagem. Os braços estão abertos e, em uma das mãos, flores vermelhas. Próximo à personagem, o molde de uma faca sobre papel branco agride o olhar. O conjunto incomoda, desestabiliza aquele que olha. Seria o tempo da adolescência um tempo de dor? As flores vermelhas e o grafite da palavra amor, na parede, sugerem que não.

No chão, um símbolo do Yin e Yang e sobre ele, muitos objetos. Na parte negra: cigarros, remédios, garrafas de bebida alcoólica, objetos que sugerem drogas. No meio, um pequeno círculo branco com uma bíblia. Na parte branca: livros, preservativos, esmaltes, maquiagem, câmera fotográfica, Cds, óculos de sol, relógio e controle remoto para jogo de videogame. No meio dela, um pequeno círculo preto com um maço de cigarros. Contornando tudo isso um pisca-pisca natalino imprime poesia e dinamismo.

Cabe transcrever o relato dos autores deste *tempo*, registrado por vídeo em uma visita realizada após a abertura da exposição.

A gente quis mostrar as coisas que acontecem na adolescência: amores e desamores, as alegrias. A mudança no corpo e na mente também. O Yin e o Yang têm vários significados e o principal deles é que no bem tem o mal e no mal tem o bem. Por exemplo beber tem coisas boas, mas também tem consequências. O cigarro pode ser bom pra quem fuma, pois alivia, mas faz mal à saúde.

5. *Tempo da Solidariedade: A fé faz a solidariedade.*

Inspirados no Tempo da Fé do Museu da Maré, o Tempo da Solidariedade é simples e apresenta seis personagens que, apesar de possuírem a mesma forma, são diferentes no conteúdo apresentado: igualdade e diferença são potencializados na representação dos personagens. As figuras, confeccionadas em papel cartão branco, foram coladas na parede sugerindo uma pirâmide ou árvore de Natal. Na base, três personagens, logo acima, outros dois e no alto temos um último. Um foco de luz ilumina o conjunto mede aproximadamente quatro metros de altura.

Na base da pirâmide, o primeiro personagem recebeu um trabalho de colagem com o folder do Museu. O segundo foi vestido com o uniforme escolar da prefeitura do Rio. O terceiro recebeu palavras indicadas pelos estudantes da turma, que sugeriram representar a solidariedade. Temos como bondade, sentimento, solidão, simpatia, carinho, apoio, doação, partilha, respeito, gentileza, generosidade, amor, amparo etc. cobriram o personagem.

Na segunda fileira, dois personagens foram assim caracterizados: pintura abstrata feita pelo grupo durante uma das oficinas e colagem com figuras selecionadas em jornais e revistas. No alto, o último foi coberto com papel laminado prata. Sobre o seu peito, um coração feito com lantejoulas vermelhas.

Todos receberam guias de candomblé que pertencia ao avô da estudante Jessica Frazão. Quando perguntados sobre o motivo da escolha daquele objeto, os estudantes destacaram a força das referências de religiões de origem africana no Tempo da Fé. Desta forma, estariam trazendo de casa algo que representava a solidariedade, pois, como afirmou a estudante “meu avô sempre foi uma pessoa que sempre se preocupou em fazer o bem”.

Um vídeo sobre o Ubuntu, gravado pelos estudantes, podia ser assistido em um laptop. Nele o grupo faz um pequeno jogral, onde compartilham com os visitantes uma filosofia africana de cunho solidário:

Nós trouxemos para vocês o Ubuntu. Ubuntu significa generosidade, solidariedade e compaixão com os outros. Ubuntu é uma filosofia africana, cujo significado se refere a humanidade com os outros. Trata-se de um conceito amplo sobre a essência do ser humano e a forma como se comporta em sociedade. Para os africanos, o Ubuntu é a capacidade humana de aceitar, compreender e tratar bem os outros. Uma ideia semelhante à de amor ao próximo. Viva o Ubuntu!

6. *Tempo do Esporte: O futebol é nossa paixão!*

Esse tempo foi desenvolvido por um grupo formado por meninos, que apresentou o futebol como principal referência do esporte compartilhado por eles. Apesar de trazerem outras referências, como natação e vôlei, foi no futebol que encontramos a maior expressividade apresentada nesta dimensão da cidadania.

No centro do espaço, uma pintura em guache sobre papel cartão, medindo 110x80 centímetros, representava um jogador de futebol vestido com as cores da seleção brasileira. Uma bola nova foi colada junto aos seus pés, sugerindo o momento do chute. Pendurada próxima à pintura, uma chuteira surrada trazida de casa por um dos componentes, não estaria potencializando sentimentos de pertencimento, bem como acionando memórias pessoais referentes ao mundo de experiências dos jovens?

Outra pintura representava uma piscina com nadadores. Uma referência de um dos estudantes que praticava natação no Botafogo. Sobre a pintura, encontramos a seguinte frase: “Nadar me faz sentir livre”. Próximo às pinturas, cartazes retirados de um mural da escola, traziam propaganda das Olimpíadas do Rio. Representavam atletas e conceitos vinculados ao mundo do esporte: respeito, amizade e inspiração. Em um cartaz se lia: “O futebol e a natação são os esportes mais praticados em nosso bairro”.

7. *Tempo da Tecnologia: O que será que podemos esperar da tecnologia no futuro?*

Um robô feito de sucata, coberto com papel laminado, ocupou o centro do espaço. Os olhos do robô, representados por duas mídias de CD, e sobre a cabeça uma pequena antena, remetiam ao universo virtual comum aos jovens. Encontrava-se circundado por quatro cartazes que apresentavam uma “evolução” da tecnologia e tratavam de temas como transporte, comunicação, lazer e instrumentos de escrita.

Apesar de observamos uma certa visão linear e cronológica das transformações tecnológicas apresentadas, reconhecemos que os estudantes deram visibilidades ao que consideravam superado como interesses do tempo e do universo de suas experiências.

Ao apresentarem na evolução do lazer, a brincadeira de roda como algo do passado, interpretamos que, para um grupo de jovens rapazes, aquela brincadeira

foi apenas como algo de seu passado, superado por outros interesses, como o da festa eletrônica vista como lazer do tempo presente.

Compreendemos que o discurso ganha sentido e legitimidade, na medida que permite aos estudantes apontar aquilo o que consideram superados. Assim a ideia de erro foi relativizada e, após algumas reflexões sobre a configuração cronológica e linear dos cartazes, respeitamos o resultado apresentado.

3.7. Concluindo a travessia

Na semana seguinte à abertura da exposição, o estudante Aleron Queiroz assim se posicionou na aula de história: “Sei que o ano está acabando e que vamos embora da escola, mas não teria como fazermos outra exposição? Foi tão bom, que não queria que acabasse”. Uma semana depois, foi a vez da estudante Larissa Reis:

professor Benilson, ontem passei lá no museu pra ver se estava tudo certinho com nossa exposição. A funcionária do museu disse que estava fechado pra visitar, aí eu disse que eu era uma das autoras da exposição Maré de Cidadania, aí ela falou que eu podia ir lá ver. Eu estava preocupada, mas estava tudo perfeito, lindo! Só arrumei um cartaz que estava descolando.

Acreditamos que a experiência da Maré de Cidadania mobilizou sentimentos de pertencimento nos estudantes, aprofundando vínculos e dando novos sentidos ao ensino de história. O comentário de Larissa Reis revela que os jovens se apropriaram da exposição. Ao afirmar que era “uma das autoras” e “estava preocupada”, não estaria sugerindo que se tratava de um bem coletivo? Ao afirmar que arrumou um cartaz, não estaria demonstrando motivação para que o bem coletivo se mantivesse preservado?

No texto intitulado “+ Direito à Memória” publicado no blog Rede Museus, Memória e Movimentos Sociais, a 14 de setembro de 2014, Mário Chagas aponta para a importância de se democratizar os meios de produção de memória, garantindo-lhes direitos. Afirma que

é possível trabalhar com a memória visando apenas a manutenção e a conservação de núcleos, ilhas e grupos de dominação econômica e política, mas é igualmente possível acionar o poder libertador da memória e criar novos planos de consistência, novas perspectivas, novos pontos de fuga criativa, novas máquinas de guerra colocadas a favor do “empoderamento” social daqueles que historicamente foram subalternizados e expropriados do

direito de construir e narrar suas próprias histórias, suas memórias, seus patrimônios e seus museus. (<http://redemuseumemoriaemovimentossociais.blogspot.com.br/2010/09/direito-memoria-mario-chagas.html>)

Foi nessa perspectiva que procuramos reconhecer e legitimar as narrativas dos estudantes, contribuindo para que sentissem confiança em incorporar memórias pessoais, familiares e comunitárias, bem como referências de patrimônios musealizados, à experiência de construir uma exposição sobre cidadania. Sentidos de solidariedade e coletividade foram estimulados quando da produção dos materiais que deram visibilidade à exposição. A antropofagia dos patrimônios musealizados foi encorajada, bem como a apropriação de referências diversas relativas ao conceito de cidadania.

Acreditamos ter avançado no sentido de fortalecer a autoestima e sentimentos de pertencimento dos estudantes para com a escola, a comunidade, a cidade do Rio de Janeiro, o país e o mundo, emponderando-os como atores sociais, possuidores de direitos. Direito de ouvir a música de sua preferência, praticar esportes com segurança, ir e vir sem medo e com confiança, poder dizer e ser ouvido com dignidade e respeito, sonhar com o futuro, como um projeto de vida a ser construído no presente. Enfim, direito a poetizar a vida e as diversas relações próprias do tempo da juventude.

Acreditamos que, para além dos direitos, a Maré de Cidadania viabilizou a articulação de novos sentidos para o ensino de história, bem como para a produção do conhecimento, uma vez que permitiu a ampliação de saberes e referências culturais, vinculadas aos conceitos de patrimônio e cidadania. Na produção coletiva da exposição, vínculos afetivos fortaleceram-se, assim como o sentido de cooperação entre os estudantes.

Na materialidade da exposição, a subjetividade foi articulada em linguagens singulares, sem perder o potencial de diálogo com referências do passado e do presente. Os depoimentos, apresentados no capítulo 4, não nos indicariam que essa experiência produziu saberes transferíveis a outras situações, que geraram interesses que ultrapassam os que originaram sua apropriação?

A 4 de dezembro de 2015, retornamos ao Museu para desmontar a exposição. Apenas oito estudantes compareceram ao encontro. Como eram autores, combinamos que poderiam levar lembranças da exposição. Para o museu doamos a

pintura em óleo sobre tela, intitulada “O que é nosso a gente cuida”. Os materiais pertencentes àqueles que não compareceram, foram levados para a escola para serem retirados em outro momento.

PASSARELA 4 – PERCORRENDO O MEMORIAL *MARÉ DE CIDADANIA* – VOZ E VISIBILIDADE DOS SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA

A travessia a que nos propomos neste capítulo tem por objetivo dar voz e visibilidade aos sujeitos da experiência, reafirmando o sentido de autoria compartilhada, não apenas no desenvolvimento da pesquisa, mas também no seu registro. Compreendemos que este espaço atribuído aos estudantes, no corpo da dissertação, configura-se também como um ato político em que os saberes dos jovens são incorporados sem hierarquias, mas como parceiros nos diálogos em busca de novos sentidos para o ensino de história.

Nela, nos deteremos em três momentos: os bastidores da ação pedagógica, a exposição *Maré de Cidadania* e registros da banca de qualificação de Mestrado, no Museu da *Maré*. Apresentaremos imagens, acompanhadas de legendas onde identificamos os participantes envolvidos na experiência. Depoimentos e relatos, bem como comentários, contribuem para que a narrativa corresponda à ordem dos acontecimentos.

4.1 Os Bastidores da Ação Pedagógica

4.1.1 Espaços de comunicação

Além do contato direto com os estudantes na rotina das aulas de história, criamos dois outros espaços de comunicação: comunidade no facebook e caderno de depoimentos.

Comunidade no facebook.



Legenda: Página principal da comunidade do facebook. A foto do perfil foi a primeira registrada pela turma após a proposta ser socializada com os estudantes. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Na página postamos imagens e vídeos dos diversos momentos da experiência pedagógica. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

A comunidade do facebook permitiu socializar e dar visibilidade às experiências vinculadas ao projeto Maré de Cidadania, às atividades relacionadas ao ensino formal de história, aos passeios ocorridos em outras disciplinas, assim como, experiências pessoais e familiares. Diversas atividades foram divulgadas pela

coordenadora do Museu da Maré, que também participou da comunidade no facebook. A cada postagem, percebeu-se que o vínculo e a cumplicidade entre os estudantes foi se tornando mais forte.



Legenda: Foto da turma 1902 em dia de aula de história. (Fonte: O autor, 2015.)

O estudante Diego Rodrigues, em viagem à Paraíba, postou na comunidade uma foto do Museu de Arte Popular e escreveu a seguinte legenda:

Diego Rodrigues PD

14 de maio de 2015

Museu de Arte Popular da Paraíba, apelidado como Museu dos Três Pandeiros, projetado pelo nosso ilustre Oscar Niemeyer as margens do Açude velho. Localizado no estado da Paraíba, na cidade de Campina Grande. Inaugurado no dia 13 de dezembro de 2012.



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Percebe-se que, mesmo em viagem para um estado distante, Diego trouxe um olhar do patrimônio referente ao lugar de pertencimento de seus familiares.

Socializou uma bela imagem do museu e, ao mesmo tempo, manteve vínculo com o projeto.

Em passeio ao Museu de Arte do Rio, percebemos que novos olhares sobre a cidade foram experimentados e compartilhados na comunidade do facebook.



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

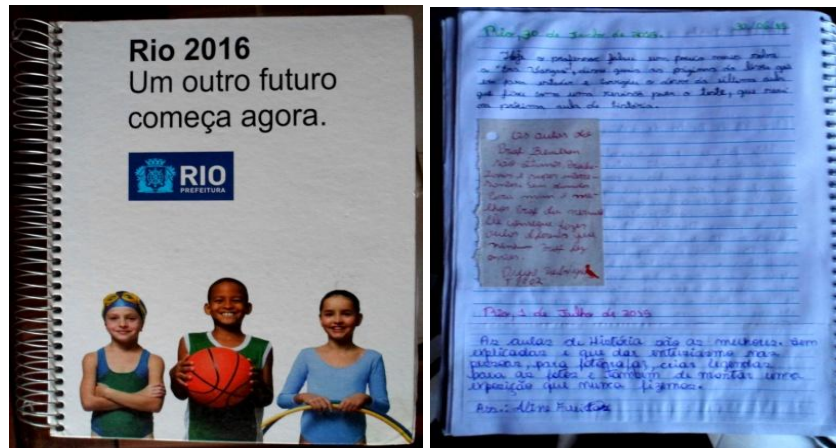


Diego Rodrigues PD1902 - Aula de História

Seguir · 15 de setembro de 2015 ·

Vista linda. Ao fundo o Museu do amanhã sendo construído e a belíssima ponte Rio-Niterói sobre as águas da bela Bahia de Guanabara. (Foto tirada da cobertura do Museu Mar)

Caderno de depoimentos da turma.



(Fonte: O autor, 2015.)

O caderno usado como espaço onde os estudantes, de forma voluntária, deixaram suas impressões sobre as aulas de história e sobre o projeto Maré de Cidadania, configurou-se como um diário de memórias da turma. Em depoimentos datados de 10 e 24 de setembro de 2015, os estudantes indicam que o projeto Maré de Cidadania não excluiu as discussões relativas ao currículo formal de história para o nono ano.

A aula de hoje foi muito interessante. Falou sobre Hitler. Achei muito boa a aula de hoje, o professor deixou tudo explicado no mínimo detalhe. Também falamos sobre os trabalhos atrasados, que ele deu outra chance para fazer. Um bom professor faz um aluno ir mais alto e também ganhar mais conhecimento. Aula ótima. (Vinícius Nascimento)

As aulas estão muito boas, o museu da Maré está ótimo, eu tô gostando da aula, aprendendo sobre nazismo e segunda guerra mundial. (Thiago de França)

Em outras passagens vimos o interesse pelas aulas de história, além de sentimentos positivos acionados em função do projeto Maré de Cidadania.

Eu estou achando muito interessante a aula de História porque estamos fazendo coisas diferentes e criativas, coisas que nunca fiz em outras aulas em 9 anos que estudo nessa escola. (Amanda Oliveira)

Aqui está acontecendo solidariedade. Todos compartilham ideias e nos ajudam. (Aline Freitas)

As aulas de história para mim estão se tornando cada vez mais importante pois além de adquirirmos conhecimentos sobre a história também trabalhamos em grupo para uma exposição. (Giovani Lopes)

4.1.2 Garimpo de objetos pessoais



Legenda: Objetos dos estudantes. (Fonte: O autor, 2015.)

Os objetos trazidos pelos estudantes deram visibilidade às suas referências pessoais, socializadas em sala de aula.



Legenda: Laryssa Reis, Gabriella Santos e Aline Freitas com objetos trazidos de casa. (Fonte: O autor, 2015.)

Os relatos proporcionaram reflexões sobre a historicidade dos objetos.

As moedas antigas são da época que minha avó era criança. As moedas fizeram minha avó lembrar da infância dela. Têm mais de 40 anos. (Jhenyfer Fonseca).

Trouxe essa porcelana que têm um grande significado pra mim, porque foi um presente passado de bisá pra avó, da avó pra minha mãe. (Laryssa Cristina).

A carteira de trabalho do meu avô. Ele fez a carteira quando ainda era jovem, quando casou com minha avó ficou com ela e quando os dois morreram ficou com minha mãe. (Isabelle Maria).

A foto de quando minha mãe era bebê. Ela tem muita importância pra família porque é a única foto que minha mãe tem de quando era bebê. Minha mãe achou na casa de meu avô falecido e trouxe pra casa. (Danielle Duarte).

4.1.3 Revelando novos olhares sobre a escola

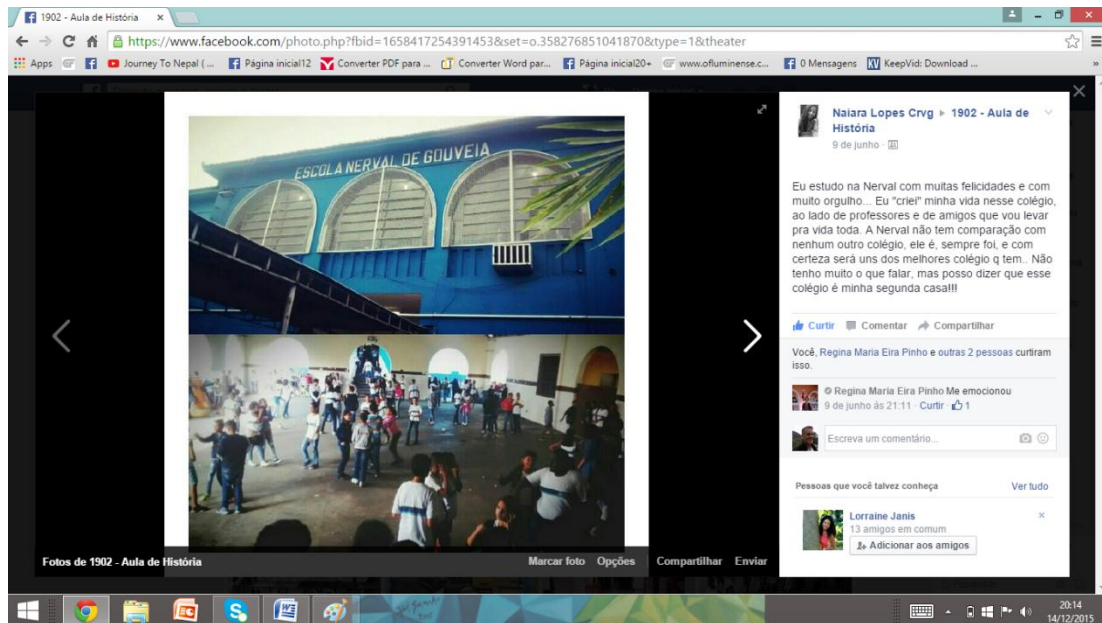


Legenda: Os estudantes, no pátio de estacionamento da escola, registram imagens por celular. (Fonte: O autor, 2015.)

Percorremos caminhos incomuns na nossa rotina escolar e encorajamos os estudantes a revelarem olhares poéticos ao capturarem imagens da escola.

Neste bimestre a gente conheceu um pouco mais sobre a escola, através das fotos, isso faz as aulas ficarem mais legais. (Isadora Abrantes)

Neste bimestre foi tudo muito interessante, gostei muito dessa novidade de tirar foto da escola, e que é muito legal, porque é o nosso último ano aqui e também pra ter uma foto da nossa Nerval! É isso professor! Gosto das suas aulas e também das novidades! (Isabelle Silva)



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Na página do facebook, criaram legendas que tinham como proposta responder à questão: Qual a importância da escola na minha vida? No depoimento, a estudante Naiara Lopes afirma:

eu estudo na Nerval com muitas felicidades e com muito orgulho... Eu "criei" minha vida nesse colégio, ao lado de professores e de amigos que vou levar pra vida toda. A Nerval não tem comparação com nenhum outro colégio, ele é, sempre foi, e com certeza será uns dos melhores colégios que tem.... Não tenho muito o que falar, mas posso dizer que esse colégio é minha segunda casa!!!

Outro relato apresenta a escola como um bem valorizado pelo estudante.



Milena Dutra1902 - Aula de História

Seguir · 2 de junho de 2015 ·

A importância da escola na minha vida? Eu não tenho nem palavras para explicar a importância da escola na minha vida !! Nela eu aprendi e continuo aprendendo muito !! Tudo que sei hoje agradeço a todos os professores diretores, amigos etc....A escola me ensinou a viver, me ensinou que eu preciso estudar para alcança meus sonhos e objetivos, me deu amigos verdadeiros que vou levar para a vida inteira, me deu amor, me deu vida !!Claro que a escola tem seus pontos negativos, assim como a vida a escola tem seus altos e baixos, mas todos

juntos conseguimos passar por cima dos problemas e viver !!. Vou sentir muitas saudades !!
Sempre gosto de dizer:
"A escola é a minha segunda casa "

4.1.4 Elegendo espaços coletivos da comunidade

Passarela 12 que cruza a Av. Brasil e Piscinão de Ramos foram os espaços escolhidos pelos estudantes. As legendas refletem o sentimento de pertencimento com o piscinão de Ramos.



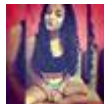
Danih Duarte1902 - Aula de História

10 de abril de 2015 ·

Nome : Danielle Duarte

Turma :1902

Legenda: Piscinão o lugar que cresci. E frequento até hoje .



Leleeh Ferreira1902 - Aula de História

Seguir · 13 de abril de 2015 ·

Dupla:Leticia Ferreira e Thais Alves...

Turma:1.902

Legenda:Piscinão um Que adoro Frequentar Sempre que Estou com Amigas , e Lugar Ótimo de Conversar...

Abaixo, exemplo das fotos escolhidas para compor a exposição.



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Foto: Flávio de Moura Pinto – 15 anos



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Foto: Jerlani da Silva Viana – 15 anos

4.1.5 Visita ao Museu Histórico Nacional

A visita ao museu permitiu que os estudantes tivessem contato com um ícone do patrimônio nacional. Em duas salas da exposição permanente, *Oreretama* e *1889 – Cidadania em Construção*, contou com mediação. Cada estudante se comprometeu a postar duas fotos na comunidade do facebook. Uma de livre escolha e outra que representasse a cidadania.



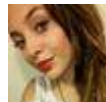
Legenda: Estudantes na visita ao Museu Histórico Nacional. (Fonte: O autor, 2015.)

Entre as de livre escolha, destacaram-se as de carruagem, trono real e caneta atribuída a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Izabel.



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Postagem do estudante Valdir Junior, em 6 de maio de 2015, com a seguinte legenda: “Essa carruagem foi o objeto que eu mais gostei porque olhando para ela dá para sentir a diferença da tecnologia (como os carros)”



Jhenyfer Fonseca1902 - Aula de História

7 de maio de 2015 ·



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

A foto acima, publicada em 7 de maio de 2015 pela estudante Jhenyfer Fonseca, continha a seguinte legenda:

“Caneta da Princesa Isabel usada para assinar a Lei Áurea, que ocorreu em

13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil. Representa a memória do poder (império). ”

Podemos notar que a estudante articulou ideias relativas à memória do poder discutidas em sala de aula, à partir do artigo *Memória e poder: dois movimentos*, de autoria de Mário de Souza Chagas.

As fotos representando a cidadania variaram bastante, mas aquelas que mais apareceram representavam cerâmicas e artesanatos indígenas. Ao refletirmos sobre as escolhas, os estudantes avaliaram que agradavam pois mostravam “a beleza da simplicidade como a vida era compartilhada entre os indígenas” (estudante Luan Carlos).



Foto: Leticia Ferreira. Publicada em 06 de maio de 2015.
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Foto: Jerlani Viana, publicada em 06 de maio de 2015.
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

4.1.6 Visita ao Museu da Maré



Legenda: Com os estudantes na primeira visita ao Museu
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Estudantes sendo recepcionados pela coordenadora Claudia Rose Ribeiro da Silva. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Com o monitor Jeferson Luciano.
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: O estudante Giovanni e ao fundo a foto do avô. O estudante afirmou que sempre visitava o museu por conta daquela foto. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: Estudantes tocam nos objetos no espaço do Tempo da Feira. (Fonte: O autor, 2015.)

Dentre as fotos postadas na comunidade do facebook, a que mais se destacou foi a da palafita.



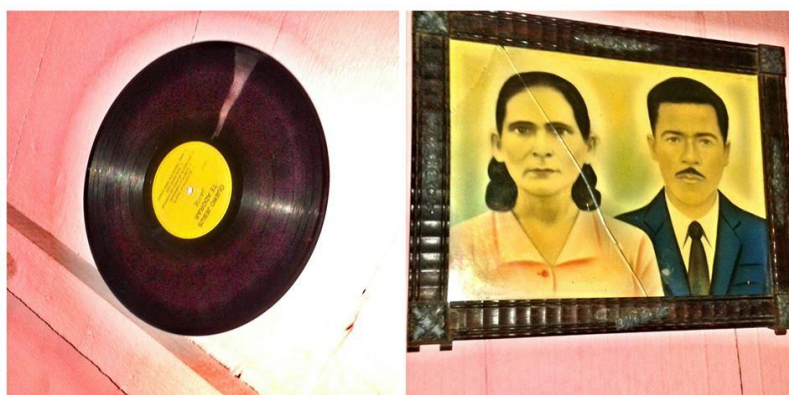
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Milena Dutra1902 - Aula de História

Seguir · 19 de maio de 2015 ·

Eu gostei dessa imagem porque representa as casas de palafitas que existiam aqui, eu posso não ter usado ela mas tenho quase a certeza que meus avôs ou bisavós moraram nela !”



(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Aline Freitas1902 - Aula de História

Seguir · 17 de maio de 2015 ·

1º ➡ O Disco de Vinil é uma mídia desenvolvida na década de 40, para a reprodução musical. Lembro que na minha casa tinha vários discos e o que eu mais gostava era o da XUXA.
2º ➡ Este retrato me lembra as férias de 2014/15 que passei na casa do meu avô paterno. Na casa tinha muitos retratos deste tipo, que é feito a mão e os reprodutores que desenham colocam ternos, para ficarem mais chiques!

Em registro no caderno de memórias da turma, datado de 07 de maio de 2015, a estudante Brenda Vertulli Dutra deixa o seguinte depoimento:

Hoje a aula foi ótima, e o melhor ainda, fora da escola... visitamos o tão esperado Museu da Maré. Foi completamente diferente do que eu pensava que seria, é um lugar tão simples e tão perfeito, eu simplesmente fiquei encantada com a maioria das coisas que vi lá dentro e tenho certeza que todos adoraram o passeio.

Aprendemos que o futuro é AGORA, que temos cultura, história, tradição, que o cenário da favela é diferente do que a mídia mostra nos jornais, que não somos números ou censo de pobreza; somos gente. *Bre*

4.1.7 Reunião com a equipe do Museu da Maré



Legenda: No primeiro plano, no centro da foto a coordenadora do Museu da Maré, Cláudia Rose Ribeiro da Silva. No sentido horário eu e representando a

turma 1902, os estudantes, Brenda Vertulli, Jéssica Frazão e Rafael Conceição. A coordenadora pedagógica do Museu da Maré, Márcia Mansur e os quatro monitores do Museu: Elaine Freitas, Jefferson Luciano, Matheus Frazão e Bárbara Assis.

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Ocorrida em 23 de junho de 2015, na administração do Museu da Maré, teve como objetivo discutir e programar as ações pertinentes à organização da exposição Maré de Cidadania.

Em depoimento no caderno de memórias, datado de 23 de junho de 2015, a estudante Brenda Vertulli afirma:

hoje foi um pouco cansativo, contudo necessário, durante a manhã estudamos e tivemos que copiar um pouco sobre o período constitucional (...). Durante à tarde, eu, Jéssica e Rafael fomos ao Museu da Maré, encontramos o professor Benilson e a equipe do Museu, incluindo a diretora e os monitores. Lá dialogamos sobre a exposição que iremos fazer em outubro e marcamos o dia em que a turma irá visitar o Museu novamente e também o dia em que os monitores do Museu irão lá na escola apresentar uma peça de Teatro.

4.1.8 Contadores de Histórias da Maré



(Fonte: O autor, 2015.)

Em postagem na comunidade do facebook os estudantes comentaram o evento:

Diego Rodrigues PD A importância de conhecer as histórias antigas, conhecer o lugar que você veio, saber que tem algo ótimo para ser contado para a geração mais nova.

Michael Sykes para preservar a cultura da maré, pq muitos moradores moram na maré e nem sabem as incríveis histórias que existem.

Brenda Vertulli As memórias e lembranças são extremamente importantes porque formam a base para a aprendizagem.

Laryssa Reis Para voltar ao passado e relembrar a todos moradores da maré e a mostrar para todos que a maré não tem só coisas ruins como aparece na TV, que tmb há histórias boas engraçadas, sérias e isso é bom ser amostrado a todos!

Suanne Guimarães Recordar as histórias da maré, e te ensinar como ter orgulho do lugar aonde você mora.

Giovane Lopes Sei que a maré tem diversas história pra contar, eu tive o prazer de conhecer algumas histórias e como pra mim foi importante saber essas histórias, para outros também será.

Danih Duarte É importante pois relembramos o passado sem vergonha e tendo orgulho de onde viemos, dos nossos passos, da nossa história !!

4.1.9 Retorno ao Museu da Maré



Legenda: A turma 1902 na segunda visita ao Museu. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: Os grupos com os monitores. Da esquerda para a direita: o monitor Jeferson e os estudantes Michael, João, Luan e Flávio. Na segunda foto: Brenda, Alerson, Geovane, Jéssica, Diego e o monitor Matheus. (Fonte: O autor, 2015.)

Essa visita foi acompanhada também pelo professor de geografia que realizou atividade visando revelar, por fotografia, a diversidade do espaço comunitário. O resultado desta proposta foi incorporado à exposição.



Legenda: No centro da foto, o professor Oswaldo, de camisa preta, entre os estudantes. (Fonte: O autor, 2015.)

4.1.10 Oficinas de criação

O trabalho desenvolvido nas oficinas de criação foi estimulado com uma obra de arte criada sob inspiração do tema Maré de Cidadania.



Bê Sancho
 “O que é nosso a
 gente cuida”
 Óleo sobre tela –
 60x40 - 2015

(Fonte: O autor, 2015.)

No quadro, o planeta está sendo erguido por um adolescente que veste a camisa com o símbolo do Museu da Maré. O adolescente está sendo conduzido por um barco, cujo nome é Nerval, uma alusão à Escola Municipal Nerval de Gouveia, pertencente aos estudantes. À direita da pintura, um tótem representa as diferentes terras de origem dos migrantes que deram origem à comunidade. A água sob o barco, em formato de peixes, também representa os estudantes que sustentam o barco (escola) e que se fundem em um jardim em flor. Bandeirolas trazem referências da comunidade e uma fada imprime um sentido mágico e lúdico à obra. Fica a minha mensagem como professor de história, artista plástico e cidadão para a experiência Maré de Cidadania.



Legenda: Na sala de leitura da escola os estudantes produzem materiais para a exposição. (Fonte: O autor, 2015.)

Inspirados no Museu da Maré, sete equipes desenvolveram os seguintes temas: Tempo da Adolescência, Tempo da Amizade, Tempo da Solidariedade, Tempo da Música, Tempo do Esporte, Tempo da Modernidade e Tempo da Tecnologia.



Legenda: Trocando ideias e orientando a estudante Milena durante uma das oficinas de criação. (Fonte: O autor, 2015.)

Nas oficinas de criação cada grupo produziu materiais referentes ao tema escolhido. Os diferentes temas foram apresentados como uma dimensão da cidadania.



Legenda: Foto publicada na comunidade do facebook em 14 de outubro de 2015.
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Na imagem, a estudante Laryssa Reis compartilha o trabalho realizado em sua residência para a exposição.

Grupo Tempo do Esporte.



Legenda: Pintura em tinta guache sobre papelão representando o futebol. Bola de plástico foi inserida na pintura. No primeiro plano da foto, da direita para a esquerda: Felipe, Daniel e Luan observam outros integrantes pintando. (Fonte: O autor, 2015.)

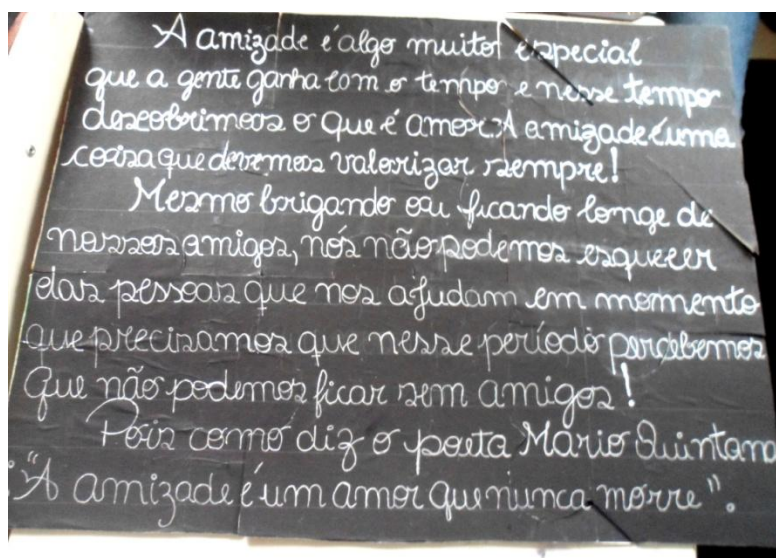
O grupo criou a seguinte frase para representar o Tempo do Esporte:

“A natação e o futebol, por serem os esportes mais praticados na comunidade, foram escolhidos por nós. Eles nos ajudam na saúde e nos divertem, além de serem fáceis de praticar.”

Grupo Tempo da Amizade.



Legenda: Na primeira fotografia: mãos das estudantes com a pulseira escolhida como o objeto simbólico do laço da amizade, além de uma tatuagem feita à caneta representando um coração permeado com o símbolo do infinito. Foto que foi revelada para ser exposta. Na segunda fotografia Leticia, Gabriela, Nicolý e Thais seguram um quebra-cabeça feito de papelão, pintado com tinta guache. Ao montá-lo lê-se a palavra “Amizade”. Na imagem abaixo, o verso do quebra-cabeça. (Fonte: O autor, 2015.)



(Fonte: O autor, 2015.)

Grupo Tempo da Música.



Legenda: Pintura de atabaque. Tinta guache sobre papelão.
Colagens de linhas de lã.
(Fonte: O autor, 2015.)

“A música é o melhor conselho para se ouvir”

(Frase criada para a exposição)

Grupo Tempo da Adolescência



Legenda: Na primeira foto, da esquerda para a direita: Bruna, Mary, Milena e Jerlani seguram balões de cartolina com pintura em guache. Na segunda foto, Milena e Mary recortam as frases para compor os balões. (Fonte: O autor, 2015.)

“Apanhar em casa é proteção?”

(Frase usada em um dos balões)

Grupo Tempo da Solidariedade.



Legenda: Na segunda foto Laryssa, Alerson e Jessica com a professora de Artes Rosemarí Camiza de Souza. (Fonte: O autor, 2015.)

“A fé faz a solidariedade”



Legenda: Em 25 de setembro de 2015 os estudantes publicam a imagem acompanhada da frase acima que depois foi incorporada à exposição.
 (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Guias de Candomblé, objetos de memória do avô da estudante Laryssa Reis. Inspirados no Tempo da Fé, optaram por trazer objetos de memória relativos à religiosidade afro-brasileira.

Grupo Tempo da Modernidade.



Legenda: A estudante Luiza recorta o molde do próprio corpo feito em papel pardo.
 (Fonte: O autor, 2015.)

“O mundo moderno está em nossas mãos. ”

(Frase criada para a exposição)

Ao criar um molde do próprio corpo e cobri-lo com uma diversidade de cores, não estariam os estudantes poetizando a própria imagem?

Grupo Tempo da Tecnologia.



Legenda: Os estudantes Michael e Luan observam o cartaz com imagens selecionadas por eles sobre a tecnologia. Na segunda foto o grupo montando o robô feito de sucata. (Fonte: O autor, 2015.)

“O que será que podemos esperar da tecnologia no futuro?”

(Frase criada para a exposição)

4.1.11 Montagem da Exposição



Legenda: Início da montagem. Paredes cinzas, ainda vazias e os estudantes concentrados na atividade. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: No centro da foto, o estudante do curso de Arqueologia da UERJ, Luan Sancho Ouverney, participa, voluntariamente, produzindo registros fotográficos e colaborando na montagem da exposição. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: O monitor Jefferson Luciano, junto com os estudantes e eu no momento da montagem da exposição.
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: A galeria quando da finalização da montagem da exposição.
(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

4.2 A exposição Maré de Cidadania

4.2.1 Convite da exposição



(No convite a marca d'água com as mãos dos estudantes. O texto de apresentação é parte da poesia criada coletivamente para a exposição.)

4.2.2. Primeira sala: apresentação

Na sala intitulada Tempo do futuro, expusemos texto de apresentação, fotografias da turma, uma poesia e relação nominal dos envolvidos.

MARÉ DE CIDADANIA

UM MOVIMENTO DE ESTUDANTES

ESPAÇO DE LIBERDADE E PERTENCIMENTO

LUGAR DE TEMPORALIDADES

NO TEMPO DO FUTURO, O PRESENTE

DIVERSO, COLETIVO E PLURAL

NO TEMPO DO FUTURO, O ENCONTRO

EM DIFERENTES TEMPOS

TEMPOS DE SER, DE ESTAR, DE VIVER

E CONVIVER
TEMPO DA SOLIDARIEDADE, DA AMIZADE E ADOLESCÊNCIA
TEMPO DA TECNOLOGIA E MODERNIDADE
TEMPO DO ESPORTE E DA MÚSICA
TEMPOS NOSSOS
NO NOSSO TEMPO DE SER CIDADÃO

.....

Texto de apresentação.

MARÉ DE CIDADANIA

A exposição propõe revelar o conceito de cidadania pela perspectiva dos alunos da turma 1902 da EM Nerval de Gouveia.

A primeira parte apresenta fotografias que buscam ressignificar os espaços coletivos de sociabilidade, compreendidos enquanto lugares de pertencimento. Nesta perspectiva foram eleitos o Piscinão de Ramos, a Escola e a Passarela 12 que cruza a Av. Brasil.

A segunda parte, inspirada na proposta do Museu da Maré, está dividida em sete tempos. A seleção dos temas, pelos estudantes, dialoga com suas expectativas e demandas enquanto adolescentes concluintes do Ensino Fundamental.

Sendo assim, a **MARÉ DE CIDADANIA** se apresenta como resultado de uma ação pedagógica comprometida com a apropriação do patrimônio comunitário e com a valorização dos mundos de experiência dos alunos, tornando significativo o Ensino de História.

Benilson Sancho

Alunos-autores da exposição

ALINE FREITAS BARRETO

AMANDA OLIVEIRA DA SILVA

BRENDA VERTULLI DUTRA

BRUNA ALEXANDRA SANTOS NICOLAU

DANIELLE OLIVEIRA DUARTE

DIEGO RODRIGUES NASCIMENTO

FELIPE LOPES DE FARIA LORENZO

GABRIELLA DOS SANTOS OLIVEIRA

FLAVIO DE MOURA PINTO

GIOVANE LOPES DE MENEZES

ISABELLE MARIA DOS SANTOS SILVA

ISADORA AQUINO ABRANTES

JERLANI DA SILVA VIANA

JESSICA FRAZÃO DELGADO

JHENYFER RAMALHO FONSECA RICARDO

JOÃO PAULO FERREIRA BEZERRA

JOÃO VITOR TAVARES DOS SANTOS

**LARYSSA CRISTINA TEIXEIRA PEREIRA
DOS REIS**

LARYSSA FERREIRA DA SILVA

LUAN CARLOS REGIS DA SILVA

LETICIA FERREIRA GONÇALVES DA SILVA

LUIZA ADRIELE DOS SANTOS LIMA

MARCOS VINICIUS AGUIAR DE SANTANA

**MARY STEPHANIE NASCIMENTO DA
SILVA**

MICHAEL DOUGLAS DA SILVA CABRAL

MILENA DOS SANTOS DUTRA

MYLENA DOS SANTOS DA FONSECA

NAIARA FURTADO LOPES

NATAN FELIPE DA SILVA

NICOLY RODRIGUES NOUGUEIRA

RAFAEL DA CONCEIÇÃO RIBEIRO

SUANE GUIMARÃES SATURNINO

THAIS ALVES DA SILVA

THAMYRES PEREIRA BARBOSA

THIAGO DE FRANÇA RODRIGUES

VALDIR ANTONIO DE OLIVEIRA JUNIOR

VINICIUS NASCIMENTO ESTANISLAU

ALERSON CAIK MAIA QUEIROZ

DANIEL FERREIRA DOS SANTOS

ALEXSANDRO DA SILVA ALVES

FICHA TÉCNICA

Museu da Maré

Direção

Antônio Carlos Pinto Vieira

Luiz Antônio de Oliveira

Coordenação

Cláudia Rose Ribeiro da Silva

Orientação pedagógica

Marcia Mansur

Mediadores e contadores de histórias

Barbara Fonseca de Assis Silva

Elaine Cunha de Freitas

Jeferson Luciano Gaspar Mesquita

Marilene Nunes

Marli Damascena

Matheus Frazão

Terezinha de Jesus Lanzellotti

Escola Municipal Nerval de Gouveia

Direção

Regina Maria Eira Pinho

Coordenação Pedagógica

Maria Alice Alves

Professor de História e orientador do projeto da exposição

Benilson Mario lecker Sancho

Professores parceiros

Luciana Souza

Oswaldo Rodrigues Rezende

Rosemarí Camiza de Souza

UFF – PROFHISTÓRIA

Coordenação do Profhistória - Núcleo UFF

Larissa Viana

Orientação

Everardo Paiva de Andrade

Mestrando

Benilson Mario lecker Sancho

Parceria.

MARÉ DE CIDADANIA

Agradece aos parceiros



ESCOLA MUNICIPAL NERVAL DE GOUVEIA

4.2.3. Segunda sala: Exposição fotográfica

Onze fotografias, no tamanho 15x21, selecionadas pelos estudantes para a exposição. Foram emolduradas, de forma artesanal, sobre papel cartão preto e branco.



Legenda: Exposição fotográfica com intervenção de grafite sugerindo os estudantes sustentando as fotografias. (Fonte: O autor, 2015.)

A fotos da exposição.



“O atalho” - Valdir Júnior – 15 anos.



“Lugar de paz” - Letícia Ferreira e Thais Alves - 15anos

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



“O meu olhar do meu lugar”, Jerlani Viana – 15 anos



“A mira do ataque”, Vinícius Sant'anna – 15 anos

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

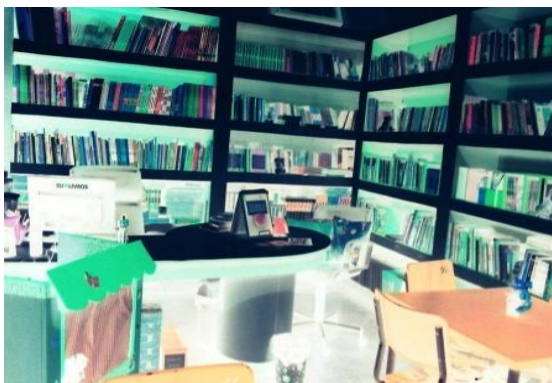


“O convívio dos alunos na formação da escola” - Luan Carlos – 15 anos



“Ler é arte” – Laryssa Reis – 15 anos

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



“Sala de leitura” – Jhenyfer
Fonseca – 15 anos



“A chave para o meu futuro” – Jerlani
Viana – 15 anos

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



“A porta que abre meus
caminhos” – Gabriella Santos
– 15 anos



“O caminho” – Driele Santos – 15 anos

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



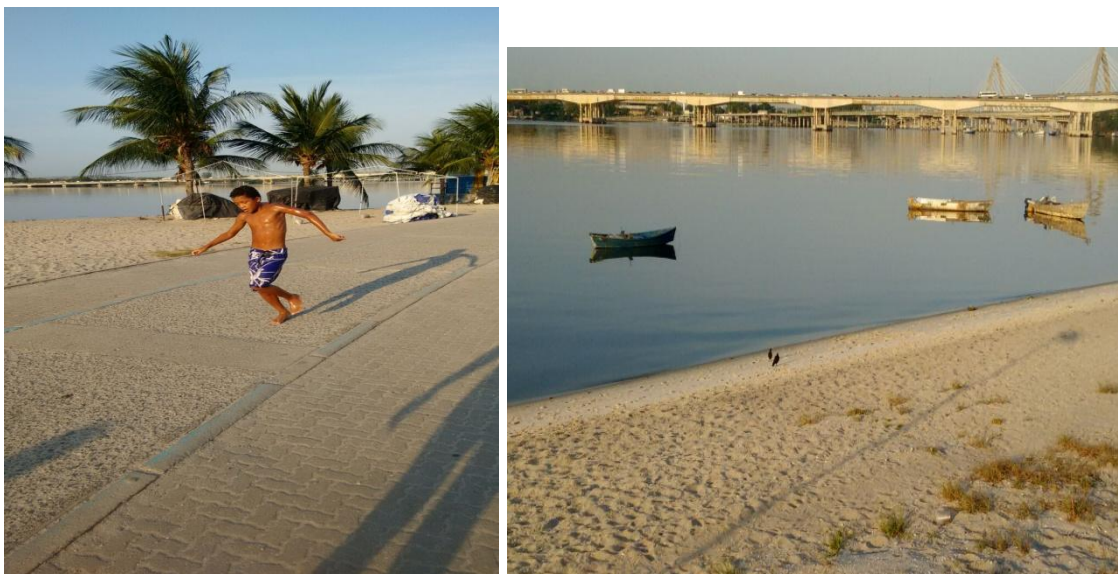
“Escola que transforma” – Giovane Lopes – 15 anos

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

Em outro ambiente, fotografias tiradas sob supervisão do professor de geografia, Oswaldo Rodrigues Rezende. As fotos, tamanho 10x15, foram expostas em um varal, sem identificação dos autores.

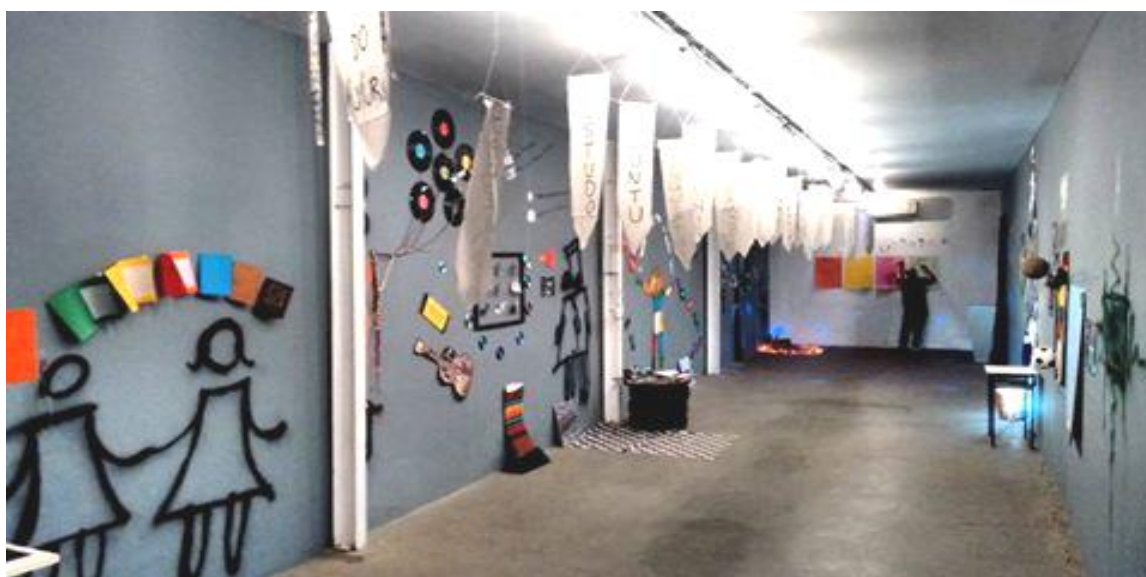


(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

4.2.4 Terceira sala: os sete tempos da Maré de Cidadania



(Fonte: O autor, 2015.)

Exposição dos trabalhos por temporalidade. Nas imagens, os autores de cada tema.

Tempo da Música



Legenda: Laryssa Reis, Vinícius Nascimento, Aline Freitas, Mylena Santos e eu na abertura da exposição.

(Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Detalhes do espaço. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: Menina com balões de discos de vinil. No centro dos discos, colagem com referências musicais escolhidas pelos estudantes: hip hop, funk, rock, rap, reggae e pop. (Fonte: o autor, 2015.)

Tempo da Solidariedade



Legenda: Diego Nascimento, Laryssa Silva, Giovane Lopes, Alerson Queiroz, eu e Jéssica Frazão na abertura da exposição). (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Detalhes do tema. (Fonte: O autor, 2015.)

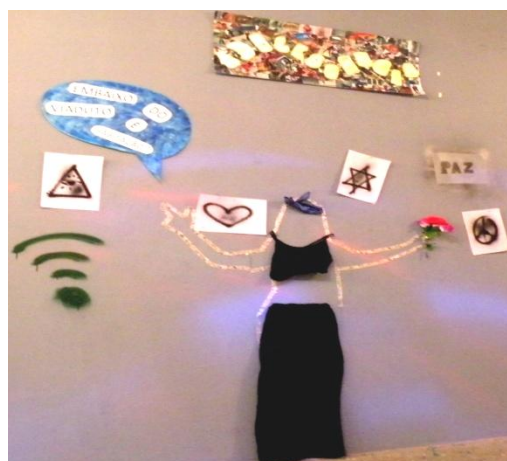


Legenda: O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, em visita ao Museu da Maré, registra o tempo da Solidariedade da Maré de Cidadania. Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=913414355407336&set=g.358276851041870&type=1&theater> . Novembro de 2015)

Tempo da Adolescência



Legenda: Suanny Guimarães, Bruna Nicolau, Milena Dutra, eu e Mary Nascimento na abertura da exposição. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Detalhes do tema desenvolvido pelo grupo. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: O sociólogo Boaventura de Souza Santos observa instalação do Tempo da Adolescência.

(Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=913414292074009&set=g.358276851041870&type=1&theater> . Novembro de 2015)

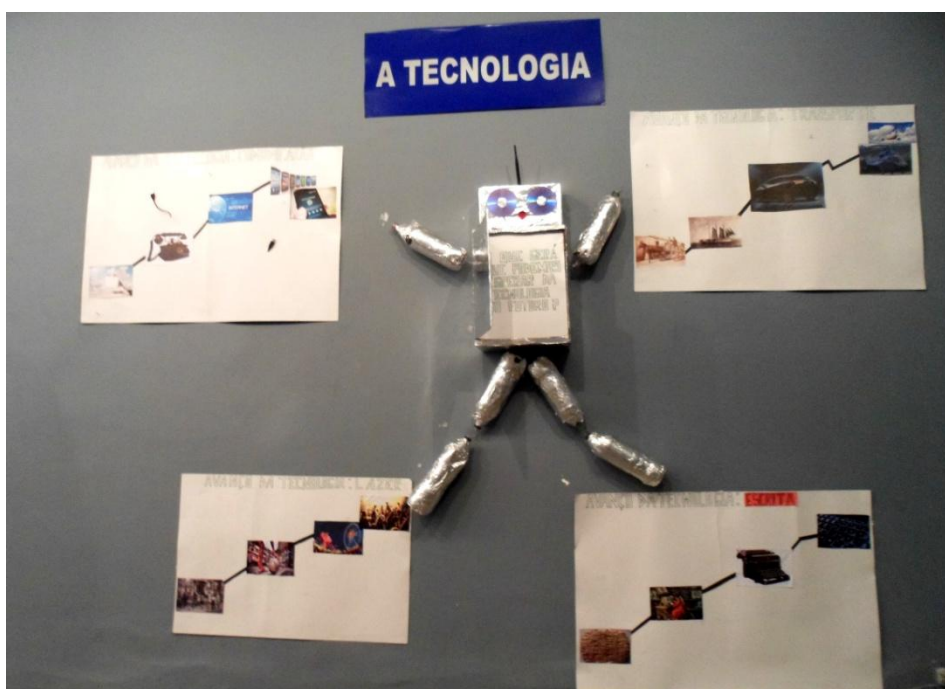


Legenda: Resultado da oficina de colagem e que o grupo optou por colocar na exposição. (Fonte: O autor, 2015.)

Tempo da Tecnologia



Legenda: Thiago França, Michael Douglas, Luan Carlos, Flávio de Moura e eu na abertura da exposição. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Detalhe do tema. (Fonte: O autor, 2015.)

Tempo da Amizade



Legenda: Gabriella dos Santos, eu, Thais Alves, Isadora Abrantes, Isabelle Maria na abertura da exposição. Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

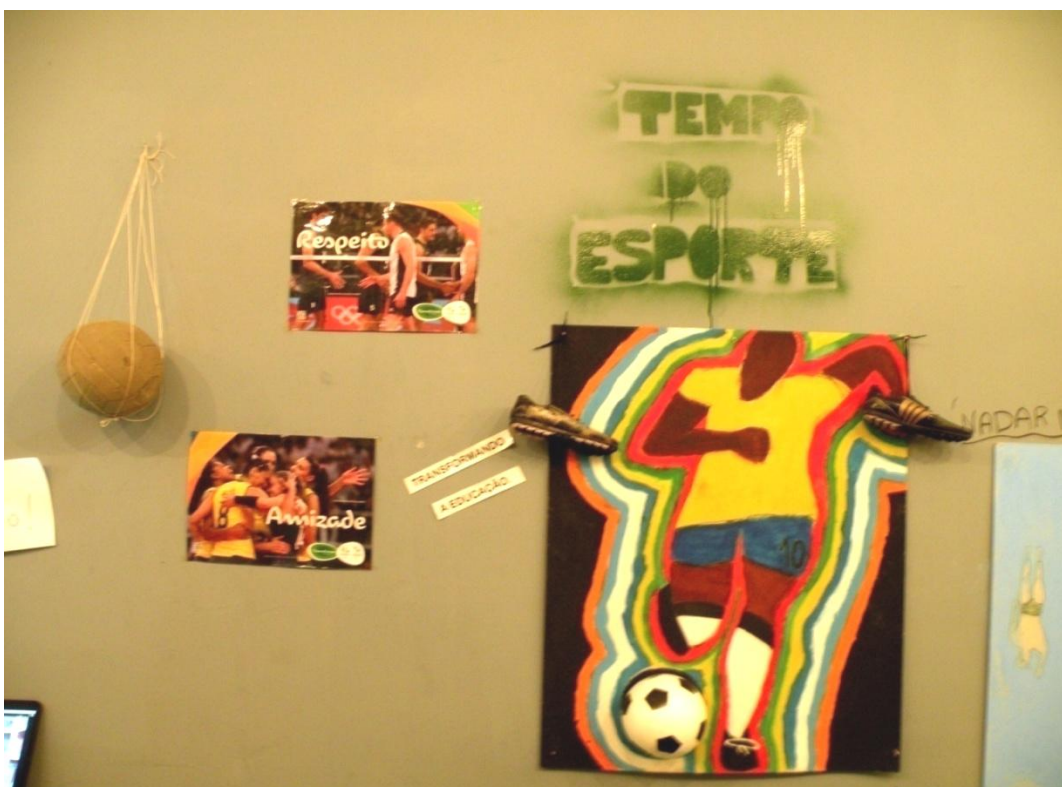


Legenda: Detalhes: Primeira foto, nicho com fotografia das mãos das estudantes usando a pulseira que simboliza o elo da amizade e uma pulseira. A placa com o texto explicando o motivo da pulseira estar em exposição. Na segunda fotografia uma caixinha de madeira em formato de coração com frases sobre a amizade. (Fonte: O autor, 2015.)

Tempo do Esporte



Legenda: Na tarde de abertura da exposição o grupo formado pelos estudantes Marcos Vinícios, João Paulo Bezerra, eu, Valdir Oliveira e Rafael Ribeiro. Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: No fato, bola de vôlei, imagens de propaganda das olimpíadas do Rio e painel de pintura sobre papelão referente ao futebol com chuteiras usadas, doadas pelo estudante João. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: Estudantes, familiares, amigos e equipe do Museu, no momento da abertura da exposição. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Visitantes na tarde de abertura da exposição. (Fonte: O autor, 2015.)



Legenda: Visitação da exposição. (Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)



Legenda: Pose para a foto com todos os presentes. Abertura da exposição). Fonte: <https://www.facebook.com/groups/358276851041870/>)

 , final do ano aí e estamos na reta final. Infelizmente não estaremos reunidos novamente ano que vem. Em um ano aprendi e ensinei, ca  e levantei. Nossas aulas de história todas elas foram maravilhosas e muito bem ensinadas por um professor digno e merecedor. São tenho l e agradecer professor, por todos os ensinamentos e aprendizados. Voc e nos proporcionou uma responsabilidade importante e grande que nós iremos levar pra vida toda. Obrigada por ser esse excelente professor. São nos resta gratidão a voc e!

Viva a turma 1902!

Viva o amor!

Viva a Solidariedade, a Tecnologia, a Adolescência, o Esporte, a Música, a Amizade, a Modernidade, A CIDADANIA!!!

(Jéssica Frazão)

4.2.6 A experiência na voz dos estudantes

Após a abertura da exposição, convidamos os estudantes a deixar, por escrito, suas impressões sobre a experiência que culminou na Maré de Cidadania.

Para mim esse ano, essa experiência foi uma das melhores da minha vida. Trazer coisas antigas no começo do ano fez eu perceber que o tempo passa sim, e que as coisas mudam de alguma forma, sendo melhor ou para pior. A exposição foi o melhor de tudo, acho que mudou a todos, vimos o mundo, a cidadania com um novo olhar, um olhar mais amplo, mais rico. Pensamos muito no futuro, na gente, em todos, na união. A turma se juntou e ficamos até mais próximos um dos outros, um ajudando o outro, todos tendo solidariedade. Achei isso incrível. (Mylena Fonseca)

Sobre o significado da Maré de Cidadania? É um movimento de adolescentes, é um movimento de professores, é um movimento da “gente”. Maré também é cidadania!!! (Jéssica Frazão Delgado)

O professor quis que a gente passasse por uma experiência, ele confiou na gente, eu achei isso muito legal, ele quis nos mostrar mais como é o mundo o que é cidadania, o que é solidariedade e isso tudo me ajudou muito como saber a falar e agir e acho que tudo que vivemos tem a cidadania (...) (Laryssa Reis)

(...) hoje depois dessa exposição, depois disso tudo, dessa grande experiência, eu pude enxergar melhor, entender melhor o que é cidadania. Eu vi que cidadania é deveres e direitos e é o meu tempo, o tempo do presente, ligado com o tempo do futuro e que a cidadania está em todos nós. (Luan Carlos)

Esse projeto foi importante pra mim porque aprendi a enxergar de outra maneira a minha comunidade, onde eu achava que não havia coisas boas. (Marcos Vinícius)

Alguns vinham até mim e meus amigos pedindo para que pudéssemos apresentar todo o museu até chegarmos ao tempo que foi exposto nosso trabalho denominado tempo do futuro, isso nos enchia de orgulho pois víamos nosso trabalho dando resultado, não esperávamos tanto, foi incrivelmente gratificante. Realmente uma experiência que quero levar pra toda a vida. (Giovane Lopes)

4.3 O Museu da Maré recebe a Banca de Qualificação de Mestrado

A qualificação no Museu da Maré, em sua dimensão política, correspondeu à proposta da experiência pedagógica realizada: reconhecer, valorizar e reafirmar os espaços comunitários como representativos de poder, memória e direitos.

A presença dos professores doutores Carina Martins Costa, Everardo Paiva de Andrade, Marise Basso Amaral e Mário de Souza Chagas, contribuiu para que a opção por realizá-la fora do espaço universitário fosse compreendida como ato político a favor do reconhecimento de saberes comunitários no ensino de história.



Legenda: Na foto, da esquerda para a direita: Eu, os professores Mário Chagas, Carina Martins e Marise Basso Amaral. À direita da fotografia, o Orientador Everardo Paiva de Andrade. (Fonte: Luan Sancho Ouverney, 2015.)



Legenda: Da esquerda para a direita: Mario Chagas (UNIRIO), Karina Martins (UERJ), Eu (EM Nerval de Gouveia/UFF), Marise Basso Amaral (UFF), Everardo Paiva de Andrade (UFF), Cláudia Rose Ribeiro da Silva (Museu da Maré) e Márcia Mansur (Museu da Maré). (Fonte: Luan Sancho Ouverney, 2015.)



Legenda: Momento da defesa de qualificação. (Fonte: Luan Sancho Ouverney, 2015.)



Legenda: Apresentação da pesquisa na sala de exposição. (Fonte: Luan Sancho Ouverney, 2015.)

CONCLUSÃO

O ensino de história, durante muito tempo, esteve vinculado à promoção de uma memória específica, baseada no compartilhamento de patrimônios tradicionais, vinculados aos grandes museus. Podemos ver esta matriz pedagógica presente nas práticas de ensino de história da Educação Fundamental, seja pelo desconhecimento de museus comunitários ou pela facilidade de acesso aos grandes museus da cidade do Rio de Janeiro.

A escola parece desafiada a assumir o papel de formação dos jovens em um contexto multicultural, multiétnico, plural e diverso. A escola pode mostrar que esta diversidade não resulta somente de uma herança ou do prevaletimento de um determinado grupo, mas da composição de várias contribuições de diversos atores, de diversas origens étnicas, geográficas, culturais e econômicas.

Sendo assim, a proposta de uma experiência pedagógica em ensino de história, vinculada à apropriação de referências e memórias pessoais e comunitárias, bem como de patrimônios musealizados, foi o grande desafio dessa pesquisa, quando tratamos do tema cidadania. Acreditamos que a educação, baseada no diálogo, fomentou a ação comunicativa e, pelo argumento, trouxe para o espaço da sala de aula elementos próprios da memória e de referências do mundo de experiência dos estudantes (MONTEIRO, 2007 e 2011).

Dentro desta perspectiva, a pesquisa preocupou-se em apresentar uma relação possível entre memória e história, quando tratamos do tema cidadania com estudantes concluintes do Ensino Fundamental. Destacamos diferenças básicas entre dois elementos centrais – memória e história – e o meio pelo qual acreditamos que as relações entre eles podem ser construídas. Reflexões sobre objetos, desde pessoais até os encontrados nos museus, constituíram-se em potentes passarelas entre memória e história. (Ramos 2004)

Os objetos selecionados, apresentaram-se como passarelas capazes de nos conduzir às memórias e histórias compartilhadas no ambiente familiar, que, ao serem socializados, ganharam novos sentidos e significados. Acionar objetos pessoais e familiares potencializou sentimentos de pertencimento, já que, na materialidade dos objetos, foi possível encontrar a potência para refletir sobre outros modos de ser no mundo.

A experiência de selecionar objetos dos museus Histórico Nacional e da Maré potencializou sentidos diferentes daqueles construídos quando da seleção de objetos pessoais e familiares, porque, ao serem legitimados por instituições museais, ganharam sentidos de patrimonialização (GONÇALVES, 2003 e 2005) e, portanto, sugeriram valores coletivos a serem experimentados e compartilhados.

Ao refletirmos sobre os relatos, foi possível reconhecer elementos individuais e coletivos, diferentes dimensões de pertencimento. Os registros fotográficos contribuíram para novas experiências e olhares, assim como para construção de outras perspectivas sobre seus lugares de pertencimento. Ao socializarem fotografias e depoimentos, na comunidade do facebook, deram visibilidade às suas impressões sobre o tema, bem como experimentaram outras narrativas possíveis apresentadas pelos colegas.

A visita aos Museus Histórico Nacional e da Maré permitiu ampliar o olhar para o tema do patrimônio. Ao compreenderem a dimensão poética dos museus (CHAGAS, 2013), experimentaram a liberdade de construção de diferentes narrativas. Com a experiência foi possível construir um discurso próprio, autêntico, coletivo, solidário e singular sobre cidadania, sem excluir referências comumente compartilhadas quando tratamos o tema na sala de aula.

As oficinas de criação caracterizaram-se como exercício de solidariedade e liberdade, na medida em que as aptidões e talentos individuais foram respeitados e valorizados, contribuindo para a construção de uma narrativa coletiva sobre cidadania. A autonomia na produção da exposição permitiu uma diversidade de elementos simbólicos, potencializando múltiplas leituras.

Consideramos que os docentes, em relativa autonomia, mobilizam, dominam e produzem saberes plurais e heterogêneos na prática do ensino. A partir desse pressuposto, foi possível considerar os estudantes como co-gestores das ações por nós propostas, visando incluir demandas na definição daquilo que seria lembrado, assim como esquecido, quando tratamos do tema cidadania pela via da apropriação e do pertencimento de diferentes referências.

Tomamos também por pressuposto, que os saberes ensinados são fruto de uma cultura escolar que apresenta marcas dos saberes de referência e, portanto, permitiram ampliar o olhar dos estudantes para o tema cidadania, além de criar espaços onde sua voz fosse ouvida e suas ideias visibilizadas.

O Museu da Maré, ao receber uma exposição coletiva, solidária e autoral, de estudantes de uma escola municipal da região, permitiu que a experiência ganhasse dimensão e potência de grande envergadura, uma vez que possibilitou que o ensino de história, ao tratar o tema cidadania, ultrapassasse os limites da sala de aula e da escola, ocupando uma instituição de grande importância para a comunidade da Maré e para a cidade do Rio de Janeiro.

A Maré de Cidadania, experiência estética, híbrida, social, comunitária, de memória e de direitos, oportunizou aos estudantes, pela via do ensino de história em museus, perceberem-se atores sociais capazes de dizer ao mundo, de estar no mundo e de ser com o mundo. Permitiu que o afeto imprimisse sentidos aos atos de eleger aquilo que considerávamos relevante ser compartilhado, lembrado ou esquecido.

A sugestão de antropofagizar os museus (CHAGAS, 2013) criou outras perspectivas de inclusão e ressignificação de diferentes patrimônios socializados pelas instituições visitadas. Autonomia e criatividade abriram portas para que a exposição Maré de Cidadania ganhasse uma dimensão coletiva, poética e política, caracterizada pela inclusão de referências próprias do universo de experiência dos estudantes.

Acreditamos que discutir o tema cidadania constitui compromisso político e ético da escola, numa sociedade onde muitos direitos estão restritos ao mundo jurídico, sem, contudo, afetar o cotidiano daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A Maré de Cidadania procurou criar espaços onde o novo e o inusitado fossem valorizados pelo professor, despertando nos estudantes relações de cumplicidade e confiança e produzindo novos sentidos para o ensino de história.

A repetição, no decorrer da nossa escrita, da relação *apropriação/pertencimento* não foi algo gratuito ou descuido nosso, mas, ao contrário, se deveu ao objetivo de marcar posição político-pedagógica, estando ela associada a diferentes patrimônios musealizados, como aqueles encontrados no Museu Histórico Nacional e no Museu da Maré.

Sendo assim, a experiência Maré de Cidadania nos permitiu compreender o papel e a relevância do ensino de história vinculado aos patrimônios musealizados, sem negligenciar as relações híbridas com o mundo de experiência dos jovens estudantes concluintes do Ensino Fundamental e do currículo formal de história para o nono ano (MONTEIRO, s/d).

Sabemos, pois, que a Maré de Cidadania, mesmo caracterizada por uma dimensão de ineditismo, singularidade e subjetividade (LARROSA, 2015), marcada por lugares e demandas específicas dos sujeitos envolvidos, temos, todavia, a esperança de que a metodologia empregada e construída no percurso da pesquisa possa inspirar outras ações e experiências socialmente inclusivas de memórias, histórias e patrimônios.

Fica nosso relato e desejo de que o ensino de história se reverta cada vez mais em experiências comprometidas com o tempo presente e, principalmente, com a criação de espaços de liberdade destinados a pensar e intervir no mundo que herdamos e do qual temos responsabilidades e vontades que precisam ser consideradas quando optamos por interferir no currículo de história.

Estudantes, professores, ideias, conceitos, museus, escola, objetos, fotografias, passarelas, leituras, cumplicidade, confiança, poesia, criatividade, memória, história e tantos outros ingredientes foram articulados na tessitura de um conceito de cidadania marcado pela relação *apropriação/pertencimento*. Fica a certeza: fomos tocados quando entramos no Museu da Maré pela primeira vez, pela segunda e por todas as outras em que lá estivemos devorando aquele patrimônio. No afeto, na inspiração, no acolhimento, na solidariedade e generosidade do Museu da Maré encontramos a liberdade de atravessar uma passarela muito especial: aquela que nos conduziu à Maré de Cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro. Ed. Lamparina, 2009.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades**. Orientadora: Vera Maria Ferrão Candau. – 2012. 238 f. il. ; 30 cm Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2012.

ARAÚJO, Valdei L. **Aprender com a História?** Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2011, p. 144.

BITTENCOUT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo. Cortez. 2011.

BORNE, Dominique. Comunidade de Memória e Rigor Crítico. In: **Passados recompostos; campos e canteiros da história** / organização Jean Boutier & Dominique Julia; tradução de Marcella Mortara & Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei nº 8.069/90. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Senado Federal, Brasília, 2011.

_____. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas transversais - Pluralidade cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Educacenso. Disponível em: <http://www.educacenso.inep.gov.br/censobasico/#/>. Acesso em: 15 mar. 2016.

CANCLINI, Néstor G. **A sociedade sem relato: Antropologia e Estética da Iminência**. Tradução, Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. In: **Revista do Patrimônio cultural e Artístico Nacional – Cidades**, n° 23, Rio de Janeiro, IPHAN/Minc, 1994, p.94 – 115.

_____. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade.** Tradução Heloísa PezzaCintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAGAS, Mario de S. + **Direito à Memória.** Disponível em: <http://redemuseusmemoriaemovimentossociais.blogspot.com.br/2010/09/direito-a-memoria-mario-chagas.html> Acesso em: 01 abr. 2016.

_____. **Há uma gota de Sangue em cada Museu.:** a ótica museológica de Mário De Andrade. 2 ed. rev. e atual. Chapecó, SC: Argos, 2015.

_____. **Memória e poder:** dois movimentos. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Estudos Avançados de Museologia. 2011.

_____. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In: **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Átila Bezerra Tolentino (Org.).** – João Pessoa: Iphan, 2013. 108 p.: il.; 30 cm. – (Caderno Temático; 3)

CHAGAS, Mario de S.; ABREU, Regina. Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia.** 2007 pp. 129-152.

CHAGAS, Mário de Sousa; GODOY, Solange de Sampaio. Tradição e ruptura no Museu Histórico Nacional. In: **Anais do Museu Histórico Nacional.** Rio de Janeiro, vol. 27, 1995, p. 31 – 58.

CHERVEL, A. A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria& Educação**, Porto Alegre, v.2, p.177-229, 1990.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de ensino de história.** Campinas: Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História & Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. In: **Teoria e Educação.** Porto Alegre, n°5, 1992.

FREITAS. Normanda. Uma reflexão sobre o patrimônio. **Revista do Professor do Museu da República**, v. 1, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

_____. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativo do terceiro setor. – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: As Culturas como Patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, nº 23. 2005.

_____. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro. Ed. Lamparina, 2003.

_____. Os museus e a cidade. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro. Ed. Lamparina, 2003.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos. *In*: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In*: **Seduzidos pela memória**: arquiteturas, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006:308.

LARROSA, Jorge. **Tremores. Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. 2002.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Tradução de Lúcia Haddad. *In*: **Projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 1998.

MEDEIROS, Bianca Freire. Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. CPDOC/FGV. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 38, julho-dezembro de 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 09-23, 1992.

_____. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista História e Cultura Material**, São Paulo, n. 2, p. 9-42-75-84, 1994.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. **Ensino de História: entre história e memória**. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf> . S/d. p. 5 – 6. Acesso em: 27 jun. 2016.

_____. **Professores de História: Entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.

_____. Tempo presente no ensino de história: mediações culturais no currículo. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011.

MUSEU DA MARÉ. 2010. Disponível em: <<http://museudamare.org.br/joomla/>> Acesso em: 29 nov. 2015.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>>. Acesso em: 04. mar. 2016.

NEVES, Margarida de Souza. Museu – Memória – História. In **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, vol. 27, 1995, p. 19 – 30.

PEREIRA, Júlia Sales e ROZA, Luciano Magela. O ensino de história entre o dever de memória e o direito à história. **Revista História Hoje**. ANPUH/Brasil. 2012, p. 89 – 125.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de história**. Chapecó. Argos, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. Boaventura de Souza Santos, Marilena Chauí. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004b.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**; Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.

STUDART, Denise. C. Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. In: **Revista História, Ciências, Saúde**. V. 12 (suplemento) 2005. Manguinhos, Rio de Janeiro. pp. 55-77.

VIEIRA, Antônio Carlos P. Maré: casa e museu, lugar de memória. **Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia**. 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance. Percepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

APÊNDICE - FICHA DE SONDAGEM

Ficha de sondagem

Nome: _____

Idade _____ Gênero () masculino () feminino

Escola _____

1) Já visitou um museu? Se a resposta for não pule para a questão 5
() sim () não

2) Quantas vezes foi ao Museu?
() 1 vez () 2 ou 3 vezes () 4 vezes ou mais

3) Com quem foi ao Museu?
() com a escola () com a família () sozinho () com amigos

4) Gostou da(s) visita(s)?
() muito () pouco () não gostei

5) Leia as frases abaixo e marque a opção que esteja de acordo com a sua opinião em relação a museus:

Em museus históricos só existem objetos antigos, utilizados há muito tempo atrás.

Em museus históricos são preservados objetos de todas as camadas da sociedade.

Um objeto meu poderia fazer parte do conjunto de objetos de um museu histórico.

Em uma visita a um museu, o aluno só deve falar quando for questionado.

Em uma visita a um museu, o aluno deve seguir o roteiro indicado para entender a exposição corretamente.



Concordo



Concordo
parcialmente



Discordo
parcialmente



Discordo

6) Marque com um X as imagens que representam museus.



()



()



()



()

7) Marque com um X as imagens que representam objetos de museu.



()



()



()



()